

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

Yves de Albuquerque Gomes

**DESENVOLVIMENTO DE VALORES EM CRIANÇAS:
ESTRUTURA, TRANSMISSÃO, PERSONALIDADE E RELIGIOSIDADE**

Recife, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

**Desenvolvimento de Valores em Crianças:
Estrutura, Transmissão, Personalidade e Religiosidade**

Yves de Albuquerque Gomes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia Cognitiva, sob a orientação do Doutor Antonio Roazzi e na linha de pesquisa de Desenvolvimento Cognitivo.

Recife, 2015

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

G633d Gomes, Yves de Albuquerque.
Desenvolvimento de valores em crianças : estrutura, transmissão,
personalidade e religiosidade / Yves de Albuquerque Gomes. – 2015.
144 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Roazzi.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-
Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2015.
Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Crianças. 3. Valores. 4. Personalidade. 5.
Religião. I. Roazzi, Antonio (Orientador). II. Título.

153 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-10)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Yves de Albuquerque Gomes

“Desenvolvimento de Valores em Crianças: estrutura, transmissão, personalidade e religiosidade”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 23 de fevereiro de 2015

Banca Examinadora

Doutor Antonio Roazzi
UFPE

Doutora Suely de Melo Santana
Unicap

Doutora Hilda Freire e Assunção Bayma
FAMASUL

Doutor Bruno Campello de Souza
UFPE

Doutora Bianca Arruda Manchester de Queiroga
UFPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador, Antonio, a meu outro mentor, Bruno e a toda a Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE.

À banca da defesa de tese e às bancas anteriores, de qualificação da tese, defesa da dissertação e qualificação da dissertação.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

Às raras escolas particulares que receberam a pesquisa.

Aos colaboradores internacionais, Wolfgang e Anna, pioneiros no estudo científico de valores de crianças.

A minha família e amigos, especialmente minha esposa, Fabiana.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o desenvolvimento de valores em crianças, segundo a teoria de universais em valores humanos, de Schwartz. Para isso foram seguidas quatro vertentes. Primeiramente, a estrutura dos valores das crianças foi estudada, considerando-se como variável importante o tipo de escola frequentado pelos participantes – se particular ou pública. Em seguida foi enfocada a transmissão materna de valores, incluindo-se a verificação de se a transmissão indireta, mediada pela percepção da criança, seria mais intensa que a direta. A terceira linha inquisitiva abordou a personalidade e sua relação com valores. Finalmente, foi tratada a influência da religião e do grau de religiosidade, sobre os valores. Para a realização destas quatro investigações as crianças responderam ao *Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)*, um instrumento capaz de permitir que elas facilmente ponham seus valores num *ranking*, através de figuras com legendas. Além de responderem a este instrumento referindo-se a si mesmas, elas responderam-no também tomando o ponto de vista de suas mães. Já os valores das mães foram acessados pelo Questionário de Perfis de Valores (QVP). Este instrumento consiste em uma série de perfis que descrevem personagens. O respondente deve julgar o quão parecido consigo é o personagem no perfil de cada item. A personalidade foi examinada pelo *Ten Item Personality Inventory (TIPI)*, o qual foi respondido pelas mães, sobre si mesmas e sobre seus(a) filhos(a). E as questões sobre a religião e o grau de religiosidade fizeram parte de um questionário sociodemográfico. As análises foram feitas por escalonamentos multidimensionais, correlações bivariadas e comparações de médias. Os resultados acerca da estrutura dos valores das crianças mostraram que a escola particular não conduz a uma estrutura mais semelhante à teórica. No entanto, o conteúdo dos valores de estudantes de escolas privadas é sistematicamente mais sofisticado. A transmissão materna de valores contou com resultados que corroboraram a hipótese de que a transmissão indireta é mais forte que a direta. Os traços de personalidade representados no *TIPI* relacionaram-se a uma das dimensões de valores. A religião e o grau de religiosidade fundiram-se a essa mesma dimensão, de abertura *versus* conservadorismo. O conjunto de achados da pesquisa possibilitou a formulação de um mapa conceitual integrativo sobre o desenvolvimento de valores em crianças brasileiras. Esta integração inclui o tipo de escola, a personalidade e a religião e grau de religiosidade das mães; bem como variáveis externas de sexo e idade. Os dados forneceram também algumas pistas otimistas sobre a adequação do *PBVS-C* às crianças brasileiras. Os desvios encontrados até então, quando analisados conjuntamente, apontam para causas em fenômenos culturais inerentes às escolas. Espera-se que estes achados contribuam para o aprimoramento do *PBVS-C* e para o avanço e integração da psicologia acerca de valores, personalidade e religião.

Palavras-chave: valores de crianças, Schwartz, transmissão, religião, personalidade.

ABSTRACT

This research had the goal of investigating the development of children's values, according to the theory of universals in human values, by Schwartz. To accomplish this goal, four lines of inquiry were followed. Firstly, the children's values structure was studied, considering an important variable the type of school – if private or public. Then the transmission of values from mother to child was focused, including the verification of whether or not the indirect transmission, mediated by the child's perception, was more intense than the direct one. The third line of inquiry approached the personality and its relation with values. Finally, the influence of religion and degree of religiosity over values was treated. So that these four investigations could be performed, the children answered the Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C), an instrument capable of allowing them to easily put their values in a ranking, using pictures with captions. Besides answering this instrument about themselves, they answered it taking their mother's point of view. As for the mothers' values, these were accessed through the Portrait-Value Questionnaire (PVQ). This instrument is formed by a series of portraits which describe characters. The participant must judge how similar to himself is the portrait in each item. The personality was examined by the Ten Item Personality Inventory (TIPI), which was answered by the mothers, about themselves and their children. And the questions about religion and degree of religiosity were included in a socio-demographic questionnaire. The analyses were made by multidimensional scaling, bivariate correlations and means comparisons. The results about the children's values structure showed that private schools do not lead towards a structure closer to the theoretical one. However, the content of the values in private school students is systematically more sophisticated. The transmission of values from mother to child had results that corroborated the hypothesis that the indirect transmission is stronger than the direct one. The personality traits represented in the TIPI related to one of the dimensions of values. Religion and degree of religiosity merged with this same dimension, of openness versus conservation. The conjunction of findings in this research allowed the formulation of an integrative conceptual map about the development of Brazilian children's values. This integration includes the school type, personality and religion and degree of religiosity of the mothers; as well as external variables of sex and age. The data also provides optimistic clues regarding the adaptation of the PBVS-C to Brazilian children. The deviations found so far, when analyzed together, suggest causes in cultural phenomena inherent to the schools. It is expected that these finds contribute to the betterment of the PBVS-C and to the advancement and integration of the psychology about values, personality and religion.

Keywords: children's values, Schwartz, transmission, religion, personality.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Modelo da teoria de valores de Schwartz. (19)
- Figura 2:** Esquema do modelo funcional de valores de Gouveia. (22)
- Figura 3:** *MDS* da amostra de escola particular. (48)
- Figura 4:** *MDS* da amostra de escola particular de oito a dez anos. (49)
- Figura 5:** *MDS* da amostra de escola particular de 11 e 12 anos. (49)
- Figura 6:** *MDS* da amostra de escola pública. (51)
- Figura 7:** *MDS* com amostra de escolas particular e pública. (52)
- Figura 8:** *MDS* dos valores das mães, mediante o QPV. (54)
- Figura 9:** *MDS* dos valores das mães avaliados pelas crianças. (57)
- Figura 10:** síntese do conteúdo dos valores em relação às variáveis externas. (90)
- Figura 11:** síntese da transmissão materna de valores. (100)
- Figura 12:** síntese das relações entre valores e personalidade e religião. (109)
- Figura 13:** síntese das relações entre valores, personalidade e religião. (113)

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1:** estatísticas descritivas dos itens do *PBVS-C* nas escolas particulares. (47)
- Quadro 2:** estatísticas descritivas dos itens do *PBVS-C* nas escolas públicas. (50)
- Quadro 3:** estatísticas descritivas dos itens do QPV. (55)
- Quadro 4:** estatísticas descritivas dos valores das mães percebidos pelas crianças. (61)
- Quadro 5:** comparação das médias dos traços de personalidade entre mães e crianças. (68)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: correlações bivariadas entre valores autorrelatados de mães e crianças. (59)

Tabela 2: correlações bivariadas entre os valores autorrelatados das crianças e os valores que percebem nas mães. (62)

Tabela 3: correlações entre os valores autorrelatados das mães e a percepção das crianças sobre os valores das mães. (65)

Tabela 4: correlações bivariadas entre os traços de personalidade das mães. (67)

Tabela 5: correlações bivariadas entre os traços de personalidade das crianças. (67)

Tabela 6: correlações bivariadas entre os traços de personalidade de mães e crianças. (67)

Tabela 7: correlações bivariadas entre valores e traços de personalidade da mãe. (69)

Tabela 8: correlações bivariadas entre os valores das crianças e a personalidade da mãe. (70)

Tabela 9: correlações bivariadas entre valores das mães e a personalidade que atribuem aos(a) filhos(a). (71)

Tabela 10: correlações bivariadas entre personalidade da mãe e seus valores percebidos pela criança. (72)

Tabela 11: correlações bivariadas entre os valores das mães avaliados pelas crianças mães e a personalidade das crianças avaliada pelas mães. (73)

Tabela 12: correlações bivariadas entre os valores das crianças avaliados pelas mães e a personalidade das mães avaliada pelas crianças. (74)

Tabela 13: correlações bivariadas entre a bússola moral e os valores das mães. (75)

Tabela 14: correlações bivariadas entre religião e valores das mães. (76)

Tabela 15: correlações bivariadas entre os valores das crianças e a religião de suas mães. (77)

Tabela 16: correlações bivariadas entre os valores das mães avaliados pelas crianças e a religião das mães. (78)

Tabela 17: valores das mães católicas relacionados à percepção dos valores de seus valores, pelas crianças. (79)

Tabela 18: valores das mães protestantes relacionados à percepção dos valores de seus valores, pelas crianças. (81)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO (13)

1 Estrutura de Valores em Crianças (14)

1.1 Valores na Psicologia (14)

1.2 Pesquisas sobre Valores (15)

1.3 Valores de Crianças (27)

2 Transmissão de Valores das Mães às Crianças (30)

3 Valores e Personalidade (34)

4 Valores e Religião (38)

5 Método (42)

2.2.1 Amostra (42)

2.2.2 Instrumentos (42)

2.2.3 Procedimento de Coleta de Dados (44)

2.2.4 Procedimento de Análise (45)

6 Resultados (46)

6.1 Estrutura de Valores em Crianças (46)

6.1.1 Escola Particular (46)

6.1.2 Escola Pública (50)

6.1.2 Escola Pública (51)

6.2 Transmissão Materna de Valores (53)

6.2.1 Valores das Mães (53)

6.2.2 A Avaliação das Crianças sobre os Valores das Mães (56)

6.2.3 Transmissão Direta de Valores de Mães a Crianças (58)

6.2.4 Transmissão Indireta de Valores de Mães a Crianças (60)

6.2.5 A Acuidade da percepção das Crianças sobre os Valores das Mães (64)

6.3 Valores e Personalidade (66)

6.3.1 Personalidade de Mães e Crianças (66)

6.3.2 Valores e Personalidade Acessados por Autoavaliação (68)

6.3.2 Valores e Personalidade Incluindo Hétero-Avaliações (70)

6.4 Valores e Religião (74)

6.4.1 Religião e Grau de Religiosidade (74)

6.4.2 Valores e Grau de Religiosidade (74)

6.4.2 Religião e Valores (76)

7 Discussão (82)

7.1 Estrutura de Valores em Crianças (82)

7.1.1 Escola Particular (82)

7.1.2 Escola Pública (87)

7.1.2 Escola Pública (88)

7.2 Transmissão Materna de Valores (91)

7.2.1 Valores das Mães (91)

7.2.2 A Avaliação das Crianças sobre os Valores das Mães (92)

7.2.3 Transmissão Direta de Valores de Mães a Crianças (94)

7.2.4 Transmissão Indireta de Valores de Mães a Crianças (96)

7.2.5 A Acuidade da percepção das Crianças sobre os Valores das Mães (98)

7.3 Valores e Personalidade (101)

7.3.1 Personalidade de Mães e Crianças (101)

7.3.2 Valores e Personalidade Acessados por Autoavaliação (103)

7.3.2 Valores e Personalidade Incluindo Hétero-Avaliações (105)

7.4 Valores e Religião (109)

7.4.1 Religião e Grau de Religiosidade (109)

7.4.2 Valores e Grau de Religiosidade (110)

7.4.2 Religião e Valores (111)

CONSIDERAÇÕES FINAIS (114)

Síntese dos Achados (114)

Direções Futuras (116)

REFERÊNCIAS (118)

ANEXOS (124)

APÊNDICES (139)

APRESENTAÇÃO

Esta tese teve como objetivo geral a investigação do desenvolvimento de valores em crianças. Este foi buscado mediante quatro objetivos específicos, correspondentes à investigação da (a) estrutura dos valores em crianças brasileiras, considerando-se o tipo de escola; (b) a transmissão materna de valores; (c) a relação entre personalidade e valores; e (d) a relação entre valores e religião.

Cada uma dessas metas conta com uma revisão de literatura pertinente à sua investigação e integração teórica pretendidas. Após esta sessão introdutória da tese, segue o método, que tratará de todas as amostras e instrumentos utilizados para as quatro linhas investigativas. Os resultados são apresentados para os quatro temas. Só então é escrita a discussão, que segue os mesmos tópicos e a mesma ordem usada nos resultados. Tópicos mais avançados fazem referências, integrações e sínteses com tópicos anteriores.

As considerações finais resumem os achados e sugerem estudos futuros.

1 Estrutura de Valores em Crianças

1.1 Valores na Psicologia

Entre os conceitos mais importantes da psicologia está o de valores. A preocupação com o estilo de vida das pessoas é antiga e diz respeito a algo diferente da inteligência e que vai além da personalidade. Dentro da ciência, os valores ganharam a atenção de alguns pesquisadores, os quais trouxeram proposições diversas, porém com algumas similaridades importantes, em muitos casos. Tais similaridades facilitaram definições em comum para teorias diferentes, tornando mais fecundo o debate entre cientistas e mais vigoroso o progresso do conhecimento sobre valores.

Valores dizem respeito ao que as pessoas acham importante, a suas aspirações e códigos de conduta. Os valores de uma pessoa tendem a transcender situações específicas e ir além da especificidade associada a atitudes (Schwartz, 1992). E os valores são também, de certa forma, mais amplos que traços de personalidade, por conterem necessariamente aspectos cognitivos, por serem ideias; enquanto que traços de personalidade podem ser meramente perceptíveis em terceira pessoa e não requerer ideias por parte de seu detentor.

Os valores de um indivíduo são geralmente bastante estáveis, não mudando com uma alta frequência. No entanto, as pessoas não nascem com uma estrutura de valores pronta; mas adquirem uma ao longo de seu desenvolvimento. A estrutura de valores de adultos obedece um poderoso padrão universal (Schwartz, 2007), mas resta ainda saber a partir de que idade os humanos tendem a adotar tal estrutura.

Proveniente desta curiosidade é o recente interesse crescente em valores de crianças, na psicologia. Pré-adolescentes e crianças mais novas têm sido estudados mediante instrumentos especificamente construídos para suas demandas cognitivas (Roazzi, *et al.*, 2011). Os resultados têm sido de que as crianças gradativamente assumem a estrutura de valores possuída pelos adultos, mas ainda há poucas pesquisas na direção de proposições

universais sobre o desenvolvimento dessa estrutura (Döring, *et al.*, 2010). Este estudo pretende avançar o conhecimento nesta área, fornecendo uma visão dos valores em crianças brasileiras e comparando escolas particulares e públicas, em relação aos valores de seus estudantes.

1.2 Pesquisas sobre Valores

Numerosas publicações trouxeram diversas concepções de valores. Uma compilação de diferentes conceitos de valores presentes na literatura pode ser encontrada em Rohan (2002). Muito cedo houve formulações teóricas acerca da motivação humana (Maslow, 1943). Quanto a estudos empíricos sobre valores, Morris e Rokeach produziram trabalhos dignos de nota.

The thirteen ways to live (Morris, 1956, 1973) foi um instrumento desenvolvido em 1956 e republicado em 1973. Contém 13 formas de viver descritas, cada uma, em um parágrafo. Solicita-se ao respondente que julgue numa escala de um a sete (variando de gosto muito a desgosto muito) cada forma de viver.

Rokeach (1973) teve bastante influência na literatura ao dividir valores em instrumentais e terminais. Os instrumentais seriam formas de se comportar. Já os terminais são os objetivos que se tem ao longo da vida. Sua teoria foi bem incorporada no *Rokeach Value Survey* (Rokeach, 1973), um instrumento que contém duas listas de 18 itens, uma para valores instrumentais e outra para terminais. Os sujeitos devem colocar os valores de cada lista em ordem do mais importante para o menos.

Segundo a perspectiva de Schwartz (1994) o conceito de valores se refere ao que se atribui importância, ao que se dá valor. Perguntas como ‘O que é pessoalmente valioso para mim?’ e ‘Quais são meus objetivos na vida?’ têm a ver com valores. Questões desse tipo

derivam da tendência humana de atribuir significado a suas vidas e, portanto, presume-se que são centrais para nossa espécie (Döring, 2008).

Dentre as principais formulações teóricas sobre valores na literatura científica; as de Allport, Levy e Guttman, Maslow, Morris, Pepper, Rokeach, Scott e a do próprio Schwartz; há elementos formais em comum (Bilsky & Schwartz, 1994). Mais tarde, os elementos foram também adotados pela teoria funcional de valores, de Gouveia (Gouveia *et al.*, 2010). Segundo esses autores, valores (a) são conceitos ou crenças; (b) existem em relação a aspirações ou comportamentos; (c) transcendem situações específicas; (d) guiam a seleção e avaliação de comportamentos e eventos; e (e) são estruturados por ordem de importância. A conjunção desses predicados fornece uma extensa e precisa definição do conceito de valores. O fato de haver tal similitude nas definições adotadas por esses pesquisadores facilita o diálogo acadêmico, prevenindo contra o problema de se ‘discutir semântica’.

Achados científicos orientados por essa definição já revelaram padrões de valores bastante estáveis e complexos em adultos e adolescentes de diversas culturas (Döring, 2008). Alguns atributos passaram a ser considerados como universais, no sentido de estarem presentes em todas as culturas. Isso indica que os humanos têm mais em comum uns com os outros do que muitos poderiam antes imaginar, em relação a valores.

Estudos em mais de 60 países têm seguido o referencial teórico estabelecido por Schwartz, desde sua proposição inicial (Roazzi *et al.*, 2011; Paryente e Orr, 2010; e Tamayo e Porto, 2009). Seu modelo fornece uma visão compreensiva de conteúdos universais em valores humanos. Schwartz (1992) define valores como transituacionais conceitos ou crenças sobre metas conscientes. São conceitos mais amplos que ações específicas, normas ou atitudes. O conteúdo dos valores é baseado nas metas motivacionais que eles expressam. Schwartz distingue, com base em estudos empíricos, dez valores básicos, os quais são relacionados dinamicamente, formando uma estrutura circular (Schwartz, 1992).

Os dez tipos de valores básicos são: ‘poder’, ‘realização’, ‘hedonismo’, ‘estimulação’, ‘autodirecionamento’, ‘segurança’, ‘conformidade’, ‘tradição’, ‘benevolência’ e ‘universalismo’. Há também os Valores de Ordem Maior (VOM, tradução de *Higher-Order-Values, HOV*), os quais são formados por aglomerados de valores básicos e constituem as metas motivacionais. Os VOM são: *autopromoção*, constituído por ‘poder’ e ‘realização’; *autotranscendência*, formado por ‘benevolência’ e ‘universalismo’; *abertura a mudanças*, por ‘estimulação’ e ‘autodirecionamento’; e *conservação*, que compreende ‘segurança’, ‘conformidade’ e ‘tradição’. O valor básico ‘hedonismo’ não se encaixa num VOM, mas fica entre *autopromoção* e *abertura a mudanças*, geralmente estando mais próximo deste.

Além de enumerar os valores básicos e os de ordem maior, convém descrevê-los. Eis os tipos de valores básicos (Schwartz, 1994):

- Poder: *status* e prestígio social, controle ou dominância sobre pessoas e recursos;
- Realização: sucesso pessoal mediante demonstração de competência, de acordo com padrões sociais;
- Hedonismo: prazer e gratificação sensitiva;
- Estimulação: excitação, novidade e desafio;
- Auto-direção: pensamento e ação independentes, criar, escolher e explorar;
- Segurança: cautela, harmonia e estabilidade da sociedade, das relações sociais e de si mesmo;
- Conformidade: **restrição** de ações, inclinações ou impulsos que possam perturbar ou machucar os outros e violar expectativas e normas sociais;
- Tradição: respeito, compromisso e aceitação de costumes e ideias provenientes de culturas tradicionais ou religiões;
- Benevolência: preservação e melhoria do bem-estar de pessoas com quem se tem contato freqüente;

- Universalismo: entendimento, apreciação, tolerância e preservação do bem-estar de todas as pessoas e da natureza.

Esses dez tipos são divididos em três categorias. Os de interesse individual são: ‘poder’, ‘realização’, ‘hedonismo’, ‘estimulação’ e ‘autodireção’. Em oposição, os de interesse coletivo são: ‘benevolência’, ‘tradição’ e ‘conformidade’. ‘Universalismo’ e ‘segurança’ são tipos de valores básicos que não se encaixam exatamente nas categorias ‘individual’ ou ‘coletiva’, sendo então considerados como ‘mistos’.

A seguir, os valores de ordem maior (Schwartz, 2005):

- Autopromoção: formado por ‘poder’ e ‘realização’, significa a busca por interesses pessoais;
- Autotranscendência: inclui ‘benevolência’ e ‘universalismo’ e representa a consideração do bem-estar e dos interesses de outrem;
- Abertura a mudanças: compreende ‘estimulação’ e ‘autodireção’, significando independência de pensamento e ação e um interesse acentuado em novidades;
- Conservação: constitui-se de ‘segurança’, ‘conformidade’ e ‘tradição’, referindo-se a preservação do *statu quo*, da ordem e de auto-restrições.

Resta explicar a dinâmica dos VOM. ‘Autopromoção’ constitui o primeiro polo da primeira dimensão e se opõe a ‘autotranscendência’, que fica no segundo polo da primeira dimensão. Isso simboliza o contraste que tende a existir entre a busca pelos interesses próprios e a consideração pelas outras pessoas. Na segunda dimensão encontra-se no primeiro pólo a ‘abertura a mudanças’, oposta à ‘conservação’, a qual fica no segundo. A interpretação de tal oposição é bastante intuitiva e refere-se à dificuldade em conciliar conservação e mudança.

E os quatro VOM podem ainda ser divididos em pares opostos (Bilsky, Borg, Janik & Groenen, 2013). ‘Autopromoção’ e ‘conservação’ agrupam-se como ‘prevenção de perda’, valores atrelados a ansiedade e necessidades mais básicas. Estes se opõem a ‘Abertura a

mudanças' e 'autotranscendência', os quais formam 'promoção de ganho', que reúne valores relacionados a crescimento e a aspirações que tendem a existir uma vez que as necessidades mais básicas sejam satisfeitas. A outra divisão dos VOM é a entre Abertura a mudanças e autopromoção formando os valores pessoais e autotranscendência e conservação fundindo-se em valores sociais (Bilsky, Borg, Janik & Groenen, 2013). A estrutura circular resultante pode ser visualizada na figura 1.



Figura 1: modelo da teoria de valores de Schwartz (2005).

Dentro dessa dinâmica, os valores são conceitos eminentemente comparativos. Os valores de cada pessoa formam um sistema de prioridades (Schwartz, 2007). Dessa forma, se alguém for posto em cheque por um dilema, tenderá a optar pela opção que não fira seus valores mais preciosos.

Essa teoria foi corroborada por diversos estudos ao redor do mundo, em adultos. A princípio o instrumento utilizado nesses estudos foi o *Schwartz Value Survey (SVS)*

(Schwartz, 1992). Entretanto, algumas populações investigadas, como da África sub-Saara, Malásia, Índia e de áreas rurais de nações menos desenvolvidas, mostraram padrões que desviavam da teoria (Schwartz & Bardi, 2001). Foi questionado se essa discrepância estava entre as populações e a teoria, ou se residia em alguma característica do instrumento.

Por essa razão, cogitou-se desenvolver um novo instrumento. O SVS era abstrato em demasia e esta era a suposta razão de sua inadequação a algumas populações. O novo instrumento deveria, então, ser mais concreto e simples. O *Portrait Value Questionnaire* (PVQ) surgiu desse esforço (Schwartz *et al.*, 2001; e Schwartz, 2005), e teve sucesso em encontrar a harmonia entre a teoria e as populações previamente mencionadas. Neste instrumento de 40 itens, para cada item é perguntado ‘O quanto essa pessoa é como você?’ e a resposta é dada no formato de uma escala de um a seis. Os itens são retratos – não figuras, mas descrições verbais – de um personagem genérico que o respondente deve comparar a si mesmo. Cada valor básico conta com duas descrições para exemplificá-lo e medi-lo. Por exemplo, para *poder*, os itens são ‘Ser rico é importante para ele. Ele quer ter muito dinheiro e coisas caras.’ e ‘É importante para ele ser respeitado pelos outros. Ele quer que as pessoas façam o que ele diga.’ (Döring, 2008).

O PVQ foi bem sucedido onde o SVS não fora adequado. O novo instrumento conseguiu captar a estrutura dos valores das culturas que antes estavam metodologicamente fora de alcance. Os resultados, então, foram os previstos pela teoria. Por ser menos abstrato, o PVQ possibilitou uma visão mais global da estrutura universal dos valores humanos.

No Brasil o PVQ já foi utilizado e rendeu resultados prototípicos, com os 40 itens de sua versão original, traduzidos para o português brasileiro (Tamayo & Porto, 2009). O nome do instrumento foi traduzido como Questionário de Perfis de Valores (QPV). Numa amostra de universitários, de maioria feminina e não-religiosa, o QPV já encontrara resultados esperados pela teoria de Schwartz (Gouveia *et al.*, 2001). Uma versão adaptada do

instrumento foi aplicada a administradores (Almeida & Sobral, 2009). As adaptações incluíram a redução do número de itens, de 40 para 21. Outra mudança foi a de perspectiva, pois a amostra se tratava de indivíduos com grau superior de escolaridade, que supostamente não necessitariam do formato projetivo (de se identificar com retratos) da versão original do PVQ; e uma versão mais direta do instrumento, mostrando os atributos diretamente, facilitaria a coleta. O instrumento foi também traduzido para o português, para sua aplicação numa amostra brasileira. O estudo concluiu que os brasileiros não são uma exceção ao modelo universal de Schwartz e que o PVQ é um instrumento promissor para investigar os valores de brasileiros adultos.

Outro estudo envolvendo valores no Brasil (Martínez e García, 2008) fez uso da teoria de Schwartz e contou com a aplicação do Inventário de Valores de Schwartz, (Schwartz, 1992). A amostra foi de adolescentes e o estudo traçou uma relação entre estilos parentais (avaliados pelos próprios adolescentes) e a autoestima e os valores desses jovens. Os participantes que avaliaram seus pais como autoritários foram os que tiveram menores escores nos valores de ordem maior de conservação e auto-transcendência (Martínez & García, 2008).

Buscando uma concepção mais compreensiva em relação ao que foi desenvolvido mediante o PVQ, por Schwartz, Gouveia desenvolveu uma teoria funcional dos valores humanos. Esta nova concepção não se desenvolveu de forma concorrente a outras teorias contemporâneas de valores, como as de Schwartz e Rokeach; mas como um modelo integrador e mais parcimonioso (Gouveia *et al.*, 2010). Essa teoria funcional assume que os valores são representações cognitivas de necessidades humanas, tanto individuais, como de instituições e sociedades. Tal suposição converge com teorizações de Rokeach (1973). A ideia de que os valores representam necessidades humanas encaixa-se então como uma sexta característica fundamental, nas cinco características adotadas comumente pelos diversos teóricos supramencionados, para compor a definição de valores humanos. A lista com os seis

elementos fica, portanto: (a) são conceitos ou crenças; (b) existem em relação a aspirações ou comportamentos; (c) transcendem situações específicas; (d) guiam a seleção e avaliação de comportamentos e eventos; (e) são estruturados por ordem de importância; e (f) representam cognitivamente as necessidades humanas.

Os atributos ‘d’ e ‘f’ têm relevância acentuada na teoria. As duas funções básicas dos valores humanos são (d) guiar a conduta e (f) representar necessidades. Há também subfunções. Na função de guiar a conduta existem diferentes tipos de orientação, a saber: social, central e pessoal – respectivamente análogas às categorias coletiva, mista e individual, na teoria de Schwartz. Quanto à representação de necessidades, há dois tipos de motivação: materialista (pragmático) e humanitário (idealista). Unindo-se as os tipos de orientação e os tipos de motivação em duas dimensões, resultam seis subfunções. No tipo humanitário de motivação, as subfunções são: interativa, suprapessoal e de experimentação, para as orientações: social, central e pessoal, respectivamente. No tipo materialista de motivação, as subfunções são: normativa (social), de existência (central) e realização (pessoal) (Gouveia, 2010). O modelo pode ser mais facilmente visualizado na figura 2.

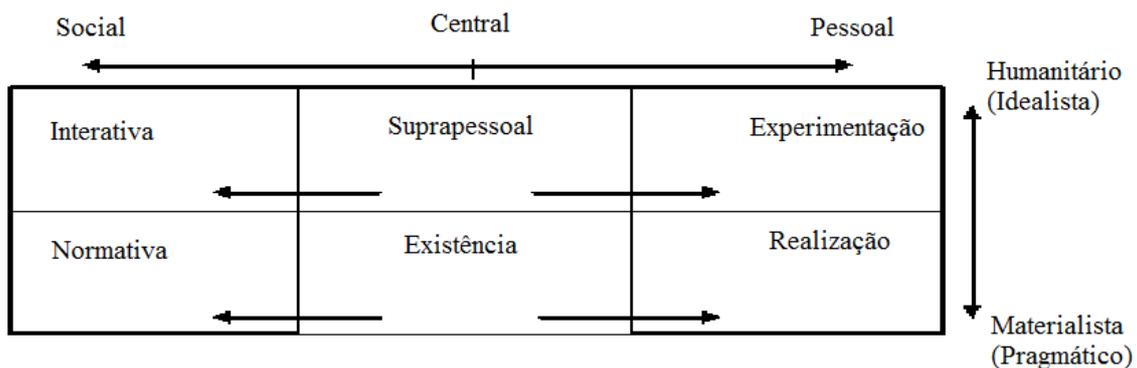


Figura 2: Esquema do modelo funcional de valores de Gouveia.

Antes de prosseguir para a exposição da estrutura e do conteúdo das subfunções vale salientar que a teoria funcional considera apenas os valores terminais, não considerando como valores propriamente ditos os valores instrumentais. Segundo a distinção iniciada por Rokeach (Rokeach, 1973), valores terminais constituem objetivos a serem alcançados ou

estados a serem mantidos; enquanto que instrumentais seriam formas de se comportar ou objetos, que segundo a teoria funcional, não devem ser considerados como valores (Gouveia *et al.*, 2010). Com a especificidade dos valores terminais sendo acentuadamente considerada o conteúdo e a estrutura das subfunções são apresentado a seguir.

Em primeiro lugar, é crucial expor que o papel da orientação central é de fato central. É das subfunções suprapessoal e de existência que partem as outras subfunções. As subfunções centrais servem como uma base para as demais. O conteúdo da faceta suprapessoal inclui os valores: conhecimento, maturidade e beleza; representando necessidades estéticas e de cognição. Já a faceta de existência é composta por: saúde, sobrevivência e estabilidade pessoal; valores ligados a necessidades fisiológicas básicas e necessidades de segurança. Essas são as duas subfunções de orientação central (Gouveia *et al.*, 2010).

Na orientação social as subfunções são interativa e normativa. A interativa contém: afetividade, convivência e apoio social; compondo a experiência afetiva entre indivíduos. Por sua vez, a subfunção normativa relaciona-se aos valores: tradição, obediência e religiosidade; os quais semeiam controle e a manutenção de pré-condições para a satisfação de necessidades mais básicas.

Por fim, a orientação pessoal é também dividida por dois tipos de motivação. A subfunção de experimentação está atrelada aos valores: sexualidade, prazer e emoção; os quais promovem mudança, inovação e satisfação de necessidades fisiológicas. Por outro lado, a subfunção de realização relaciona-se a: êxito, prestígio e poder; substanciando necessidades de autoestima e apreço por hierarquias meritocráticas (Gouveia *et al.*, 2010).

A observação do modelo funcional de Gouveia traz novas questões relevantes no assunto dos valores humanos, especialmente se a teoria funcional for comparada ao modelo de Schwartz. Uma novidade trazida pela teoria funcional é a inclusão do valor 'êxito' como

diferenciado de ‘prestígio’. Na teoria de Schwartz (1992) o tipo de valor básico ‘realização’ corresponde apenas à demonstração de habilidade e à comparação com os outros; não incluindo o êxito por si só, isolado de comparações com outras pessoas ou demonstrações do sucesso. Outra diferença é a separação entre tradição e religiosidade. Na teoria funcional, são considerados valores distintos; enquanto que na de Schwartz religiosidade faz parte de tradição. A modelo funcional introduz também os valores de existência, os quais não estão presentes no de Schwartz. E a teoria de Gouveia conta com seis subfunções, sendo um modelo mais parcimonioso que o dos dez tipos de valores básicos de Schwartz.

Além de ter sido respaldada empiricamente, a teoria funcional de valores levou a outros resultados dignos de nota. Mediante o Questionário de Valores Básicos (QVB), foi descoberto que a subfunção de realização costuma ser mais acentuada em jovens adultos em fase produtiva, bem como em indivíduos educados em contextos disciplinares (Gouveia *et al.*, 2010). A idade como variável para uma subfunção é um aspecto intrigante dos resultados, pois os valores são compreendidos de forma geral como sendo relativamente estáveis ao longo da vida. Entretanto, essa variação já é prevista na teoria de Schwartz (Schwartz, 1992).

Outro achado importante foi a correspondência entre o nível de desenvolvimento do país dos participantes e a preferência pelo tipo de motivação suprapessoal – quanto maior o nível de desenvolvimento, maior a preferência por esse tipo de motivação (Gouveia *et al.*, 2010). Essa informação dá margem à interpretação de que as sociedades tornam-se gradativamente menos focadas em questões básicas de existência, ao passo em que vão se dedicando mais a aspectos mais sofisticados. Mostra-se adequada a explicação de que gerações que crescem sem se preocupar com questões básicas de sobrevivência são as que tendem a desenvolver valores mais cognitivos e menos normativos (Inglehart & Welzel, 2009). Como o nível de desenvolvimento dos países é uma variável normativa, este achado

pode indicar o princípio de uma busca por uma avaliação normativa dos valores e suas funções, o que tenderia a aumentar a aplicabilidade teorias de valores humanos.

Teorias de valores têm sido aplicadas a outros estudos. Há pesquisas ligadas a administração e economia (para uma revisão da literatura, ver Meligno & Ravlin, 1998). Na Holanda, foram investigadas relações entre liderança carismática, inteligência emocional, valores organizacionais e valores pessoais de líderes. A teoria de Schwartz foi utilizada para complementar a investigação. Foram usados cinco itens distribuídos para acessar valores pertencentes aos tipos básicos de hedonismo, estimulação, tradição e poder. Foi encontrada uma relação entre liderança carismática e a convergência do valor organizacional ‘ambicioso’. E essa relação foi mediada positivamente pela Inteligência emocional, para o caso dos valores organizacionais ‘inovador’ e ‘orientado para pessoas’ (Elbers, no prelo).

Na Espanha um estudo traçou perfis de consumidores de itens de moda, de acordo com a tipologia de valores de Schwartz, considerando similaridades com as proposições de Rokeach e a teoria funcional dos valores de Gouveia. O instrumento usado foi uma versão modificada do Inventário de Valores de Schwartz, ao qual foram acrescentados itens que supostamente seriam adequados à população espanhola no que diz respeito ao contexto de consumo têxtil e de moda (Vigaray & Hota, 2008).

As modificações foram guiadas por distinções de valores internacionais (culturais), segundo recomendações por Schwartz (Schwartz, 1999). Os valores internacionais distribuem-se em três dimensões. Os polos dessas dimensões são: hierarquia versus igualitarismo; maestria versus harmonia; e conservadorismo versus autonomia afetiva e intelectual. A hierarquia refere-se à legitimidade de uma distribuição desigual de recursos e cargos de poder. O igualitarismo é a transcendência de interesses egoístas e a adoção de aspirações a um bem-estar coletivo. Maestria é uma questão de se pôr à frente, mediante assertividade. Harmonia é encaixar-se no ambiente, de forma harmoniosa. O conservadorismo

é a manutenção do *status quo* e da propriedade, bem como a restrição de ações que possam perturbar a solidariedade de grupos e a ordem tradicional. Autonomia intelectual corresponde a ideias independentes e ao direito de um indivíduo de seguir seus próprios direcionamentos intelectuais. E, por fim, a autonomia afetiva se constitui na busca individual por experiências afetivamente positivas.

De fato, os resultados indicaram que a população espanhola tem os peculiares valores ‘ecologia’ e ‘espiritualidade’, os quais são comumente percebidos como conceitos importantes no que diz respeito à indústria têxtil e da moda (Vigaray & Hota, 2008). Ademais, foram traçados quatro perfis de consumidores dessa indústria. O primeiro perfil é ‘preocupado com segurança, não-inovador e não-motivado por ecologia’, correspondendo aos escores mais altos em ‘segurança’ e aos escores mais baixos em ‘estimulação’ e ‘ecologia’. O segundo é ‘rebeldes sociais’, com baixa importância atribuída a ‘realização’, ‘benevolência’, ‘segurança’ e ‘auto-direcionamento’. Como terceiro perfil, encontrou-se ‘indivíduos que buscam tradição, mas que são ecologicamente conscientes e altamente inovadores’; com escores altos em ‘tradição’, ‘estimulação’ e ‘ecologia’. Finalmente, o quarto perfil de consumidor é ‘não-tradicional e altamente ambicioso’, atribuindo a mais baixa importância a ‘tradição’, ao passo em que valoriza grandemente ‘realização’ e ‘poder’ (Vigaray & Hota, 2008). Esses perfis foram obtidos mediante uma extensa aplicação do modelo de Schwartz e podem ser ferramentas promissoras para a indústria têxtil de moda na Espanha, tanto em termos de moldar seus produtos, como de publicidade; além de contribuir para um entendimento maior da cognição de consumidores.

Valores têm sido também um conceito relevante nas ciências políticas. Uma fonte proeminente de evidências empíricas sobre valores no contexto político é o *World Values Survey* (WVS) (Inventário Mundial de Valores). Dados foram coletados de 1981 a 2007 em cinco ‘ondas’. Dentre os resultados estão fatos bastante sólidos que dizem respeito a visões de

mundo de pessoas que vivem em sociedades ricas diferenciarem-se sistematicamente das de pessoas provenientes de sociedades pobres (Inglehart & Baker, 2000; e Inglehart & Welzel, 2009). Essas diferenças ocorrem no que tange normas políticas, sociais e religiosas. No que tange pesquisas trabalhadas por meio do modelo de Schwartz, um estudo também na esfera de ciências políticas rendeu resultados relacionados ao WVS. O fator ‘autonomia’ é diretamente relacionado ao nível de desenvolvimento humano (Gouveia & Ros, 2000). E foram reveladas também relações entre os valores de Schwartz e a intenção de voto (em direita ou esquerda) e o ativismo político (Schwartz, no prelo).

Há duas dimensões básicas para as divergências nos valores investigados mediante o WVS, polarizadas por tradicional versus racional e sobrevivência versus auto-expressão. A mudança de tradicional para racional está ligada à transição de sociedades agrárias para industriais. Essa passagem ocorre pela diminuição de valoração da religiosidade, tradição e autoritarismo; na medida em que as pessoas se tornam mais racionais. A transformação de sobrevivência para auto-expressão parece condicionada pelo desenvolvimento pós-industrial. Quando as pessoas podem se dar ao luxo de não se preocupar com a sobrevivência, os valores relacionados à liberdade de expressão, à tolerância e ao ativismo político tendem a aflorar. A evolução das sociedades ao longo dessas duas dimensões parece ser guiada pelo desenvolvimento econômico e tecnológico e ser responsável pelo surgimento e manutenção da democracia (Inglehart & Welzel, 2009). É digna de nota a semelhança entre o progresso nessas dimensões e a polarização entre tipos de motivação suprapessoal e de existência, na teoria funcional de valores (Gouveia *et al.*, 2010).

1.3 Valores em Crianças

A descoberta de estruturas complexas e universais em adultos guiou o interesse de pesquisadores para os valores em crianças. Questões como quando e como os valores surgem

ou são transmitidos vieram à tona. E, antes de perguntas mais complexas, uma pergunta mais simples precisava ser respondida: ‘Teriam as crianças uma estrutura de valores semelhante a dos adultos?’. Se a estrutura só tomasse forma na adolescência, a pesquisa de valores em crianças provavelmente não seria muito frutífera. Mas não foi isso o que foi encontrado.

Apesar de ser altamente apropriado para adultos, quando se tentou investigar valores em adolescentes, o PVQ mostrou-se eficiente até não menos que 12 anos de idade. Foi tentada a aplicação de uma versão mais curta desse teste em crianças em torno de 10 anos. Além da diminuição do número de itens, os pronomes foram substituídos por nomes fictícios, para tentar diminuir o nível de abstração requerido das crianças. Os quatro polos dos valores de ordem maior apareceram, mas não houve diferenciação de valores básicos dentro dos polos (Boehnke & Wenzel, 2006). Cogitou-se que o conteúdo do PVQ – mesmo a versão modificada – exigia muito vocabulário e memória de trabalho, além uma mudança de perspectiva (comparar-se com um personagem genérico retratado apenas por frases em terceira pessoa). O conjunto dessas demandas, supôs-se, resultava numa sobrecarga cognitiva para crianças (Döring, 2008).

Em sua tese de doutorado, Anna Döring (2008) desenvolveu um instrumento para acessar valores em crianças de seis a 12 anos, que tivesse o potencial de distinguir, além de valores de ordem maior, valores básicos. A diretriz foi contornar o que se supunha ser o conjunto de características do PVQ que era impróprio para crianças. Portanto, o conteúdo verbal foi diminuído tanto quanto parecia viável, sendo largamente substituído por figuras.

Tal mudança alinha-se com a Dual Coding Theory (DCT). Segundo a DCT, há dois códigos distintos na cognição humana, um verbal e um não-verbal. Evidências empíricas indicam que esses dois códigos podem ter seus efeitos somados, no que se refere à memória. Por exemplo, é mais fácil lembrar-se de uma palavra, se ela for apresentada acompanhada de uma figura correspondente (Paivio, 2006). A implementação de figuras num instrumento para

crianças, portanto, foi adequada, pois contribuiu para a facilitação da memorização e, indiretamente, do julgamento dos itens, por parte dos participantes.

No novo instrumento foi também abolida a mudança de perspectiva. Em vez de se pedir ao participante que se comparasse a um retrato verbal em terceira pessoa, o novo instrumento solicita que o participante faça de conta que é o protagonista das figuras.

Como resultado deste trabalho surgiu o *Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)* (Döring, 2008). Legendas foram posteriormente acrescentadas as figuras e os resultados aproximaram-se mais da teoria (Döring, *et al.*, 2010). O PBVS-C foi validado na Alemanha e na França, mas resta a questão de se as figuras serão apropriadas para culturas mais distintas. Há também uma pesquisa de mesma natureza sendo feita em Israel (Bilsky, *et al.*, 2013). No Brasil uma versão modificada mostrou-se majoritariamente adequada a uma amostra de crianças de escola pública, mas, aparentemente, um item ainda precisaria ser ajustado – ou a amostra pode de fato ter sido diferente a respeito desse item (Roazzi, *et al.*, 2011).

A estrutura menos organizada da amostra brasileira pode ter se devido parcialmente ao fato de a amostra ter sido em média mais nova que a amostra alemã. No Brasil, foram incluídas crianças com seis e sete anos, com média 8.71 (desvio padrão = 1.78). Já na Alemanha, a idade mínima foi oito anos (no estudo com legenda), tendo uma média de 9.8 (desvio padrão = 0.7) (Roazzi *et al.*, 2011). Resultados de estudos anteriores indicam que os valores de crianças tornam-se mais estruturados na medida em que ficam mais velhas (Döring, 2008; Bubeck & Bilsky, 2004).

A qualidade da educação pode também ter um papel importante na estruturação de valores. Para investigar essa questão, fez-se necessária a coleta de amostra de crianças brasileiras em escolas particulares. A diferença na qualidade entre escola pública e particular no Brasil é grande e bem conhecida. Espera-se que a estrutura de valores em crianças não

varie muito com a nacionalidade, mas que mude consideravelmente devido à qualidade da educação. Este seria um resultado de certa forma convergente com o conceito de modernização dos valores, de acordo com o poder econômico (Inglehart & Welzel, 2009). Um dos objetivos deste estudo é, portanto, investigar a estrutura de valores de crianças brasileiras de escola particular e compará-la ao resultado encontrado em escolas públicas.

2 Transmissão de Valores das Mães às Crianças

O progresso do conhecimento científico sobre valores de adultos e crianças leva inevitavelmente à questão de transmissão. Já se sabe que os adultos têm uma estrutura universal (Schwartz, 2005). E evidências indicam que crianças desenvolvem gradativamente essa estrutura, na medida em que vão ficando mais velhas (Döring, 2008). No entanto, em termos empíricos e da teoria de Schwartz, pouco se sabe sobre o papel dos pais na transmissão de valores para as crianças.

Um estudo em Israel investigou a transmissão de valores entre gerações numa minoria religiosa, levando em conta o papel do contexto social, mediante representações sociais (Paryente & Orr, 2010). A progênie estudada foi composta por adolescentes de 17 e 18 anos. O modelo testado foi o de que a percepção que a progênie tem dos valores dos progenitores leva a uma possível aceitação, a qual, somada a representações sociais do contexto da comunidade, resulta nos valores da progênie. Quando a percepção e aceitação dos valores dos pais são altas, há uma elevada transmissão desses valores aos filhos (Paryente & Orr, 2010).

A teoria de Schwartz foi utilizada nesse estudo, coletando-se dados sobre todos os 10 tipos de valores básicos, mediante o PVQ (Schwartz, *et al.*, 2001). Os Valores de Ordem Maior ‘auto-promoção’ e ‘tradição’ foram comparados. Mães, pais e filhos tiveram escores maiores em ‘tradição’, do que em ‘auto-promoção’. Testou-se a hipótese de que a adição das representações sociais resultaria num modelo mais explicativo, do que um modelo que

considerasse só os valores dos pais e a percepção desses. As representações sociais influenciaram significativamente a transmissão dos valores das mães para os filhos e filhas, mas não teve efeito considerável na transmissão dos valores dos pais. Houve também uma maior transmissão de valores relacionados a ‘auto-promoção’ do que dos associados a ‘tradição’, tanto de pais, como de mães. Não houve diferença significativa entre filhos e filhas (Paryente & Orr, 2010).

Um estudo semelhante, com amostras do leste da Alemanha e de Xangai, na China, também investigou uma progênie de adolescentes, utilizando-se o PVQ. Os resultados mostraram que as mães são maiores transmissoras de valores individualistas na amostra europeia. No entanto, os pais foram os maiores transmissores tanto de valores coletivistas, como individualistas, na China. Foi também medida a motivação dos pais e mães para transmitir valores individualistas e coletivistas. A motivação para a transmissão de valores individualistas teve efeito em tal transmissão em ambas as amostras, para pais e mães. Entretanto, a motivação para transmitir valores coletivistas só influenciou significativamente a transmissão desses valores na China – e apenas no caso dos pais (Schöpflug, 2012). Num estudo anterior o mesmo autor encontrara numa amostra de pais e filhos turcos o resultado de que a transmissão de valores coletivistas foi maior que a dos individualistas (Schöpflug, 2001).

Em outra pesquisa foi testada a hipótese de que a transmissão parental de valores seria menor para famílias imigrantes, com participantes a partir de 18 anos (Kwast-Welfel, Boski & Rovers, 2008). A hipótese derivou da suposição de que os mais jovens tenderiam a absorver mais da cultura do país para onde migraram, na medida em que seus pais teriam valores mais cristalizados. Apesar de não contrastar a teoria de valores de Schwartz, o modelo de valores usado na investigação foi outro, focando em mercado-livre, cristianismo, rigidez e independência.

O resultado foi surpreendente, mostrando que a semelhança entre os valores dos progenitores e da progênie não foi menor para as famílias imigrantes. A explicação determinada mais plausível para esse evento foi a de a progênie entrar mais em contato com a cultura do novo país, do que os progenitores, e, então, transmitir os ‘novos valores’ aos pais. De certa forma, os imigrantes, progênie e progenitores, tendem a assumir concomitantemente os valores do novo contexto cultural. Sendo assim, os valores de pais e filhos permanecem parecidos (Kwast-Welfel, Boski & Rovers, 2008).

Houve no Brasil um estudo investigando a transmissão de valores humanos de pais e mães a uma progênie de dez a 19 anos (Schneider, 2001). O instrumento central da pesquisa foi o Questionário de Valores Básicos (QVB), correspondente à teoria funcional dos valores. Observou-se que as mães são maiores transmissoras que os pais. Vale salientar também que a amostra contou com muito mais mães do que pais, por terem tido as mães uma maior disponibilidade para a participação na pesquisa. Os resultados revelaram também uma maior transmissão de valores sociais, em comparação a valores pessoais. Teoriza-se que a predominância da transmissão de valores sociais esteja relacionada com o vasto papel da escola e seu regime altamente disciplinar, na educação das crianças (Schneider, 2001).

Pode-se conceber a possibilidade de os progenitores terem uma predominância de transmitir à progênie os seus valores, especificamente. Ou, pode-se esperar que o contexto social seja o que geralmente determina os valores tanto dos pais, como dos filhos – tendo os pais funcionando majoritariamente como condutores. A literatura, inclusive o estudo no Brasil de Schneider (Schneider, 2001), sugere, no entanto, que seja formulada a hipótese de que há de fato uma transmissão específica dos valores dos progenitores à progênie.

Faz sentido que a transmissão provavelmente ocorra em grande parte por ‘contágio emocional’. Contágio emocional seria a tendência de as pessoas convergirem emocionalmente, mediante a imitação automática de vocalizações, expressões faciais,

posturas e movimentos. As pessoas tendem a assumir emoções alheias porque imitações inconscientes de estados físicos contribuem para a ressonância das emoções – e de julgamentos e valores associados a essas emoções (Thagard, 2005).

O conceito de ‘contágio emocional’ é semelhante aos de ‘ressonância’ e de ‘empatia’, introduzidos pelas revolucionárias pesquisas envolvendo neurônios-espelho (Rizzolatti, Fogassi, e Gallese, 2001; Cattaneo & Rizzolatti, 2009; e Rizzolatti & Craighero, 2005). Uma forma de compreender as ações de outrem é observá-las e ter no cérebro uma representação motora análoga à ação observada. Em alguns casos, mecanismos impedem que o observador execute automaticamente a ação observada, apesar de ele ter cognitivamente para si uma cópia da ação que observou. Esta forma de compreensão é conhecida como entendimento motor, compreensão empática ou compreensão em primeira pessoa. Este entendimento não contradiz o entendimento em terceira pessoa, que é o que não requer a adoção direta da perspectiva do agente observado. Os dois tipos podem ocorrer, dependendo da ação observada (Rizzolatti & Craighero, 2005).

No caso da compreensão empática, uma criança observaria seu pai pregando vigorosa e emocionalmente um determinado valor e o seu cérebro dispararia códigos motores análogos aos utilizados pelo seu pai em sua pregação – os movimentos de sua fala, as expressões faciais de suas emoções, etc. Alguns desses códigos seriam impedidos de serem executados automaticamente – a criança pode não repetir todas as palavras do pai, assim que as ouve. Outros códigos motores, no entanto, seriam executados – a criança assumiria, por exemplo, a mesma expressão facial e sentiria a mesma emoção do pai. Progenitor e progênie entrariam em ressonância. Supôs-se que esse mecanismo é largamente responsável pelo compartilhamento de valores entre pessoas pertencentes a uma cultura ou comunidade.

Entretanto, resta a questão de se os progenitores transmitem os próprios valores, com especificidade, a suas crianças (com idade até mesmo inferior a 10 anos); ou se agem mais

como meros condutores para os valores que cercam a família. O recente acesso preciso aos valores de crianças (Döring, 2008; Döring et al., 2010; Roazzi et al., 2011) provavelmente renderá novos conhecimentos acerca do papel dos pais, se analogamente a uma coleta com crianças, forem também acessados os valores de seus progenitores. Portanto, o segundo objetivo específico desta pesquisa é acessar e analisar os valores de mães e crianças, bem como os valores que as crianças percebem em suas mães. Foi decidido que o foco seria dado às mães por conta dos resultados encontrados no estudo de Schneider (2001), em que as mães tiveram um papel predominante e também participaram da pesquisa, em maior quantidade que os pais.

3 Valores e Personalidade

A psicologia da personalidade poderia ter feito um diálogo mais extenso com as pesquisas psicológicas no campo de valores (Bilsky & Schwartz, 1994). Valores e personalidade são conceitos com bastante em comum. Os valores dizem respeito a cognições sobre motivações e objetivos – têm necessariamente um conteúdo abstrato. A personalidade é o conjunto específico de atributos de um indivíduo – sendo esses atributos formas discerníveis pelas quais um indivíduo se distingue de outros. Tanto valores como traços de personalidade são teorizados como características relativamente estáveis (Bilsky & Schwartz, 1994).

Parece, então, que a diferença mais importante entre valores e personalidade é a necessidade de um conteúdo cognitivo e abstrato na conceituação de valores, a qual não é necessária para traços de personalidade. Atributos da personalidade de uma pessoa podem ou não incluir ideias ou conceitos. Por outro lado, os valores são necessariamente ideias ou conceitos. Alguns aspectos de uma personalidade podem ser determinados estritamente em terceira pessoa, como alguém achar outra pessoa chata. Porém, os valores só podem existir na mente de quem os possui. Além da necessidade do conteúdo consciente para os valores, estes

são mais específicos que a envolverem motivações, julgamentos ou objetivos; enquanto que traços de personalidade não envolvem necessariamente esses parâmetros.

Valores e personalidade já foram teorizados em conjunto e assim envolvidos em exame empírico (Bilsky & Schwartz, 1994). Foram acessados valores e traços de personalidade de universitários alemães. Alguns valores relacionaram-se de forma covariante (*feedback* positivo) com alguns traços de personalidade – se um for alto, o outro também é, como no caso de valores de ‘poder’ e o traço de assertividade. Em outros casos, a relação de traços de personalidade e valores foi compensatória (*feedback* negativo) – se um for alto, o outro é baixo, como no caso do traço de ‘cuidado com a saúde’ motivar a busca por boas condições de saúde, a qual, quando bem-sucedida, leva a uma diminuição do grau de importância atribuída a valores de ‘segurança’. As relações compensatórias estão conceitualmente conectadas com as mudanças que tendem a ocorrer quando as pessoas têm o privilégio de não se preocuparem com questões básicas de sobrevivência, justamente por estarem com sua sobrevivência garantida por condições econômicas favoráveis (Inglehart & Welzel, 2009). Os padrões estruturais resultantes deste estudo (Bilsky & Schwartz, 1994) confirmaram a relevância de se manter distintos esses dois construtos e de prosseguir com pesquisas que os relacionem, contribuindo para uma apuração teórica integrativa de valores e personalidade.

É questionável se poderia ser concebida uma relação entre valores e personalidade mediante a diferenciação entre valores instrumentais e terminais. Os instrumentais são formas de se comportar (Rokeach, 1973), geralmente materializadas na linguagem, mediante adjetivos. Os terminais são objetivos que a serem alcançados (Rokeach, 1973), comumente representados por substantivos. Talvez os valores instrumentais relacionem-se mais intimamente com traços de personalidade, em comparação ao quão relacionados à

personalidade estariam os valores terminais; por serem os instrumentais supostamente mais observáveis.

Porém, existe a perspectiva que considera a diferenciação entre valores instrumentais e terminais como um mero problema de linguagem (Gouveia et al., 2010). Todo valor instrumental poderia ser transformado num terminal, mediante uma alteração de cunho gramático. Além disso, todos os tipos de valores básicos de Schwartz contam tanto com valores instrumentais, como terminais. Num estudo sobre valores num contexto de consumo de itens de moda (Vigaray & Hota, 2008), foram investigados apenas valores instrumentais, abolindo-se os terminais; provavelmente porque adjetivos seriam mais apropriados ao contexto da pesquisa, facilitando a coleta. Por outro lado, a teoria funcional de valores utiliza apenas valores terminais, por serem mais condizentes com o conceito de valores como algo transcendente e atrelado a desejos (Gouveia et al., 2010).

Apesar de a distinção entre valores instrumentais e terminais não mais parecer tão relevante para a relação entre valores e personalidade, resta a dúvida de se alguns tipos de valores básicos de alguém tendem a ser mais facilmente percebidos por outrem. Se esse for o caso, poder-se-á especular que os valores – quer sejam instrumentais ou terminais – mais facilmente percebidos em terceira pessoa o são por serem mais facilmente expressados por traços de personalidade. Para perseguir esta direção de investigação seria necessário acessar os valores de indivíduos e completar a coleta mediante a avaliação dos mesmos indivíduos, feita por outra(s) pessoa(s) que conviva com eles. Seria a comparação entre uma avaliação em primeira pessoa, como é o padrão em estudos sobre valores, e uma avaliação em terceira pessoa, mediante o mesmo instrumento. Este processo é conhecido como heteroavaliação.

No Brasil um estudo psicológico comparou a autoavaliação com a heteroavaliação de supervisores, sobre a necessidade de treinamento de funcionários bancários (Magalhães & Borges-Andrade, 2001). As heteroavaliações foram significativamente mais severas, no

sentido de julgar como maior a necessidade de treinamento. Uma avaliação semelhante sobre valores poderia render padrões relevantes, com heteroavaliações tendendo a sistematicamente atribuir escores significativamente maiores ou menores a determinados valores, em comparação à autoavaliação.

Poderia ser problemática, entretanto, a natureza da medida em terceira pessoa, no caso de instrumentos utilizados para acessar valores. Supostamente, ao responder a um instrumento psicológico sobre valores, o participante tem um acesso em ‘primeira-mão’ às suas ideias e conceitos sobre suas motivações, aspirações e julgamentos. E, de certa forma, essas cognições são representadas em suas respostas. Os valores são, portanto, acessados de forma relativamente direta. Porém, no caso de uma heteroavaliação, o respondente não estaria representando em sua resposta ao instrumento as cognições da pessoa cujos valores o respondente estaria julgando. O respondente estaria representando o seu julgamento sobre os valores da pessoa sendo avaliada. Haveria um passo a mais no caminho da avaliação. E isso a tornaria severamente mais indireta. Poder-se-ia argumentar, inclusive, que uma heteroavaliação de valores teria um resultado mais próximo a uma avaliação da personalidade, do que a uma avaliação de valores; pois alguns traços de personalidade podem ser determinados em terceira pessoa, enquanto que os valores têm necessariamente um componente consciente e, portanto, requereriam a perspectiva em primeira pessoa.

A despeito desta potencial complicação conceitual, a heteroavaliação mediante instrumentos de valores pode render padrões concisos, os quais podem se revelar como úteis achados científicos, capazes de surpreender cientistas ou confluir com expectativas ainda não entregues à literatura psicológica.

O procedimento de heteroavaliação de valores já foi utilizado no Brasil (Schneider, 2001). Numa pesquisa sobre transmissão de valores, à progênie foi solicitado que

fornecessem sua percepção sobre os valores de seus pais. Essa heteroavaliação apresentou resultados relevantes para a investigação de transmissão de valores.

A percepção que os filhos tiveram dos valores dos pais foi um maior preditor dos valores dos filhos, em comparação aos valores que os próprios pais relataram possuir (Schneider, 2001). Este resultado aponta a importância da percepção dos valores de outrem na construção de valores de um indivíduo e está relacionado com o estudo de Paryente & Orr (2010), em que a percepção foi considerada um elemento importante na transmissão de valores de pais para filhos adolescentes, de uma amostra israelita. No entanto, está ainda aberta a questão de se esse fenômeno específico de transmissão mediada pela percepção tem início já em crianças mais novas (com menos de dez anos).

Esta pesquisa trata da relação conceitual entre valores e personalidade e opta metodologicamente por utilizar heteroavaliações. Por essas razões, o terceiro objetivo específico é investigar, junto aos valores crianças e mães, a personalidade destas e a que percebem em seus filhos(a). Espera-se que esta linha inquisitiva contribua para a compreensão tanto da transmissão materna de valores, como das relações entre personalidade e valores.

4 Valores e Religião

Religiosidade e espiritualidade estão certamente relacionadas a valores. Como relação mais direta, existem valores religiosos (Rokeach, 1973; Schwartz, 1992; & Gouveia et al., 2010). As pessoas atribuem graus de importância a religião. Ademais, na Espanha, uma pesquisa revelou o valor ‘espiritualidade’ na amostra estudada (Vigaray & Hota, 2008).

Há também relações indiretas. No modelo de Schwartz (Schwartz, 1992), religiosidade faz parte do tipo de valor básico tradição, o qual tende a covariar com alguns valores e a se opor a outros. Na teoria funcional de valores, de Gouveia, religiosidade é um valor da subfunção normativa, o que tende a aproximá-lo de alguns valores e distanciá-lo de outros (Gouveia et al., 2010). Na teoria de modernização os valores religiosos estão atrelados a um

baixo grau de desenvolvimento econômico e tecnológico e opõem-se a valores relacionados à liberdade e à tolerância (Inglehart & Welzel, 2009).

A história nos ensina que religiões são capazes de inspirar grandes atos de bondade ou atrocidades terríveis (Thagard, 2005; & Santrock, 2014) A religião está presente em todas as culturas e 85% das pessoas no mundo aderem a alguma religião (Thagard, 2005). Apesar de não acometer todas as pessoas, sua enorme popularidade resulta num alto grau de universalidade, o qual captura o interesse da psicologia. A psicologia da religião está entre as mais velhas e as mais novas fortes tendências na psicologia, rendendo uma profusão de trabalhos científicos, até a década de 1930 e após a de 1960 (Santrock, 2014).

Definir exaustivamente o que é religião é uma tarefa extremamente difícil (Santrock, 2014). Parece ser seguro afirmar que qualquer religião envolve necessariamente crenças em agentes sobrenaturais (Boyer, 2003). É possível trazer a questão de se quaisquer crenças em elementos sobrenaturais estariam necessariamente atreladas a alguma religião. Aparentemente, algumas pessoas denominam-se bastante espirituais, porém, não muito religiosas – ou até não-religiosas. Para os propósitos da presente pesquisa, esta diferenciação não será relevante – importando de fato a existência ou ausência de crenças sobrenaturais. Sendo assim, religiosidade e espiritualidade são conceituadas como conjuntos de crenças sobrenaturais. E religiões seriam estruturas específicas para esses conjuntos de crenças.

Em geral, essas crenças são abastecidas por fé, o ato de crer sem questionar, ou crer apesar de o objeto da crença ser questionado e refutado de forma coerente. Fé é uma forma vangloriada de teimosia – é geralmente a teimosia aplicada ao sobrenatural. Teimosia e fé são ambas altamente estimadas por algumas pessoas, como sinais de forte personalidade e de dedicação, respectivamente. Entretanto, no âmbito da lógica e da ciência, qualquer tipo de teimosia constitui uma fraqueza que tende a levar ao erro, por ignorar questionamentos coerentes. Fé e razão são, portanto, antagônicas (Dennet, 2006 & DeVan, 2012).

Religiosidade e espiritualidade existem a partir de erros de raciocínio (Dennet, 2006 & DeVan, 2012). A evolução nos equipou com uma lógica mental (Braine & O'Brien, 1998), mas a habilidade lógica *default* de nossa espécie é elementar, sendo sua aplicação sujeita a erros, em demasia. A lógica mental constitui-se basicamente de uma tendência a integrar informações e fazer inferências mesmo em casos em que as informações seriam insuficientes e a inferência, imprópria (O'Brien *et al.*, 2007). Inferências simples e práticas corretas do homem antigo provavelmente tiveram um peso maior em sua sobrevivência, do que os erros abstratos associados ao sobrenatural cometidos por sua lógica primitiva. Portanto, nossa lógica básica é falha. E dentre suas falhas surgiram a religiosidade e a espiritualidade.

Esses erros são frequentemente mantidos por teimosia. Tal teimosia é em alguns casos alimentada por emoções que distorcem a razão, como evidenciam as simulações computacionais estruturadas por Thagard (2005). Na primeira simulação, a racional, a crença em Deus é examinada em competição com a seleção natural de Darwin. O modelo de Darwin é selecionado. Então, elementos emocionais de valência positiva, como a certeza de que há vida após a morte, são acrescentados ao modelo. Assim, o segundo modelo seleciona a crença em Deus.

Essas simulações têm um considerável poder explicativo para o caso de uma pessoa manter-se religiosa ao examinar suas crenças. Porém, a expansão da religião se dá não apenas dessa forma. A religião de uma criança é altamente prevista pela de seus pais (Thagard, 2005). Isso sugere que muito de repetição e não tanto de exame, no que se refere a religião. Como marcantes aspectos sociais da religião são apontados o 'contágio emocional' (Thagard, 2005) e a 'compreensão empática' (Rizzolatti & Craighero, 2005), dois conceitos semelhantes. Esses representam a tendência de um indivíduo copiar outras pessoas, mediante a imitação automática de vocalizações, expressões faciais, posturas e movimentos; o que

tende a ser internalizado como crenças. É provável que antes de questionar – se questionar – a pessoa religiosa meramente ecoa a religião que predomina em seu ambiente.

Pode-se pensar na existência de religião em três aspectos: surgimento, contágio e manutenção. O surgimento pode ser explicado por erros da lógica mental *default* de nossa espécie. O contágio parece largamente associado ao contágio emocional e a compreensão empática. E a manutenção, caso o indivíduo ponha suas crenças sobrenaturais em questão, ocorre pela teimosia, em alguns casos alimentada por interferências emocionais no raciocínio crítico.

É concebível também que para crianças o contágio da religião tenha elementos em comum com a transmissão de valores. Supõe-se que ao menos parte desses aprendizados ocorra mediante os mecanismos de contágio emocional e compreensão empática. E há provavelmente outra parcela de transmissão de cunho mais cognitivo, em que a criança tem de antes compreender os valores de seus progenitores e, só então, decidir se irá adotá-los para si. Este segundo mecanismo não parece plausível para o caso da associação de uma criança à religião de seus pais. Entretanto, se a criança vir a questionar – até mesmo após sua infância – a religião que lhe foi passada por seus pais, tal questionamento provavelmente se dará mediante este segundo mecanismo – o qual poderá ser interrompido por teimosia e/ou sofrer interferências emocionais e ter resultados ilógicos.

É, portanto, promissora a integração empírica de religiosidade e transmissão de valores. Mais precisamente, é provável que sejam frutíferas investigações sobre os valores de crianças; os de suas mães; e a religiosidade destas. E como será também investigada a relação entre personalidade e a transmissão de valores, a religiosidade poderá ser vista também junto à personalidade. O quarto objetivo específico desta pesquisa é, assim, estudar relações entre a religiosidade de mães e os valores e personalidade das díades mãe-criança.

5 Método

5.1 Amostra

Participaram da pesquisa 202 crianças com idade de 8 a 12 anos e suas mães. As crianças foram provenientes de quatro escolas particulares da Região Metropolitana do Recife. A idade da amostra variou de oito a 12 anos ($M=10,43$; $DP=1,31$). Quanto ao sexo, 50,5% da mostra foi composta por meninos. Às mães das crianças participantes foram enviados, mediante a escola e as próprias crianças, um protocolo convidando as mães a responderem a alguns instrumentos. 43 mães participaram da pesquisa, com idades variando entre 26 e 56 anos ($M=38,31$; $DP=6,75$).

5.2 Instrumentos

As crianças responderam ao *Portrait-Based Value Survey for Children (PBVS-C)*. (Döring, 2008). O instrumento foi aplicado em sua versão com legendas, a qual obteve resultados mais precisos (Döring *et al.*, 2010) do que a versão que só tinha figuras. Foi utilizada uma versão modificada para as crianças brasileiras (anexo1), previamente usada para acessar os valores de crianças públicas no Brasil, na mesma cidade (Roazzi, *et al.* 2011). A versão brasileira teve as legendas traduzidas para o português brasileiro, bem como algumas figuras alteradas para se encaixar melhor no contexto do país.

A mídia para a versão brasileira do *PBVS-C* é composta por uma folha grossa de papel A4, em branco, onde são organizadas as vinte figuras contendo legendas, em quatro linhas de cinco figuras. Cada figura corresponde a um item atrelado a um tipo de valor básico do modelo de Schwartz. Há dez tipos e para cada um existem dois itens. Há uma folha grossa de papel A3 impresso com o *Q-Sort*, onde as crianças devem pôr as figuras, ordenando-as por grau de importância. O grau mais importante conta com duas vagas; o segundo mais importante, com quatro; o meio-termo, com oito; e quatro e duas para o de penúltima e última

importância, respectivamente. Existe ainda uma folha A4 que contém um desenho do protagonista com quem a criança deve se identificar.

O Q-Sort está no anexo 1, junto às instruções para o PBVS-C. O anexo 2 mostra as figuras do PBVS-C e as legendas. E as crianças responderam oralmente a um questionário sócio-demográfico (anexo 3).

As mães responderam ao *Portrait Value Questionnaire (PVQ)* (Schwartz, 2005). O questionário já conta com uma versão em português brasileiro, o Questionário de Perfis de Valores, a qual foi usada neste estudo (Tamayo & Porto, 2009). Este está disponível no anexo 4. Essa versão contém todos os 40 itens da versão original. Este questionário contém afirmações que fornecem perfis. É solicitado ao respondente que julgue o quão parecido consigo é o personagem mencionado nos perfis, numa escala tipo *Likert* de 1 a 5. A mídia para a aplicação do QPV foi simplesmente folhas A4.

O instrumento utilizado para acessar a personalidade foi o *Ten-Item Personality Inventory (TIPI)*, disponível no anexo 5. Este instrumento já fora utilizado no Brasil (Souza, Souza, Roazzi & Lula, 2013). Por ser curto o instrumento foi apropriado para uso no presente estudo.

As mães como além das medidas de valores e personalidade. Entre esses dados está o grau de religiosidade da mães, informado por ela mesmas. Esta variável foi medida numa escala de ranking, onde a mãe devia listar as prioridades concedidas por ela, em termos de suas tomadas de decisão, aos elementos: leis, família, religião e política. Além do nível de religiosidade, a escala forneceu os graus de importância atribuídos aos outros três elementos.

Esta escala de quatro itens foi baseada numa sugestão do Professor Bruno Souza e é semelhante a um curto instrumento já utilizado por ele, chamado 'bússola moral'. A quantidade de itens e alguns dos itens utilizados neste estudo são diferentes, mas referir-se-á

ao conjunto de itens utilizado aqui como ‘bússola moral’, também. Os itens utilizados nesta pesquisa foram leis, família, religião e política.

A razão em se usar mais itens, além de simplesmente perguntar o grau de religiosidade é para tentar acessar uma maior variabilidade do grau de religiosidade. Se se fosse perguntado apenas a religiosidade, haveria a ameaça do inconveniente metodológico do efeito de teto. Além, disso, é importante que a escala com os quatro itens seja respondida ordinalmente, em *ranking*. Caso contrário, muitos participantes poderiam simplesmente informar altos graus para todos os itens.

Assim, a bússola moral é neste estudo um artifício metodológico para se medir com mais eficiência o grau de importância atribuída a uma variável, que, neste caso, é o grau de religiosidade. Além do grau de religiosidade foi perguntado à mãe qual era a sua religião. Estas perguntas fizeram parte do questionário sócio-demográfico (anexo 6).

5.3 Procedimento de Coleta de Dados

Foram contatadas várias escolas particulares da Região Metropolitana do Recife. Quatro delas aceitaram receber a pesquisa. Foi pedida a permissão para a realização da pesquisa com os estudantes, em sessões individuais de aplicação do *PBVS-C* e um questionário sócio-demográfico. A permissão foi formalizada mediante uma carta de anuência. Os pais das crianças foram contatados para permitirem – ou não – a participação de seus filhos ou filhas.

Na coleta individual com as crianças, foi primeiro respondido o questionário sócio-demográfico. As perguntas foram feitas oralmente pelo pesquisador e assim respondida pelas crianças. O pesquisador anotou as respostas por escrito. A aplicação do *PBVS-C* segue um roteiro (anexo 1), o qual consiste basicamente de apresentar à criança os itens e solicitar que os ponha no *Q-Sort*, começando pelas classificações mais extremas e deixando como última a

terceira linha, a neutra. A ordem na qual a criança é instruída a escolher os graus de importância é 1º, 5º, 2º, 4º e 3º.

Após responderem ao *PBVS-C* referindo-se a si mesmas, as crianças foram solicitadas a responderem ao mesmo instrumento, porém, referindo-se a suas mães. Foi pedido que fizessem de conta que o protagonista era suas mães e escolhessem a posição dos itens como achassem que suas mães escolheriam. Era esperado que essa mudança de perspectiva implicasse em dificuldade para algumas crianças, inclusive as mais novas. Afinal, a simplificação da perspectiva foi uma das diretrizes na criação do *PBVS-C*, complicá-la poderá causar problemas. No entanto, surpreendentemente, todas as crianças conseguiram responder ao *PBVS-C* em terceira pessoa, referindo-se a suas mães, até mesmo as mais novas, de oito anos. Esses dados foram úteis e apontaram uma forma alternativa de utilizar o instrumento, ampliando sua já alta versatilidade.

A coleta dos dados das mães foi feita por correspondência enviada através da escola e seus filhos. O QPV e o TIPI, antecipados por um questionário sócio-demográfico que incluiu perguntas sobre religião e grau de religiosidade, foram enviados em formato autoexplicativo. Este protocolo completo está disponível no anexo 7.

5.4 Procedimento de Análise

Com todos os dados devidamente digitados num software de estatística (SPSS 21) foram realizadas as análises. Primeiramente tratou-se de estatísticas descritivas. Para a análise estrutural das respostas ao *PBVS-C* e ao QPV foi fundamental o uso do Escalonamento Multidimensional (*Multidimensional Scaling MDS*). Utilizou-se a mesma lógica aplicada em análises de dados provenientes do mesmo *PBVS-C*, em aplicações na Alemanha (Döring et al., 2010) e no Brasil (Roazzi et al., 2011). Isto consiste de uma análise confirmatória fraca, onde as variáveis começam numa configuração orientada pela teoria, mas ainda podem

desviar do modelo. Foram realizadas também algumas análises de correlação bivariadas, as quais serviram inclusive para a interpretação dos dados referentes ao *TUPI* e às questões sobre religião.

6 Resultados

6.1 Estrutura de Valores em Crianças

6.1.1 Escola Particular

Os dados das crianças de escola particular (N=202) foram analisados no que se refere à hipótese estrutural circular da teoria de valores de Schwartz. No entanto, antes disso foram computadas estatísticas descritivas dos 20 itens do PBVS-C, as quais estão disponíveis no quadro 1. A idade da amostra variou de oito a 12 anos (M=10,43; DP=1,31). Quanto ao sexo, 50,5% da mostra foi composta por meninos. A análise executada foi um escalonamento multidimensional (*Multidimensional Scaling MDS*) confirmatório, pelo módulo Proxscal do programa SPSS, selecionando-se como configuração inicial a opção Torgerson. A seguir está a distribuição dos itens.

Os eixos do gráfico não têm significado, no sentido de que não são variáveis. O sentido desta figura está na proximidade entre os pontos. A proximidade dos pontos indica uma correlação positiva, enquanto que pontos distantes correlacionam-se negativamente. Na estrutura circular, itens adjacentes no círculo correspondem a valores próximos, enquanto que itens do outro lado do círculo correspondem a valores que são geralmente opostos. Espera-se normalmente encontrar em crianças a estrutura dos Valores de Ordem Maior (VOM), representados pelas quatro grandes regiões: Auto-promoção, Abertura a Mudanças, Auto-Transcendência e Conservação.

Os resultados encaixaram-se parcialmente no modelo. De modo geral, foi possível distinguir as grandes regiões, mas houve desvios, os quais estão indicados pelas setas

vermelhas. O item 1 de benevolência (BE1) e os dois itens de universalismo (UN1 e UN2) apareceram em regiões adjacentes, não na região prevista. UN1 ficou em Abertura a Mudanças. E BE1 e UN2 ficaram em Conservação. Houve outro desvio, algo menos inesperado. Os itens de hedonismo (HE1 e HE2) normalmente ficam entre as regiões de Auto-promoção e Abertura a Mudanças. No entanto, observando-se a hipótese dos VOM, o aparecimento de hedonismo no meio de Abertura a Mudanças não é estranho. Em termos dos dez valores básicos, hedonismo teve sua posição invertida com estimulação.

Quadro 1: estatísticas descritivas dos itens do *PBVS-C* nas escolas particulares.

Estatísticas descritivas ^a			
	N	Média	Desvio padrão
Tradição1	202	4,49	,787
Benevolência1	202	4,29	,752
Benevolência2	202	3,69	,738
Universalismo2	202	3,67	,748
Conformidade1	202	3,61	,779
Segurança1	202	3,34	,673
Universalismo1	202	3,30	,713
Realização2	202	3,24	,826
Hedonismo1	202	3,14	,733
Hedonismo2	202	3,09	,838
Segurança2	202	3,02	,779
Autodireção2	202	2,91	,620
Tradição2	202	2,84	,831
Autodireção1	202	2,79	,744
Estimulação2	202	2,68	,858
Estimulação1	202	2,57	,731
Conformidade2	202	2,26	,970
Poder2	202	1,78	,889
Realização1	202	1,77	,827
Poder1	202	1,50	,836
N válido (de lista)	202		

a. Esc. Particular = Particular

A VOM de Auto-transcendência ficou quase inteiramente disperso. No entanto, a proximidade entre essa região e o tipo de valor básico de autodeterminação é digna de nota.

Nesta amostra a oposição entre Abertura a Mudanças e Conservação foi mais clara que a entre Auto-transcendência e Auto-promoção, o que é inesperado em crianças.

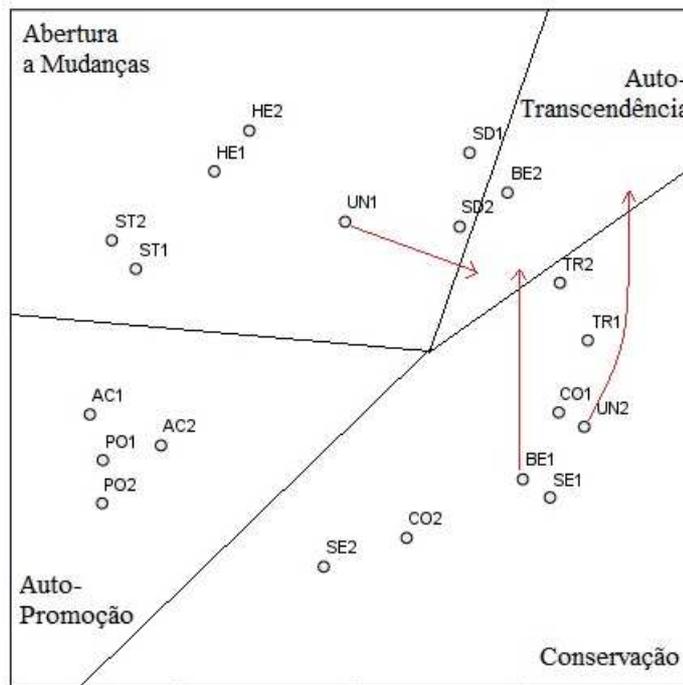


Figura 3: MDS da amostra de escola particular.

Com o propósito de verificar se os desvios do VOM Auto-transcendência ocorreram por conta de questões de desenvolvimento, a amostra de crianças escola particular foi dividida em duas parcelas, por idade. Um MDS foi computado para crianças de oito a dez anos. E outra análise foi realizada com crianças de 11 e 12 anos. O gráficos estão abaixo.

Os desvios dos itens do VOM Auto-transcendência, BE1, UN1 e UN2, persistiram na amostra parcial mais velha. Isso indica que eles não se devem a questões de desenvolvimento. Além disso, o MDS com crianças mais velhas trouxe um desvio a mais, o de SD1 (item 1 de autodeterminação). Este apareceu na região de Auto-transcendência, adjacente à sua região hipotética, Conservação. No entanto, ao se comparar este resultado com o da parcela mais nova, pode-se notar que houve menos desvios e que em termos gerais a estrutura tornou-se mais semelhante à teórica. Esta é uma pista na direção do desenvolvimento como causa dos desvios. Restaria ainda saber até que idade tais desvios tenderiam a se manter.

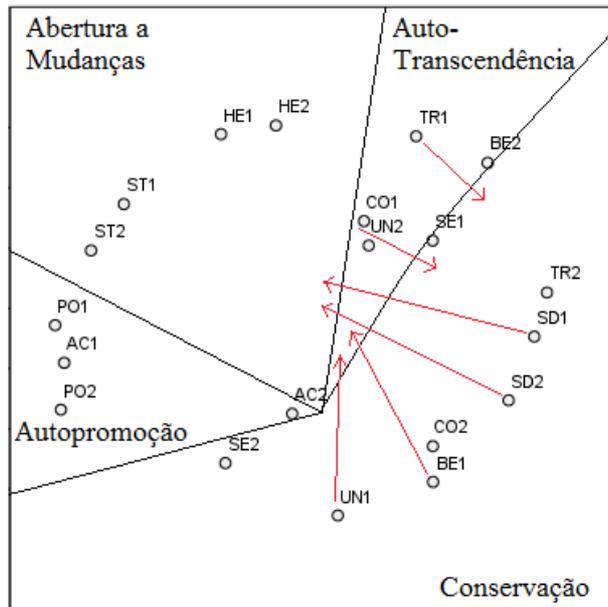


Figura 4: MDS da amostra de escola particular de 8 a 10 anos.

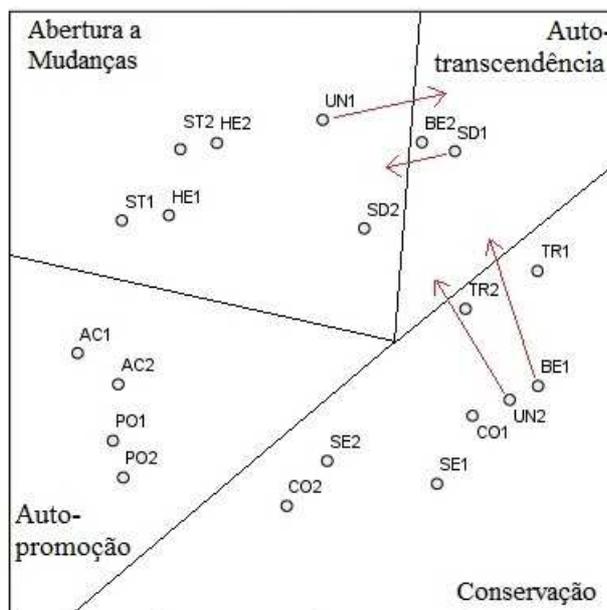


Figura 5: MDS da amostra de escola particular de 11 e 12 anos.

Em relação aos desvios que ocorreram com a amostra completa de escola particular, há duas interpretações plausíveis para o conjunto dos desvios da amostra mais velha: (a) autodeterminação está invadindo Auto-transcendência ainda mais, ou (b) a região de Auto-transcendência está ainda mais difusa, por, além de ter sido deixada por três de seus itens hipotéticos, foi invadida por um item de uma região adjacente (SD1, do VOM Abertura a

mudanças). Essas interpretações podem até mesmo se fundir: parece que na amostra mais velha, o tipo de valor básico autodeterminação está ainda mais fortemente mesclado com o VOM Auto-transcendência.

6.1.2 Escola Pública

Para caracterizar os resultados de acordo com o tipo de escola, particular ou pública, foi realizada uma análise confirmatória semelhante, com a amostra de escola particular, de um estudo anterior (N=128). A idade desta amostra variou de 8 a 12 (M=9,65; DP=1,29). Houve uma distribuição igualitária entre meninos e meninas. A projeção dos resultados está na figura 6. E as estatísticas descritivas dos itens estão no quadro 2.

Quadro 2: estatísticas descritivas dos itens do *PBVS-C* nas escolas públicas.

Estatísticas descritivas ^a			
	N	Média	Desvio padrão
Tradição1	128	4,24	,867
Benevolência1	127	4,20	,820
Universalismo2	128	3,83	,888
Conformidade1	128	3,73	,820
Benevolência2	126	3,56	,785
Realização2	128	3,38	,871
Segurança1	128	3,31	,830
Universalismo1	128	3,13	,725
Segurança2	128	2,89	,806
Autodireção2	128	2,81	,830
Tradição2	128	2,80	,807
Conformidade2	128	2,68	,922
Hedonismo2	127	2,65	,831
Autodireção1	128	2,61	,949
Hedonismo1	128	2,52	1,035
Estimulação2	128	2,43	,885
Estimulação1	128	2,39	,898
Poder2	127	2,35	1,115
Realização1	128	2,31	1,010
Poder1	127	2,17	1,226
N válido (de lista)	125		

As linhas pretas finas simbolizam a divisão do tipo de valor básico hedonismo, o qual separa as regiões dos VOM de Auto-promoção e Abertura a Mudanças. As linhas grossas separam VOM. Os resultados encaixam-se no modelo, com a exceção de dois itens, ambos de autodeterminação (SD1 e SD2). O desvio de SD1 foi pequeno. Numa interpretação alternativa, SD1 poderia ser considerado como estando em sua região hipotética, caso em que BE1 estaria desviado. O desvio mais significativo nessa projeção foi o de SD2, que apareceu como o item mais distante na região oposta.

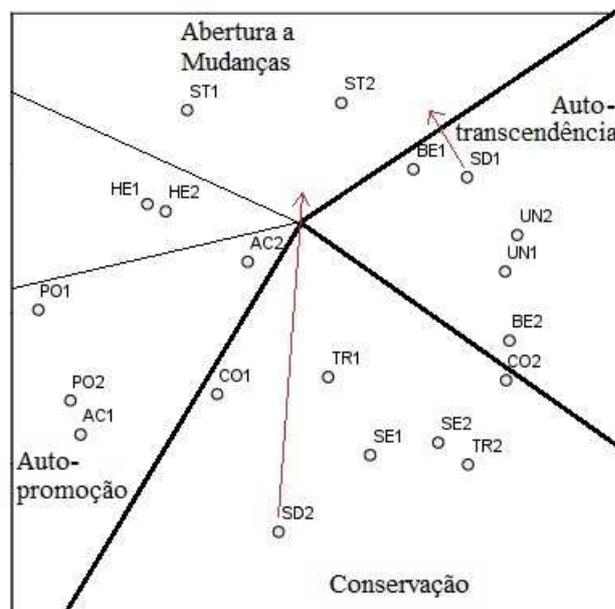


Figura 6: MDS da amostra de escola pública.

6.1.3 Escolas Particular e Pública

Para alcançar uma visão mais geral dos valores de crianças brasileiras, foi computado um MDS confirmatório com as duas amostras supramencionadas (N=330), de escola particular e pública. Além dos itens referentes aos valores, foram incluídas no MDS algumas variáveis externas, referentes a sexo, idade e tipo de escola. O gráfico está na figura 7.

Há duas exceções à hipótese estrutural. UN1, item 1 de universalismo, foi deslocado para a região adjacente Abertura a Mudanças, como ocorre na amostra isolada de escola

particular. TR1, item 1 de tradição, apareceu em Auto-transcendência, um resultado não tão surpreendente, mas que não havia ocorrido nas amostras isoladas por tipo de escola, nas análises anteriores do presente estudo. Esse resultado surgira, entretanto, numa análise de um estudo anterior que incluía crianças de seis e sete anos na amostra de escola pública (Roazzi *et al.*, 2011). Semelhantemente ao MDS da amostra com crianças de escola particular os itens de hedonismo ficaram no meio do VOM Conservação, em vez de aparecer entre este VOM e Auto-promoção. Isto não é, entretanto, considerado um desvio em termos de VOM.

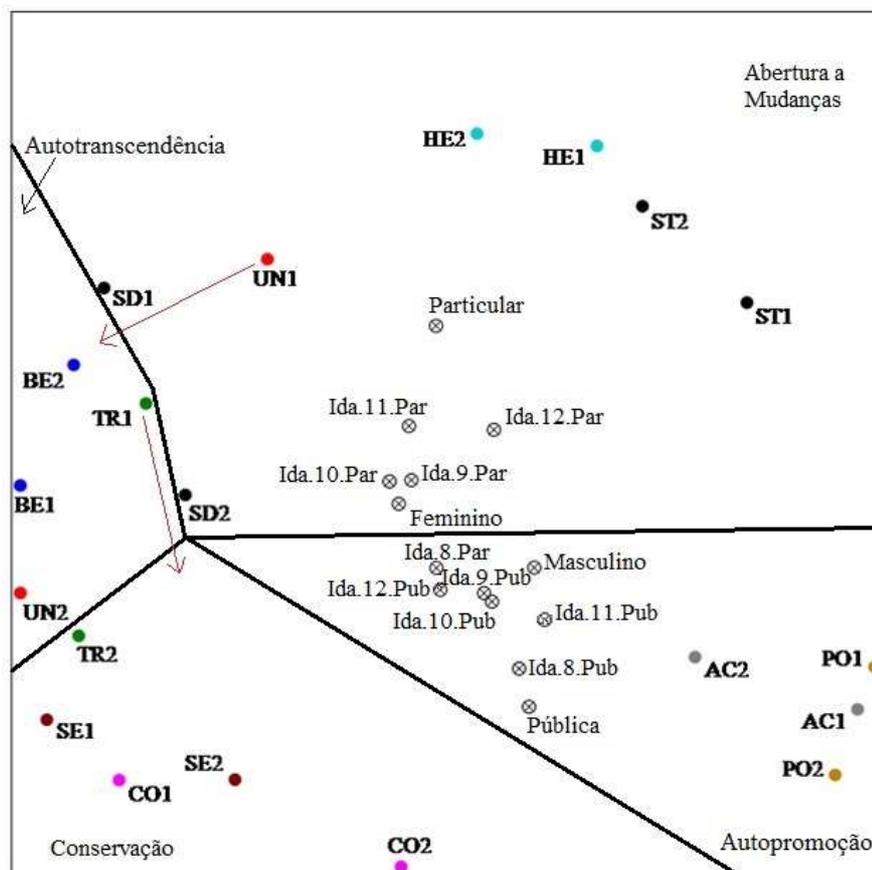


Figura 7: MDS com amostra de escolas particular e pública.

Embora esta interpretação com as linhas não tenha resultado num desvio de SD2, item 2 de autodeterminação, este ficou bastante distante de outros itens de sua região, Abertura a Mudanças, e relativamente próximo da região oposta, Conservação. Este item ficara de fato desviado, na região oposta, na amostra de escola pública. E é também digno de nota que TR1 tenha ficado próximo e entre os itens de autodeterminação.

As variáveis externas mostraram um padrão inteligível. A teoria de Schwartz tem duas dimensões maiores, as oposições entre Auto-transcendência e Auto-promoção e entre Abertura a Mudanças e Conservação. As variáveis externas parecem ter se distribuído numa dimensão ‘diagonal’ que vai de Conservação/Auto-promoção a Auto-Transcendência/Abertura a Mudanças, da parte inferior à superior do gráfico. O grau de proximidade com a parte superior do gráfico está fortemente relacionado à escola particular, moderadamente ao aumento da idade e levemente ao sexo feminino.

Foram também computadas correlações bivariadas de Pearson e não paramétricas, relacionando diretamente os 20 itens do PBVS-C a sexo, idade e tipo de escola. As tabelas referentes a essas correlações estão disponíveis nos anexos da tese. Algumas das correlações significativas podem ser mencionadas no tópico de discussão dos resultados.

6.2 Transmissão Materna de Valores

6.2.1 Valores das Mães

Os valores das mães foram acessados mediante o QPV. As estatísticas descritivas estão no quadro 3. Antes de relacionar os valores aos das crianças, foi investigado se os valores das respondentes correspondem ao modelo de Schwartz. Considerando-se o pequeno número de mães participantes, foi adotada uma hipótese estrutural mais modesta do que a hipótese utilizada comumente para adultos. A hipótese comum é a de que os dez tipos de valores básicos serão diferenciados na estrutura circular do MDS e serão formados por aglomerados de itens. A hipótese simplificada foi a de que os dez valores básicos, formados pelas médias entre os seus itens, formariam os quatro valores de ordem maior. A seguir está o gráfico correspondente ao MDS dos valores das mães.

A hipótese não foi refutada. Os valores básicos, condensados em médias de seus respectivos itens, encaixaram-se no modelo quanto aos quatro VOM. De modo geral os

valores básicos não surgiram na estrutura esperada, o que significa que houve uma diferenciação dos VOM, mas não dos valores básicos. Por ter sido o QPV já utilizado em pesquisas no Brasil, o aparecimento da estrutura dos VOM foi considerado satisfatório como evidência de que a estrutura dos valores das mães existe de forma compatível com a teoria de Schwartz e pode ser relacionada aos valores das crianças, investigados segundo a mesma teoria.

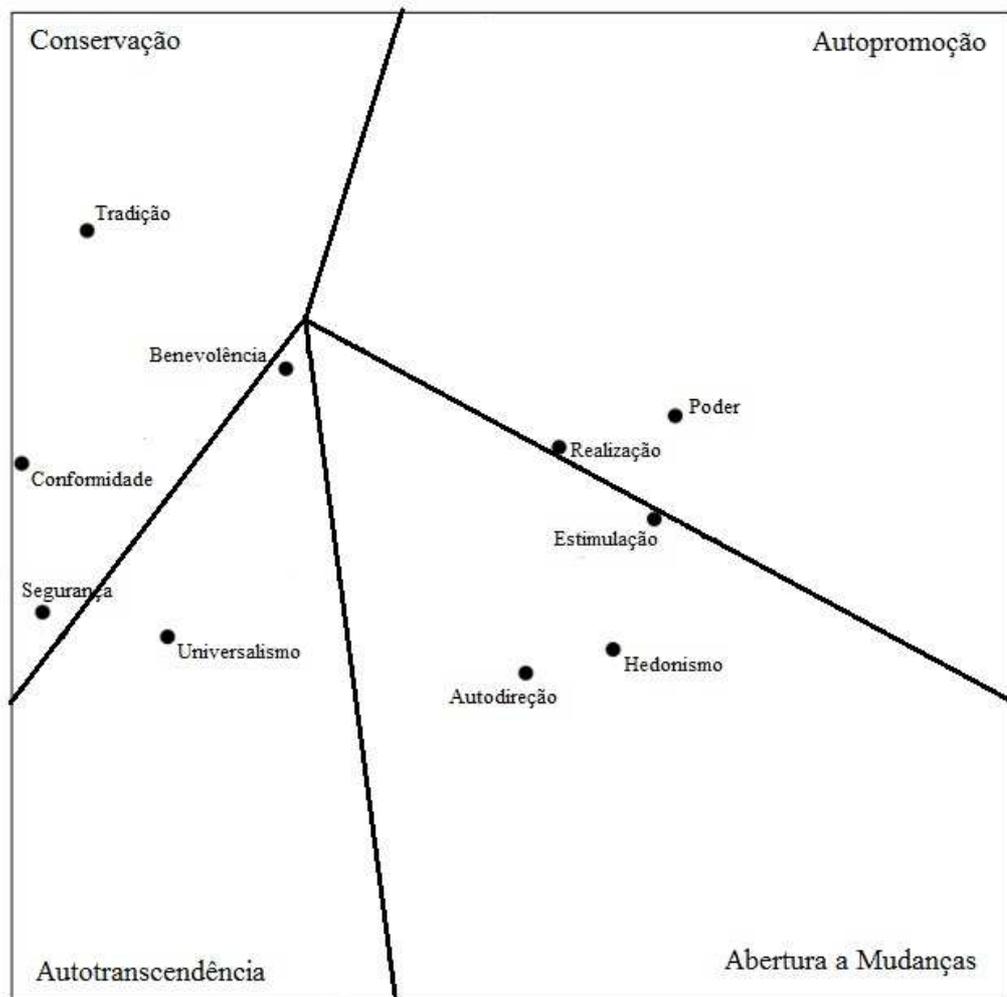


Figura 8: MDS dos valores das mães, mediante o QPV.

Quadro 3: estatísticas descritivas dos itens do QPV.

	N	Média	Desvio padrão
Conformidade3	43	4,65	,650
Universalismo1	41	4,56	,838
Universalismo4	43	4,51	,960
Conformidade4	43	4,47	,827
Universalismo5	43	4,44	,881
Benevolência1	43	4,40	,903
Segurança4	43	4,40	,660
Segurança1	43	4,37	,976
Benevolência3	43	4,26	,928
Universalismo3	43	4,23	1,043
Benevolência2	43	4,16	,974
Tradição4	43	4,16	,898
Segurança3	42	4,14	1,049
Universalismo6	43	3,98	1,080
Autodireção3	43	3,95	1,090
Benevolência4	41	3,95	1,094
Autodireção4	43	3,86	1,355
Universalismo2	43	3,84	,924
Segurança5	41	3,76	1,067
Tradição2	43	3,67	1,304
Autodireção2	42	3,64	1,122
Conformidade1	42	3,62	1,287
Hedonismo1	43	3,51	1,298
Autodireção1	42	3,50	1,194
Conformidade2	41	3,49	1,267
Realização4	43	3,47	1,260
Segurança2	41	3,44	1,285
Hedonismo3	43	3,40	1,256
Realização1	43	3,28	1,386
Tradição3	43	3,23	1,192
Realização3	43	3,05	1,344
Hedonismo2	43	2,95	1,174
Estimulação1	42	2,88	1,347
Poder3	43	2,86	1,283
Tradição1	43	2,58	1,384
Realização2	42	2,10	1,322
Realização3	42	1,95	1,306
Poder2	42	1,81	1,131
Estimulação2	43	1,77	1,212
Poder1	43	1,53	,935

6.2.2 A Avaliação das Crianças sobre os Valores das Mães

Outra medida dos valores das mães foi fornecida pelas crianças, em resposta ao PBVS-C. Após responderem ao PBVS-C em relação a si mesmas, as crianças foram solicitadas a tomar o ponto de vista das mães e responderem ao mesmo instrumento. Essa tomada de ponto de vista foi indireta. Foi pedido à criança que ela fizesse de conta que a protagonista dos itens era a sua mãe. Antes da coleta de dados, havia o receio que só as crianças de dez anos ou mais iriam realizar esse procedimento com desenvoltura. Porém, numa surpresa positiva, todas as crianças conseguiram dar as respostas, sem problema algum, até mesmo as de oito anos.

O uso do PBVS-C em terceira pessoa é um território novo na pesquisa de valores. Sem a estrutura proporcionada por uma literatura consolidada no assunto, não se sabe bem o que se esperar – não há muito em termos de hipóteses. Portanto, foi com um caráter exploratório que o MDS foi computado, com os dados coletados na versão do PBVS-C na qual as crianças avaliam a mãe (CM). Por não haver grandes expectativas hipotéticas, esta análise foi simplificada. Os valores básicos foram condensados em suas médias, como na análise dos valores das mães pelo QPV.

Dos dez pontos, cada um representando um valor básico, houve três desvios. Parece que a estrutura não se dissipa drasticamente quando os valores são analisados em terceira pessoa. À região de Autotranscendência foram desviados dois itens, um de cada região adjacente. Esses desvios haviam ocorrido nos valores autoavaliados das crianças.

Autodireção havia desviado para Auto-transcendência, na amostra de escola particular e este desvio ocorreu também no MDS da hétero-avaliação dos valores das mães, feita pelas crianças. O outro desvio já familiar foi de tradição para Auto-transcendência.

O desvio de valor básico de segurança, para a região oposta a de Abertura a Mudanças, foi uma novidade mais surpreendente. Um desvio para a região oposta merece

destaque. Por ter sido concebido que as crianças percebem suas mães como particularmente cuidadosas e que isso pode ter afetado sua percepção da prioridade dada pela mãe a segurança, foram realizados mais testes.

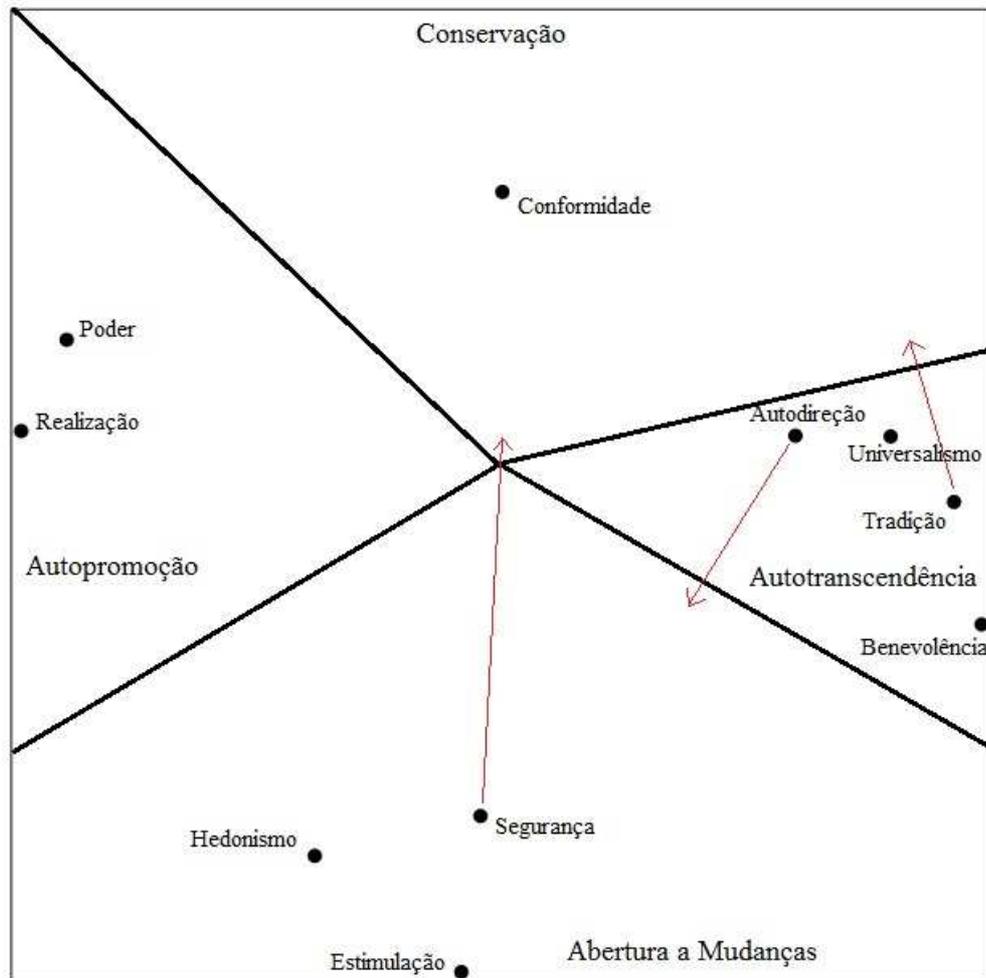


Figura 9: MDS dos valores das mães avaliados pelas crianças.

Para verificar se esta percepção ocorreu de fato e pode ter contribuído para o desvio, foram comparadas as médias dos itens de segurança das crianças e que as crianças atribuíram às mães. No item SE1 a média das mães ($M=3.65$, $DP=.76$) foi significativamente maior (Sig. .00) que a das crianças ($M=3.34$, $DP=.67$). Em SE2 a superioridade significativa (Sig. .00) da média da mãe ($M=3.26$, $DP=.71$) em relação à da criança ($M=3.02$, $DP=.77$) também acontece. Nos dois itens a prioridade que as crianças acham que suas mães atribuem a segurança é maior que as próprias crianças atribuem. Portanto, é provável que desvio do valor

básico de segurança esteja atrelado ao fenômeno da heteroavaliação da criança sobre a mãe, a percepção sobre a mãe como cuidadora e protetora.

6.2.3 Transmissão Direta de Valores de Mães a Crianças

Uma forma de investigar a transmissão de valores é analisar as correlações entre os valores autorrelatados das mães e os das crianças – uma comparação direta entre os membros das díades mãe-criança. As médias de cada um dos dez valores básicos foram calculadas, resumindo seus itens. Esse procedimento foi realizado tanto para o QVP, como para o PBVS-C. Não seria possível analisar as correlações de item por item, porque os instrumentos têm itens diferentes um do outro. Essas diferenças existem porque um instrumento é apropriado para crianças e o outro, não.

Foi realizada uma análise de correlações bivariadas entre os dez valores básicos das mães e das crianças. Houve apenas duas correlações significativas e positivas entre valores do mesmo tipo. Essas correlações são as evidências mais fortes de transmissão direta de valores, dentre as proporcionadas por este estudo.

Tabela 1: correlações bivariadas entre valores autorrelatados de mães e crianças.

Parte 1:

		UM.P	BE.P	TR.P	CO.P	SE.P	PO.P
UN	Rho	.212	.063	.022	-.007	-.151	.104
Universalismo	P	.413	.812	.934	.978	.563	.692
	N	17	17	17	17	17	17
BE Benevolência	Rho	-.007	.268	.265	.425	.465	-.217
	P	.978	.299	.304	.089	.060	.403
	N	17	17	17	17	17	17
TR Tradição	Rho	-.153	-.232	.254	-.308	-.300	-.311
	P	.557	.371	.325	.228	.242	.224
	N	17	17	17	17	17	17
CO Conformidade	Rho	-.045	.276	.035	.318	.040	.150
	P	.863	.284	.892	.214	.880	.565
	N	17	17	17	17	17	17
SE Segurança	Rho	-.361	-.116	.002	.032	.062	-.261
	P	.155	.659	.994	.904	.813	.311
	N	17	17	17	17	17	17
PO Poder	Rho	.010	.028	.025	.163	.019	.290
	P	.969	.916	.925	.531	.942	.258
	N	17	17	17	17	17	17
AC Realização	Rho	.114	-.160	-.067	-.532*	.181	-.407
	P	.663	.540	.800	.028	.487	.105
	N	17	17	17	17	17	17
HEHedonismo	Rho	-.113	-.109	.004	.130	-.121	.303
	P	.665	.678	.986	.619	.643	.236
	N	17	17	17	17	17	17
ST Estimulação	Rho	-.004	-.287	-.552*	-.146	-.285	.290
	P	.987	.263	.022	.577	.267	.258
	N	17	17	17	17	17	17
SD Autodireção	Rho	.404	.174	-.185	-.039	-.009	.180
	P	.107	.505	.476	.881	.972	.489
	N	17	17	17	17	17	17

* correlações significativas a nível de .05; ** correlações significativas a nível de .01

Parte 2:

		AC.P	HE.P	ST.P	SD.P
UN Universalismo	Rho	-.098	.169	.168	.185
	P	.710	.517	.519	.476
	N	17	17	17	17
BE Benevolência	Rho	.100	-.206	-.140	.099
	P	.701	.427	.591	.707
	N	17	17	17	17
TR Tradição	Rho	-.332	-.290	-.361	-.607**
	P	.193	.258	.155	.010
	N	17	17	17	17
CO Conformidade	Rho	.199	.305	.031	-.076
	P	.444	.233	.906	.773
	N	17	17	17	17
SE Segurança	Rho	-.303	-.101	-.159	-.435
	P	.236	.699	.542	.081
	N	17	17	17	17
PO Poder	Rho	.271	.505 [~]	.262	-.094
	P	.293	.039	.309	.719
	N	17	17	17	17
AC Realização	Rho	-.664**	-.206	-.396	-.010
	P	.004	.427	.115	.970
	N	17	17	17	17
HEHedonismo	Rho	.417	.038	.226	.075
	P	.096	.885	.382	.774
	N	17	17	17	17
ST Estimulação	Rho	.356	-.052	.485 [~]	.365
	P	.161	.844	.049	.150
	N	17	17	17	17
SD Autodireção	Rho	.136	-.068	.160	.690**
	P	.603	.795	.541	.002
	N	17	17	17	17

6.2.4 Transmissão Indireta de Valores de Mães a Crianças

Fora traçada a hipótese de que a transmissão de valores de mães a crianças se manifestaria mais fortemente de forma indireta. A transmissão indireta se refere à semelhança entre os valores que as crianças percebem nas mães, em relação aos valores das próprias crianças. As estatísticas descritivas dos valores das mães percebidos pelas crianças estão no quadro 4. A transmissão direta foi a tratada no tópico acima, a semelhança entre os valores das mães e os das crianças, em ambos os casos por autoavaliação.

Um procedimento semelhante ao da seção anterior foi utilizado para investigar a transmissão indireta – as correlações bivariadas foram computadas. Os resultados não refutam a hipótese de que a transmissão indireta é mais intensa que a direta. A transmissão indireta gerou muito mais correlações significativas. Dos valores pareados, de mesmo tipo, apenas três não tiveram correlação significativa entre os membros da díade mãe-criança: segurança, poder e realização.

Quadro 4: estatísticas descritivas dos valores das mães percebidos pelas crianças.

Estatísticas descritivas ^a			
	N	Média	Desvio padrão
Tradição1 CM	193	4,50	,765
Benevolência1 CM	193	4,11	,746
Benevolência2 CM	193	3,90	,803
Conformidade1 CM	193	3,82	,771
Segurança1 CM	193	3,65	,763
Universalismo2 CM	193	3,41	,731
Universalismo1 CM	193	3,34	,740
Segurança2 CM	193	3,26	,718
Realização2 CM	193	3,25	,860
Hedonismo2 CM	193	3,14	,781
Hedonismo1 CM	193	2,93	,677
Tradição 2 CM	193	2,90	,754
Autodireção2 CM	193	2,80	,681
Autodireção1 CM	193	2,70	,751
Estimulação1 CM	193	2,41	,837
Conformidade2 CM	193	2,32	,963
Estimulação2 CM	193	2,290	,7831
Realização1 CM	193	1,82	,779
Poder2 CM	193	1,80	,768
Poder1 CM	193	1,64	,855
N válido (de lista)	193		

a. Esc. Particular = Particular

Tabela 2: Correlações bivariadas entre os valores autorrelatados das crianças e os valores que percebem nas mães.

Parte 1:

		UM_CM	BE_CM	TR_CM	CO_CM	SE_CM
UN	Rho	.237 [*]	.046	.019	-.017	-.112
Universalismo	P	.016	.640	.852	.862	.259
	N	104	104	104	104	104
	Rho	.154	.243 [*]	-.004	.079	-.085
BE Benevolência	P	.119	.013	.966	.425	.394
	N	104	104	104	104	104
	Rho	-.045	.050	.355 ^{**}	-.088	-.236 [*]
TR Tradição	P	.652	.614	.000	.373	.016
	N	104	104	104	104	104
	Rho	.165	-.011	.010	.294 ^{**}	-.068
CO Conformidade	P	.094	.908	.918	.002	.494
	N	104	104	104	104	104
	Rho	.085	-.039	-.033	-.136	.078
SE Segurança	P	.389	.697	.740	.168	.431
	N	104	104	104	104	104
	Rho	-.136	.019	-.103	-.045	-.046
PO Poder	P	.168	.850	.297	.652	.642
	N	104	104	104	104	104
	Rho	.001	-.046	-.074	-.153	-.084
AC Realização	P	.995	.640	.453	.121	.396
	N	104	104	104	104	104
	Rho	-.166	-.097	-.050	-.033	.203 [*]
HEHedonismo	P	.092	.328	.617	.738	.038
	N	104	104	104	104	104
	Rho	-.201 [*]	-.098	-.236 [*]	.031	.275 ^{**}
ST Estimulação	P	.040	.320	.016	.757	.005
	N	104	104	104	104	104
	Rho	-.025	-.103	.131	.006	-.025
SD Autodireção	P	.802	.297	.187	.949	.804
	N	104	104	104	104	104

Parte 2:

		PO_CM	AC_CM	HE_CM	ST_CM	SD_CM
UN Universalismo	Rho	-.036	-.084	-.052	-.012	.038
	P	.717	.399	.602	.905	.701
	N	104	104	104	104	104
BE Benevolência	Rho	-.314**	-.046	.062	-.102	.207 [~]
	P	.001	.644	.534	.301	.035
	N	104	104	104	104	104
TR Tradição	Rho	.002	.023	.046	-.033	.052
	P	.984	.816	.643	.740	.604
	N	104	104	104	104	104
CO Conformidade	Rho	-.104	-.134	-.051	.011	-.016
	P	.293	.175	.609	.916	.876
	N	104	104	104	104	104
SE Segurança	Rho	-.024	.222 [~]	.155	-.141	-.039
	P	.806	.023	.117	.152	.692
	N	104	104	104	104	104
PO Poder	Rho	.166	.134	.150	-.053	-.224 [~]
	P	.093	.177	.128	.592	.022
	N	104	104	104	104	104
AC Realização	Rho	.139	.176	-.173	.053	-.011
	P	.159	.073	.078	.590	.910
	N	104	104	104	104	104
HEHedonismo	Rho	-.029	-.200 [~]	.203 [~]	.195 [~]	-.148
	P	.774	.042	.039	.047	.134
	N	104	104	104	104	104
ST Estimulação	Rho	.023	-.032	-.107	.306**	-.101
	P	.813	.750	.280	.002	.305
	N	104	104	104	104	104
SD Autodireção	Rho	.123	.046	-.130	-.216 [~]	.332**
	P	.215	.640	.188	.028	.001
	N	104	104	104	104	104

Havia outra hipótese em relação à transmissão de valores. Esperava-se que os valores sociais seriam transmitidos consideravelmente mais do que os pessoais. Esta hipótese foi refutada. Não pareceu haver muita diferença entre os valores sociais e pessoais, no que se refere à transmissão dos mesmos. Na transmissão indireta, quatro dos sete valores transmitidos de forma pareada (de valores do mesmo tipo) e positiva foram sociais – uma maioria sutil de valores sociais. Porém, na transmissão indireta os dois valores transmitidos de forma pareada e positiva foram pessoais. Juntando-se as duas formas de transmissão, os pessoais ficam com cinco casos de transmissão forte; e os sociais, com quatro.

6.2.5 A Acuidade da Percepção das Crianças sobre os Valores das Mães

Além das transmissões direta e indireta, pôde ser analisada a acuidade da percepção das crianças sobre os valores de suas respectivas mães. A percepção das crianças sobre as mães foi relacionada aos valores autorrelatados pelas mães. Houve poucas correlações significativas, em comparação à quantidade que existiu nas análises de transmissão direta e indireta. Isso indica que embora os valores das crianças sejam mais semelhantes ao que percebem nas mães, do que aos que as mães relatam sobre si mesmas; tal percepção não é muito acurada.

Apenas um valor teve correlação positiva significativa com sua contrapartida, entre mãe e criança, tradição (.57 a nível de .05). A devoção e o contato com o passado parecem ser mais facilmente perceptíveis pelas crianças, enquanto que todos os outros valores parecem esquivar-se de seu julgamento. Mas ainda houve outras correlações significativas, só não de valores de mesmo tipo.

Tabela 3: correlações entre os valores autorrelatados das mães e a percepção das crianças sobre os valores das mães.

Parte 1:

		UM.P	BE.P	TR.P	CO.P	SE.P
UM_CM Universalismo	Rho	-.032	.293	.178	.269	.175
	p	.903	.253	.494	.296	.503
	N	17	17	17	17	17
BE_CM Benevolência	Rho	.076	.025	.037	-.122	.134
	p	.772	.925	.888	.640	.608
	N	17	17	17	17	17
TR_CM Tradição	Rho	.450	.416	.579 [*]	-.054	.291
	p	.070	.097	.015	.837	.257
	N	17	17	17	17	17
CO_CM Conformidade	Rho	.210	.313	-.422	.151	.010
	p	.419	.221	.092	.563	.968
	N	17	17	17	17	17
SE_CM Segurança	Rho	.023	-.119	.149	.330	-.105
	p	.930	.649	.569	.196	.689
	N	17	17	17	17	17
PO_CM Poder	Rho	.547 [*]	.350	-.118	-.088	.187
	p	.023	.168	.653	.738	.473
	N	17	17	17	17	17
AC_CM Realização	Rho	-.192	-.124	.081	-.201	-.112
	p	.460	.635	.757	.439	.669
	N	17	17	17	17	17
HE_CM Hedonismo	Rho	-.343	-.410	-.063	.140	.031
	p	.177	.102	.809	.592	.906
	N	17	17	17	17	17
ST_CM Estimulação	Rho	-.508 [*]	-.486 [*]	-.049	-.389	-.532 [*]
	p	.037	.048	.852	.122	.028
	N	17	17	17	17	17
SD_CM Autodireção	Rho	-.212	-.041	-.296	.029	-.260
	p	.415	.875	.250	.912	.314
	N	17	17	17	17	17

Parte 2:

		PO.P	AC.P	HE.P	ST.P	SD.P
UM_CM	Rho	.380	.414	.218	.309	.216
Universalismo	p	.132	.099	.401	.227	.405
	N	17	17	17	17	17
BE_CM	Rho	-.442	-.148	-.382	-.421	-.043
Benevolência	p	.075	.570	.130	.093	.870
	N	17	17	17	17	17
TR_CM	Rho	-.194	.038	.056	-.123	-.028
Tradição	p	.456	.884	.830	.637	.914
	N	17	17	17	17	17
CO_CM	Rho	-.027	-.069	.009	-.014	.277
Conformidade	p	.918	.792	.973	.957	.282
	N	17	17	17	17	17
SE_CM	Rho	.028	.228	-.257	.108	-.062
Segurança	p	.916	.379	.319	.679	.812
	N	17	17	17	17	17
PO_CM Poder	Rho	.217	-.022	.357	.102	.416
	p	.402	.932	.160	.697	.097
	N	17	17	17	17	17
AC_CM	Rho	-.235	-.465	-.010	-.275	-.382
Realização	p	.365	.060	.970	.286	.131
	N	17	17	17	17	17
HE_CM	Rho	-.029	.140	-.120	-.003	-.249
Hedonismo	p	.911	.593	.646	.990	.336
	N	17	17	17	17	17
ST_CM	Rho	.260	.109	.293	.386	-.385
Estimulação	p	.314	.676	.253	.126	.127
	N	17	17	17	17	17
SD_CM	Rho	.038	-.202	-.325	-.112	.200
Autodireção	p	.886	.436	.203	.668	.442
	N	17	17	17	17	17

6.3 Valores e Personalidade

6.3.1 Personalidade de Mães e Crianças

Os resultados das análises de correlações bivariadas, acerca dos traços de personalidade estão expostos nas tabelas a seguir.

Tabela 4: correlações bivariadas entre os traços de personalidade das mães.

		Correlações				
		M.Ext.	M.Emp	M.Con	M.Est	M.Abe
M.Extroversão	Pearson	1	.189	.216	-.255	.050
	Sig. (2-tailed)		.230	.170	.103	.753
	N	42	42	42	42	42
M.Empatia	Pearson	.189	1	-.181	.433**	-.050
	Sig. (2-tailed)	.230		.250	.004	.754
	N	42	42	42	42	42
M.Conscienciosidade	Pearson	.216	-.181	1	-.188	-.100
	Sig. (2-tailed)	.170	.250		.232	.528
	N	42	42	42	42	42
M.Estabilidade	Pearson	-.255	.433**	-.188	1	-.316 [†]
	Sig. (2-tailed)	.103	.004	.232		.041
	N	42	42	42	42	42
M.Abertura	Pearson	.050	-.050	-.100	-.316 [†]	1
	Sig. (2-tailed)	.753	.754	.528	.041	
	N	42	42	42	42	42

Tabela 5: correlações bivariadas entre os traços de personalidade das crianças.

		Correlações				
		C.Ext	C.Emp	C.Con	C.Est	C.Abe
C.Extroversão	Pearson	1	-.120	-.317 [†]	-.458**	.523**
	Sig. (2-tailed)		.456	.043	.003	.000
	N	41	41	41	41	41
C.Empatia	Pearson	-.120	1	.272	.361 [†]	-.268
	Sig. (2-tailed)	.456		.085	.020	.091
	N	41	41	41	41	41
C.Conscienciosidade	Pearson	-.317 [†]	.272	1	.271	-.272
	Sig. (2-tailed)	.043	.085		.087	.085
	N	41	41	41	41	41
C.Estabilidade	Pearson	-.458**	.361 [†]	.271	1	-.365 [†]
	Sig. (2-tailed)	.003	.020	.087		.019
	N	41	41	41	41	41
C.Abertura	Pearson	.523**	-.268	-.272	-.365 [†]	1
	Sig. (2-tailed)	.000	.091	.085	.019	
	N	41	41	41	41	41

Tabela 6: correlações bivariadas entre os traços de personalidade de mães e crianças.

		Correlações				
		C.Ext	C.Emp	C.Con	C.Est	C.Abe
M.Extroversão	Pearson	.321 [†]	.083	-.136	-.132	.370 [†]
	Sig. (2-tailed)	.041	.606	.397	.412	.017
	N	41	41	41	41	41
M.Empatia	Pearson	-.026	.066	.263	.281	-.013
	Sig. (2-tailed)	.871	.682	.097	.075	.937
	N	41	41	41	41	41
M.Conscienciosidade	Pearson	-.099	.104	.442**	-.036	-.107
	Sig. (2-tailed)	.539	.517	.004	.822	.507
	N	41	41	41	41	41
M.Estabilidade	Pearson	-.197	.017	.215	.268	-.315 [†]
	Sig. (2-tailed)	.218	.918	.177	.091	.045
	N	41	41	41	41	41
M.Abertura	Pearson	-.099	.227	-.069	.076	.297
	Sig. (2-tailed)	.539	.153	.667	.636	.060
	N	41	41	41	41	41

A comparação das médias entre os traços das mães e das crianças foi significativa em três dos cinco traços. A totalidade das correlações está no quadro abaixo.

Quadro 5: Comparação das médias dos traços de personalidade entre mães e crianças.

NPar Test	Mãe		Criança		Significância
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Extroversão	4.33	1.75	5.31	1.68	.00
Empatia	5.41	1.37	5.47	1.41	.67
Conscienciosidade	5.89	1.11	4.64	1.56	.00
Estabilidade	4.05	1.62	4.69	1.36	.02
Abertura	4.01	1.41	4.41	1.32	.07

6.3.2 Valores e Personalidade Acessados por Autoavaliação

Os dados dos valores das mães e das crianças foram analisados em conjunto com as avaliações de personalidade fornecidas pelas mães. Múltiplas relações foram traçadas entre as respostas das crianças ao *PBVS-C*, tanto sobre si como sobre suas mães; das mães ao *QPV*; e também ao *TUPI* sobre si e sobre seu(a) filho(a). As informações que surgiram dessas relações estão nas tabelas a seguir.

Tabela 7: Correlações bivariadas entre valores e traços de personalidade da mãe.

		Correlações				
		M.Ext.	M.Emp	M.Con	M.Est	M.Abe
CO.P Conformidade	Pearson	-.304	.218	.272	.184	-.119
	Sig. (2-tailed)	.050	.166	.081	.245	.453
	N	42	42	42	42	42
TR.P Tradição	Pearson	-.200	.314 [*]	.172	.326 [*]	-.095
	Sig. (2-tailed)	.204	.043	.275	.035	.550
	N	42	42	42	42	42
BE.P Benevolência	Pearson	.117	.185	.040	-.084	-.016
	Sig. (2-tailed)	.460	.241	.802	.596	.920
	N	42	42	42	42	42
UM.P Universalismo	Pearson	-.110	.213	-.001	.091	-.009
	Sig. (2-tailed)	.487	.176	.993	.565	.956
	N	42	42	42	42	42
SD.P Autodireção	Pearson	.259	.000	-.107	-.164	.355 [*]
	Sig. (2-tailed)	.098	.998	.500	.300	.021
	N	42	42	42	42	42
ST.P Estimulação	Pearson	.323 [*]	-.120	-.002	-.083	.149
	Sig. (2-tailed)	.037	.448	.990	.602	.347
	N	42	42	42	42	42
HE.P Hedonismo	Pearson	.305 [*]	.124	-.037	-.002	.396 ^{***}
	Sig. (2-tailed)	.049	.433	.817	.992	.010
	N	42	42	42	42	42
AC.P Realização	Pearson	.207	-.106	.079	-.127	.140
	Sig. (2-tailed)	.189	.503	.620	.422	.376
	N	42	42	42	42	42
PO.P Poder	Pearson	.304	-.195	.159	-.106	-.064
	Sig. (2-tailed)	.050	.215	.314	.505	.686
	N	42	42	42	42	42
SE.P Segurança	Pearson	-.219	.143	.190	-.020	.118
	Sig. (2-tailed)	.163	.366	.227	.901	.456
	N	42	42	42	42	42

Tabela 8: Correlações bivariadas entre os valores das crianças e a personalidade da mãe.

		Correlações				
		M.Ext.	M.Emp	M.Con	M.Est	M.Abe
UN Universalismo	Pearson	-.079	-.068	-.072	-.041	-.072
	Sig. (2-tailed)	.620	.667	.652	.795	.652
	N	42	42	42	42	42
BE Benevolência	Pearson	-.164	-.046	-.277	.104	-.038
	Sig. (2-tailed)	.300	.771	.076	.510	.813
	N	42	42	42	42	42
TR Tradição	Pearson	.076	.136	-.090	.166	-.036
	Sig. (2-tailed)	.631	.390	.572	.293	.819
	N	42	42	42	42	42
CO Conformidade	Pearson	-.165	-.032	-.033	-.173	.056
	Sig. (2-tailed)	.295	.839	.836	.273	.723
	N	42	42	42	42	42
SE Segurança	Pearson	-.168	.114	-.199	-.062	.042
	Sig. (2-tailed)	.289	.471	.206	.694	.792
	N	42	42	42	42	42
PO Poder	Pearson	.226	.186	.075	.067	.105
	Sig. (2-tailed)	.151	.237	.638	.675	.507
	N	42	42	42	42	42
AC Realização	Pearson	-.066	-.030	-.020	.079	.051
	Sig. (2-tailed)	.676	.852	.899	.618	.747
	N	42	42	42	42	42
HE Hedonismo	Pearson	.087	-.235	.441	-.158	-.188
	Sig. (2-tailed)	.583	.134	.003	.319	.232
	N	42	42	42	42	42
ST Estimulação	Pearson	.060	-.017	.049	.162	-.009
	Sig. (2-tailed)	.708	.915	.757	.306	.957
	N	42	42	42	42	42
SD Autodireção	Pearson	.027	-.038	.022	-.171	.101
	Sig. (2-tailed)	.867	.811	.892	.279	.526
	N	42	42	42	42	42

6.3.3 Valores e Personalidade Incluindo Hétero-Avaliações

Várias avaliações foram cruzadas. Às mães fora solicitado que avaliassem a personalidade dos(a) filhos(a). Essa heteroavaliação foi observada juntamente com os valores autorrelatados das mães. A avaliação das crianças sobre os valores de suas mães foi comparada à personalidade autoavaliada das mães. As duas hétero-avaliações, a da criança avaliando os valores da mãe e a da mãe avaliando a personalidade da criança, foram também analisadas em conjunto. O conhecimento das mães sobre seus filhos foi analisado por correlações traçadas entre a percepção da mãe sobre a personalidade da criança e os valores autoavaliados das crianças.

Tabela 9: Correlações bivariadas entre valores das mães e a personalidade que atribuem aos(a) filhos(a).

		Correlações				
		C.Ext	C.Emp	C.Con	C.Est	C.Abe
CO.P Conformidade	Pearson	-.289	.191	.492**	.107	-.443**
	Sig. (2-tailed)	.067	.232	.001	.505	.004
	N	41	41	41	41	41
TR.P Tradição	Pearson	-.057	.112	.392*	.176	-.157
	Sig. (2-tailed)	.725	.487	.011	.272	.327
	N	41	41	41	41	41
BE.P Benevolência	Pearson	.015	.233	.063	.008	-.127
	Sig. (2-tailed)	.925	.143	.697	.959	.428
	N	41	41	41	41	41
UM.P Universalismo	Pearson	.150	.209	.217	-.073	-.063
	Sig. (2-tailed)	.349	.190	.174	.650	.694
	N	41	41	41	41	41
SD.P Autodireção	Pearson	.008	.076	-.359*	-.146	.106
	Sig. (2-tailed)	.961	.638	.021	.362	.509
	N	41	41	41	41	41
ST.P Estimulação	Pearson	-.001	.008	-.199	-.175	.170
	Sig. (2-tailed)	.995	.961	.211	.275	.289
	N	41	41	41	41	41
HE.P Hedonismo	Pearson	.038	.075	-.299	-.180	.263
	Sig. (2-tailed)	.812	.640	.058	.260	.097
	N	41	41	41	41	41
AC.P Realização	Pearson	-.117	.010	.045	-.086	-.030
	Sig. (2-tailed)	.465	.952	.779	.591	.853
	N	41	41	41	41	41
PO.P Poder	Pearson	.180	-.049	-.030	-.161	.168
	Sig. (2-tailed)	.259	.759	.854	.316	.295
	N	41	41	41	41	41
SE.P Segurança	Pearson	-.250	.169	.146	.010	-.379*
	Sig. (2-tailed)	.116	.290	.363	.950	.015
	N	41	41	41	41	41

Tabela 10: correlações bivariadas entre personalidade da mãe e seus valores percebidos pela criança.

		Correlations				
		M.Ext.	M.Emp	M.Con	M.Est	M.Abe
UM_CM	Pearson	-.025	-.051	-.065	.078	.035
Universalismo	Sig. (2-tailed)	.875	.749	.681	.623	.826
	N	42	42	42	42	42
BE_CM	Pearson	-.002	.147	-.153	.130	.100
Benevolência	Sig. (2-tailed)	.991	.352	.333	.414	.527
	N	42	42	42	42	42
TR_CM	Pearson	-.006	.354	-.108	.264	-.149
Tradição	Sig. (2-tailed)	.969	.022	.495	.091	.348
	N	42	42	42	42	42
CO_CM	Pearson	.045	-.126	.235	-.423	.053
Conformidade	Sig. (2-tailed)	.780	.425	.134	.005	.738
	N	42	42	42	42	42
SE_CM	Pearson	.012	-.170	.079	-.138	-.110
Segurança	Sig. (2-tailed)	.942	.281	.619	.382	.489
	N	42	42	42	42	42
PO_CM	Pearson	.229	.037	.068	.055	.127
Poder	Sig. (2-tailed)	.144	.815	.670	.730	.424
	N	42	42	42	42	42
AC_CM	Pearson	.003	-.037	-.206	.125	.222
Realização	Sig. (2-tailed)	.983	.816	.191	.429	.158
	N	42	42	42	42	42
HE_CM	Pearson	-.243	-.132	.133	-.014	-.128
Hedonismo	Sig. (2-tailed)	.121	.405	.401	.929	.420
	N	42	42	42	42	42
ST_CM	Pearson	.188	.144	.018	.060	-.033
Estimulação	Sig. (2-tailed)	.233	.362	.910	.706	.837
	N	42	42	42	42	42
SD_CM	Pearson	-.279	-.200	.006	-.193	-.194
Autodireção	Sig. (2-tailed)	.074	.204	.970	.220	.218
	N	42	42	42	42	42

Tabela 11: correlações bivariadas entre os valores das mães avaliados pelas crianças mães e a personalidade das crianças avaliada pelas mães.

		Correlações				
		C.Ext	C.Emp	C.Con	C.Est	C.Abe
UM_CM Universalismo	Pearson	-.294	.137	-.033	-.151	-.215
	Sig. (2-tailed)	.062	.395	.835	.347	.178
	N	41	41	41	41	41
BE_CM Benevolência	Pearson	-.061	.282	.049	.160	-.128
	Sig. (2-tailed)	.705	.075	.763	.317	.425
	N	41	41	41	41	41
TR_CM Tradição	Pearson	.219	.188	.052	.121	-.163
	Sig. (2-tailed)	.170	.239	.744	.450	.308
	N	41	41	41	41	41
CO_CM Conformidade	Pearson	.133	.260	.107	-.008	-.034
	Sig. (2-tailed)	.408	.100	.504	.959	.834
	N	41	41	41	41	41
SE_CM Segurança	Pearson	-.219	.055	.054	.173	-.152
	Sig. (2-tailed)	.170	.730	.738	.280	.344
	N	41	41	41	41	41
PO_CM Poder	Pearson	.243	-.273	-.216	-.175	.243
	Sig. (2-tailed)	.125	.085	.174	.275	.126
	N	41	41	41	41	41
AC_CM Realização	Pearson	.101	-.006	-.108	.035	.311
	Sig. (2-tailed)	.530	.971	.502	.829	.048
	N	41	41	41	41	41
HE_CM Hedonismo	Pearson	-.286	-.355	.163	-.007	-.259
	Sig. (2-tailed)	.070	.023	.307	.965	.102
	N	41	41	41	41	41
ST_CM Estimulação	Pearson	.135	.074	.078	-.006	.213
	Sig. (2-tailed)	.400	.647	.629	.969	.181
	N	41	41	41	41	41
SD_CM Autodireção	Pearson	-.122	-.268	-.054	-.100	.026
	Sig. (2-tailed)	.449	.090	.738	.534	.872
	N	41	41	41	41	41

Tabela 12: correlações bivariadas entre os valores das crianças avaliados pelas mães e a personalidade das mães avaliada pelas crianças.

		Correlações				
		C.Ext	C.Emp	C.Con	C.Est	C.Abe
UM_CM Universalismo	Pearson	-.294	.137	-.033	-.151	-.215
	Sig. (2-tailed)	.062	.395	.835	.347	.178
	N	41	41	41	41	41
BE_CM Benevolência	Pearson	-.061	.282	.049	.160	-.128
	Sig. (2-tailed)	.705	.075	.763	.317	.425
	N	41	41	41	41	41
TR_CM Tradição	Pearson	.219	.188	.052	.121	-.163
	Sig. (2-tailed)	.170	.239	.744	.450	.308
	N	41	41	41	41	41
CO_CM Conformidade	Pearson	.133	.260	.107	-.008	-.034
	Sig. (2-tailed)	.408	.100	.504	.959	.834
	N	41	41	41	41	41
SE_CM Segurança	Pearson	-.219	.055	.054	.173	-.152
	Sig. (2-tailed)	.170	.730	.738	.280	.344
	N	41	41	41	41	41
PO_CM Poder	Pearson	.243	-.273	-.216	-.175	.243
	Sig. (2-tailed)	.125	.085	.174	.275	.126
	N	41	41	41	41	41
AC_CM Realização	Pearson	.101	-.006	-.108	.035	.311
	Sig. (2-tailed)	.530	.971	.502	.829	.048
	N	41	41	41	41	41
HE_CM Hedonismo	Pearson	-.286	-.355	.163	-.007	-.259
	Sig. (2-tailed)	.070	.023	.307	.965	.102
	N	41	41	41	41	41
ST_CM Estimulação	Pearson	.135	.074	.078	-.006	.213
	Sig. (2-tailed)	.400	.647	.629	.969	.181
	N	41	41	41	41	41
SD_CM Autodireção	Pearson	-.122	-.268	-.054	-.100	.026
	Sig. (2-tailed)	.449	.090	.738	.534	.872
	N	41	41	41	41	41

6.4 Valores e Religião

6.4.1 Religião e Grau de Religiosidade

Quanto à filiação religiosa das mães, a maioria da amostra foi católica (47%) ou protestante (42%). Em relação à bússola moral, a religião protestante teve correlação positiva com o grau de religiosidade (.36 a nível de .05) e negativa com a importância atribuída à família (-.34 a nível de .05). Parece haver por parte dos protestantes uma maior delegação ao divino, no que se refere às suas tomadas de decisão.

6.4.2 Valores e Grau de Religiosidade

Os valores autorrelatados das mães foram analisados junto aos dados da bússola moral, por correlações bivariadas.

Tabela 13: correlações bivariadas entre a bússola moral e os valores das mães.

Correlações		Leis	Família	Religião	Política
Conformidade	Pearson	-.213	-.041	.050	.053
	Sig. (2-tailed)	.175	.799	.755	.741
	N	42	41	42	41
Tradição	Pearson	-.414**	-.086	.461**	.010
	Sig. (2-tailed)	.006	.592	.002	.950
	N	42	41	42	41
Benevolência	Pearson	-.165	.042	.167	-.038
	Sig. (2-tailed)	.297	.793	.290	.814
	N	42	41	42	41
Universalismo	Pearson	-.273	.086	.223	-.123
	Sig. (2-tailed)	.080	.592	.156	.443
	N	42	41	42	41
Segurança	Pearson	.071	.263	.021	-.251
	Sig. (2-tailed)	.653	.097	.894	.114
	N	42	41	42	41
Estimulação	Pearson	.032	.013	-.118	.061
	Sig. (2-tailed)	.842	.936	.457	.705
	N	42	41	42	41
Hedonismo	Pearson	-.158	.074	.128	-.076
	Sig. (2-tailed)	.319	.644	.421	.638
	N	42	41	42	41
Realização	Pearson	-.129	.236	.151	-.238
	Sig. (2-tailed)	.415	.138	.340	.133
	N	42	41	42	41
Poder	Pearson	-.074	.098	.202	-.221
	Sig. (2-tailed)	.643	.543	.199	.165
	N	42	41	42	41
Segurança	Pearson	-.196	-.003	.083	.038
	Sig. (2-tailed)	.213	.983	.602	.812
	N	42	41	42	41

Não houve correlação significativa entre os itens da bússola moral – que foi respondida apenas pelas mães – e os valores autoavaliados das crianças. Entretanto, a avaliação dos valores das mães, feita pela criança, apresentou uma correlação positiva com um item da bússola moral. As mães que atribuem mais importância à família foram percebidas por seus filhos como possuidoras de um alto grau do valor de segurança (.38 a nível de .05). É provável que a prioridade que as mães dão à família esteja relacionada à proteção desta.

4.3.3 Religião e Valores

A religião das mães foi analisada também junto a variáveis de valores. A religião foi cruzada com a autoavaliação das mães, a autoavaliação das crianças e à avaliação das mães feita pelas crianças.

Tabela 14: correlações bivariadas entre religião e valores das mães.

		Católica	Protestante
Conformidade	Pearson	.246	-.142
	Sig. (2-tailed)	.117	.370
	N	42	42
Tradição	Pearson	-.108	.144
	Sig. (2-tailed)	.495	.362
	N	42	42
Benevolência	Pearson	.145	-.089
	Sig. (2-tailed)	.360	.576
	N	42	42
Universalismo	Pearson	.159	-.137
	Sig. (2-tailed)	.315	.389
	N	42	42
Segurança	Pearson	.303	-.223
	Sig. (2-tailed)	.051	.155
	N	42	42
Estimulação	Pearson	.298	-.209
	Sig. (2-tailed)	.056	.184
	N	42	42
Hedonismo	Pearson	.112	-.120
	Sig. (2-tailed)	.481	.449
	N	42	42
Realização	Pearson	.323	-.289
	Sig. (2-tailed)	.037	.064
	N	42	42
Poder	Pearson	-.005	.075
	Sig. (2-tailed)	.974	.637
	N	42	42
Segurança	Pearson	.188	-.290
	Sig. (2-tailed)	.232	.062
	N	42	42

Tabela 15: correlações bivariadas entre os valores das crianças e a religião de suas mães.

		Católica	Protestante
Conformidade	Pearson	-.120	.236
	Sig. (2-tailed)	.447	.132
	N	42	42
Tradição	Pearson	-.062	.108
	Sig. (2-tailed)	.699	.495
	N	42	42
Benevolência	Pearson	-.362*	.274
	Sig. (2-tailed)	.018	.079
	N	42	42
Universalismo	Pearson	-.094	-.108
	Sig. (2-tailed)	.552	.496
	N	42	42
Segurança	Pearson	.110	-.212
	Sig. (2-tailed)	.489	.177
	N	42	42
Estimulação	Pearson	.205	-.127
	Sig. (2-tailed)	.192	.424
	N	42	42
Hedonismo	Pearson	-.057	.106
	Sig. (2-tailed)	.722	.506
	N	42	42
Realização	Pearson	-.051	-.034
	Sig. (2-tailed)	.749	.830
	N	42	42
Poder	Pearson	.395**	-.243
	Sig. (2-tailed)	.010	.121
	N	42	42
Segurança	Pearson	-.057	.059
	Sig. (2-tailed)	.722	.709
	N	42	42

Tabela 16: correlações bivariadas entre os valores das mães avaliados pelas crianças e a religião das mães.

		Católica	Protestante
Conformidade	Pearson	.160	-.089
	Sig. (2-tailed)	.310	.575
	N	42	42
Tradição	Pearson	.173	-.202
	Sig. (2-tailed)	.273	.201
	N	42	42
Benevolência	Pearson	-.087	.166
	Sig. (2-tailed)	.582	.293
	N	42	42
Universalismo	Pearson	-.022	-.153
	Sig. (2-tailed)	.889	.333
	N	42	42
Segurança	Pearson	-.016	.000
	Sig. (2-tailed)	.920	1.000
	N	42	42
Estimulação	Pearson	-.133	.227
	Sig. (2-tailed)	.401	.148
	N	42	42
Hedonismo	Pearson	-.248	.250
	Sig. (2-tailed)	.113	.110
	N	42	42
Realização	Pearson	.196	-.204
	Sig. (2-tailed)	.213	.195
	N	42	42
Poder	Pearson	.300	-.333
	Sig. (2-tailed)	.053	.031
	N	42	42
Segurança	Pearson	-.247	.239
	Sig. (2-tailed)	.115	.128
	N	42	42

Ao se dividir a amostra das mães entre católicas e protestantes, foram encontradas correlações indicadoras da acuidade da percepção das crianças sobre os seus valores.

Tabela 17: valores das mães católicas relacionados à percepção dos valores de seus valores, pelas crianças.

Parte 1:

a		UN.P	BE.P	TR.P	CO.P	SE.P
UN_CM Universalismo	Rho	.145	-.015	.152	.169	.122
	p	.542	.950	.522	.477	.609
	N	20	20	20	20	20
BE_CM Benevolência	Rho	.138	.036	-.028	-.430	-.065
	p	.562	.880	.905	.059	.786
	N	20	20	20	20	20
TR_CM Tradição	Rho	-.195	.163	.212	-.242	.135
	p	.411	.492	.371	.303	.569
	N	20	20	20	20	20
CO_CM Conformidade	Rho	-.124	.278	-.167	.359	.368
	p	.601	.235	.481	.120	.110
	N	20	20	20	20	20
SE_CM Segurança	Rho	.211	-.090	-.015	.090	-.111
	p	.371	.706	.950	.705	.643
	N	20	20	20	20	20
PO_CM Poder	Rho	.014	.104	-.117	.131	-.144
	p	.953	.664	.624	.582	.546
	N	20	20	20	20	20
AC_CM Realização	Rho	-.152	.020	.228	-.204	-.170
	p	.523	.935	.334	.387	.474
	N	20	20	20	20	20
HE_CM Hedonismo	Rho	-.078	-.095	-.136	.327	-.118
	p	.742	.691	.569	.159	.620
	N	20	20	20	20	20
ST_CM Estimulação	Rho	-.154	-.279	.081	-.294	-.324
	p	.516	.234	.736	.209	.163
	N	20	20	20	20	20
SD_CM Autodireção	Rho	.034	-.037	-.300	.143	.359
	p	.888	.878	.198	.549	.120
	N	20	20	20	20	20

Parte 2:

a		PO.P	AC.P	HE.P	ST.P	SD.P
UN_CM	Rho	.111	.002	-.034	-.037	.015
Universalismo	p	.641	.992	.887	.878	.949
	N	20	20	20	20	20
BE_CM	Rho	.045	-.155	.260	-.029	.505
Benevolência	p	.851	.515	.268	.904	.023
	N	20	20	20	20	20
TR_CM	Rho	-.155	.073	.338	.060	.213
Tradição	p	.514	.758	.145	.802	.368
	N	20	20	20	20	20
CO_CM	Rho	.300	.331	.052	.271	.196
Conformidade	p	.198	.154	.827	.247	.408
	N	20	20	20	20	20
SE_CM	Rho	-.246	-.131	-.722	-.558	-.223
Segurança	p	.296	.583	.000	.011	.345
	N	20	20	20	20	20
PO_CM	Rho	-.117	-.075	-.015	.137	.133
Poder	p	.622	.753	.951	.565	.576
	N	20	20	20	20	20
AC_CM	Rho	.156	.295	.291	.460	-.130
Realização	p	.512	.206	.214	.041	.584
	N	20	20	20	20	20
HE_CM	Rho	-.169	-.152	-.492	-.331	-.468
Hedonismo	p	.476	.523	.027	.154	.037
	N	20	20	20	20	20
ST_CM	Rho	.139	-.008	.473	.351	-.282
Estimulação	p	.560	.974	.035	.129	.228
	N	20	20	20	20	20
SD_CM	Rho	-.120	-.110	-.229	-.366	.102
Autodireção	p	.613	.645	.330	.112	.669
	N	20	20	20	20	20

Tabela 18: valores das mães protestantes relacionados à percepção dos valores de seus valores, pelas crianças.

Parte 1:

		UN.P	BE.P	TR.P	CO.P	SE.P
UN_CM Universalismo	Rho	-.369	.013	.007	-.116	-.182
	p	.132	.960	.976	.648	.469
	N	18	18	18	18	18
BE_CM Benevolência	Rho	.164	-.120	-.085	-.093	.194
	p	.515	.635	.738	.712	.440
	N	18	18	18	18	18
TR_CM Tradição	Rho	.557	.288	.309	-.010	.265
	p	.016	.246	.212	.967	.288
	N	18	18	18	18	18
CO_CM Conformidade	Rho	.183	.197	-.292	-.002	.338
	p	.467	.432	.240	.993	.170
	N	18	18	18	18	18
SE_CM Segurança	Rho	-.401	-.073	.012	-.070	-.277
	p	.099	.774	.963	.782	.266
	N	18	18	18	18	18
PO_CM Poder	Rho	.247	.303	-.180	-.066	.291
	p	.322	.222	.474	.796	.241
	N	18	18	18	18	18
AC_CM Realização	Rho	-.047	-.042	-.141	.187	-.185
	p	.853	.868	.578	.456	.462
	N	18	18	18	18	18
HE_CM Hedonismo	Rho	-.317	-.159	.382	.240	-.122
	p	.200	.529	.118	.337	.630
	N	18	18	18	18	18
ST_CM Estimulação	Rho	-.016	-.312	.163	-.054	-.476
	p	.949	.207	.518	.831	.046
	N	18	18	18	18	18
SD_CM Autodireção	Rho	-.076	-.117	-.156	-.125	-.148
	p	.764	.644	.537	.622	.559
	N	18	18	18	18	18

Parte2:		PO.P	AC.P	HE.P	ST.P	SD.P
UN_CM Universalismo	Rho	.063	.145	.315	.189	.017
	p	.805	.565	.202	.453	.946
	N	18	18	18	18	18
BE_CM Benevolência	Rho	-.113	-.131	-.193	-.211	-.189
	p	.655	.605	.442	.400	.453
	N	18	18	18	18	18
TR_CM Tradição	Rho	.257	.170	-.014	.005	.102
	p	.304	.499	.957	.986	.686
	N	18	18	18	18	18
CO_CM Conformidade	Rho	-.255	-.269	-.154	-.215	-.031
	p	.307	.281	.541	.391	.904
	N	18	18	18	18	18
SE_CM Segurança	Rho	-.097	-.173	.056	.171	-.204
	p	.701	.492	.827	.497	.416
	N	18	18	18	18	18
PO_CM Poder	Rho	.055	.132	.403	.135	.655 ^{**}
	p	.830	.603	.097	.593	.003
	N	18	18	18	18	18
AC_CM Realização	Rho	-.083	.077	-.050	-.078	.053
	p	.744	.762	.843	.758	.834
	N	18	18	18	18	18
HE_CM Hedonismo	Rho	-.057	.237	-.069	-.034	-.284
	p	.822	.343	.787	.894	.253
	N	18	18	18	18	18
ST_CM Estimulação	Rho	.191	-.138	-.173	.040	-.410
	p	.447	.584	.493	.875	.091
	N	18	18	18	18	18
SD_CM Autodireção	Rho	.253	.048	-.196	-.034	.237
	p	.310	.851	.435	.892	.344
	N	18	18	18	18	18

7 Discussão

7.1 Estrutura de Valores em Crianças

7.1.1 Escola Particular

O resultado do MDS com dados do PBVS-C da amostra de crianças de escola particular (Figura 4) encaixou-se no modelo circular de valores de Schwartz, mas não inteiramente. Houve três desvios significativos, todos provenientes de itens pertencentes ao VOM Auto-transcendência. Da região hipotética correspondente a esse VOM, apenas o item BE2 (item 2 de benevolência) posicionou-se como esperado. Foi como se esse VOM tivesse sido diluído e espalhado pelas regiões adjacentes, Auto-promoção e Abertura a Mudanças.

A difusão de Auto-transcendência significa que as crianças não distinguem tão bem a dimensão que opõe Auto-transcendência a Auto-promoção. No entanto, não houve desvios referentes aos VOM da outra dimensão, Conservação e Abertura a mudanças, o que indica que a oposição presente nesta dimensão é mais notada pelas crianças. Esse resultado foi surpreendente, pois se esperava que as crianças tivessem mais facilidade em perceber a dimensão Auto-transcendência versus Auto-promoção, do que a dimensão Conservação versus Abertura a Mudanças. Essa expectativa derivou do estudo em que Bilsky, Borg, Janik & Groenen (2013) encontraram maiores indícios de *'badness of fit'* na dimensão Conservação versus Abertura a mudanças, na amostra brasileira de escola pública, incluindo os casos de 6 e 7 anos.

Quanto aos itens que desviaram de Auto-transcendência, BE1 (item 1 de benevolência, “ajudar os outros”) surgiu em Conservação, VOM adjacente. O desvio pode ter ocorrido devido a uma semelhança semântica entre BE1 e SE1 (item 1 de segurança, “ser cuidadoso”). Além de semelhanças entre as legendas, ambas as figuras incluem uma bicicleta. No entanto, o desvio provavelmente não deve ser atribuído a uma suposta limitação do instrumento, a esse respeito, porque na amostra de escola pública esse desvio não ocorreu. Por alguma razão, as crianças de escola particular parecem associar ajudar mais com cuidar e com cautela, do que com outros aspectos de Auto-transcendência, como felicidade alheia e conhecer outras pessoas.

UN2 (item 2 de universalismo, “cuidar na natureza”) teve um desvio semelhante ao de BE1, apareceu em Conservação, ao invés de Auto-Transcendência. Os dois desvios podem ter acontecido por motivos semelhantes, ambos parecem ter sido ‘puxados’ por SE1. Os três itens ficaram bem próximos, como se formassem uma zona de cuidado e ajuda, que foi considerada como relativamente distinta de fazer outras pessoas felizes (BE2). Aparentemente as crianças de escola particular consideram BE1 e UN2 valores mais materialistas (no sentido de

‘básicos’), mais associados à prevenção de perda, diferentemente de como veem BE2, que seria um valor mais idealista, associado à promoção de ganho. No entanto, o que a teoria prevê é que BE1 e UN2 são valores de promoção de ganho.

Outra explicação a ser considerada para o desvio desses dois itens é a de que eles estão fazendo parte do VOM Conservação porque as crianças de escola particular os associam fortemente à escola. Nesse caso, seria assumido que a escola é uma instituição fortemente promotora de Conservação e tanto “ajudar os outros”, como “cuidar da natureza” seriam valores aprendidos como regras. Uma explicação semelhante fora contemplada para um desvio diferente, na amostra de escola pública, o de SD2 (item 2 de Autodeterminação, “ter imaginação”): o item pareceu ter sido associado à escola, provavelmente porque a maioria das crianças dificilmente seriam encorajadas a tarefas artísticas como pintura, senão na escola.

Todos esses desvios para Conservação estão mais provavelmente atrelados a padrões culturais das amostras do que a supostas limitações do instrumento ou de sua adaptação para o Brasil. Parece que cada tipo de escola afeta a estrutura de valores das crianças de uma forma distinta, causando desvios diferentes. E ainda se deve considerar aspectos atrelados ao tipo de escola que as crianças frequentam, pois a diferença entre escola pública e particular é muito provavelmente relacionada com variáveis importantes, como renda e escolaridade dos pais. Portanto, tais desvios para Conservação podem ocorrer por conta de como as crianças são educadas em geral, tanto pelo perfil de escola, como pelo perfil dos pais e cuidadores.

UN1 (item 1 de universalismo, “conhecer novas pessoas”) apareceu em Abertura a Mudanças, região adjacente. Como este desvio não ocorreu na amostra de escola pública, provavelmente não se deve ao instrumento, mas a questões culturais referentes a escolas particulares. Conhecer novas pessoas foi uma atividade mais relacionada a abertura e mudanças do que a altruísmo.

Há outra explicação, um tanto mais complexa, para o arranjo dos itens em Abertura a mudanças e Auto-transcendência. O desvio de UN1 pode ser visto de forma distinta, não como UN1 exatamente desviando para Abertura a mudanças, mas como SD1 e SD2 (os itens de Autodeterminação) ‘invadindo’ a região de Auto-transcendência. Seria como considerar que as crianças de escola particular associam fortemente livre-arbítrio a altruísmo. Essa associação teria precedente em tendências éticas contemporâneas que priorizam a não-agressão, como uma forma de promover tanto bem-estar, como liberdade.

Torres & Alfinito (2008) apresentaram uma hipótese de relação entre a teoria de valores de Schwartz e os axiomas sociais, uma teoria de Leung. Nessa relação hipotética um construto de axioma social, Complexidade Social, é formado pela união de correlações positivas com três dos dez valores básicos propostos por Schwartz, autodeterminação, universalismo e benevolência. Essa é uma relação teórica que envolve autodeterminação em Auto-transcendência e pode estar relacionada ao relativo desvio de UN1, a como este item teve sua posição invertida com SD1 e SD2.

No entanto, a hipótese explicativa de Complexidade Social não trata dos desvios de BE1 e UN2 para o VOM Conservação. Pelo contrário, esses dois desvios deixam o VOM Auto-transcendência incompleto, faltante de sua metade. Portanto, o que ocorre não é exatamente a união de autodeterminação a Auto-transcendência, mas a união de autodeterminação a uma parte de Auto-transcendência. E um elemento que enfraquece a explicação de Complexidade Social ainda mais é o fato de a metade que falta a Auto-transcendência estar no VOM Conservação, que é oposto ao tipo de valor básico de autodeterminação.

Ainda assim, se se considera que os desvios de BE1 e UN2 ocorreram devido à formação de aglomerado de itens relacionados a cuidado, junto a SE1; é plausível assumir que a mistura dos outros dois itens Auto-Transcendência aos itens de autodeterminação tenha

ocorrido por conta da Complexidade Social. Assim, a difusão de Auto-transcendência teria ocorrido por causa de dois fenômenos culturais distintos, ambos específicos à amostra de escola particular: (a) Valores de Cuidado e (b) Complexidade Social. É improvável que os desvios tenham acontecido devido ao instrumento, por não terem ocorrido na amostra de escola pública. Uma explicação alternativa plausível é a de desenvolvimento: os desvios de Auto-transcendência tenderiam a se desfazer com o aumento da idade, na medida em que as crianças tornam-se adultas e vão consolidando a estrutura de valores dos adultos.

Essa explicação de desenvolvimento não foi, entretanto, corroborada pela análise realizada com a parcela mais velha da amostra de escola particular, de 11 e 12 anos. Nesse MDS, os desvios permaneceram e a mistura entre autodeterminação e Auto-transcendência foi ainda melhor, pelo desvio de SD1, que não havia ocorrido com a amostra inteira de escola particular (de oito a 12 anos). Entretanto, pôde-se notar que a parcela mais velha teve menos desvios que a mais nova, o que indica que a estrutura está a se desenvolver bastante nessa margem idade. E o erro aleatório pode também ser a causa desses desvios.

Apesar de suas limitações, a explicação que parece mais plausível para a dispersão de Auto-transcendência é a de que existem dois fenômenos culturais específicos às escolas particulares que compuseram a amostra: (a) Valores de Cuidado e (b) Complexidade Social. Esses fenômenos podem estar atrelados não apenas às escolas em si, mas também a variáveis que tendem a acompanhar as escolas particulares, como renda e escolaridade dos pais. E a representatividade da amostra é questionável, o que significa que esses fenômenos podem ser específicos às escolas que participaram do estudo, não existindo em outras escolas particulares brasileiras. Restaria ainda saber até que idade essa idiosincrasia tende a ser mantida.

Correlações bivariadas podem ajudar um pouco a esclarecer o problema. A variável escola particular teve correlações significativas com UN1 (.11 a nível de .05) e UN2 (-.09 a

nível de .01). A correlação com UN1 foi positiva, o que significa que este item foi preferido pelas crianças de escola particular, em comparação a como as de escola pública avaliaram o mesmo item. UN2, por outro lado, teve correlação negativa com a variável escola particular. A direção oposta das correlações desses itens desviantes é mais uma pista, ainda que ínfima, de que os desvios ocorreram devido a dois fenômenos culturais distintos.

7.1.2 Escola Pública

A nova análise da amostra de crianças de escola pública, excluindo os casos de seis e sete anos, revelou um fato surpreendente. A estrutura de valores das crianças de escola pública é mais semelhante ao modelo de Schwartz do que a de crianças de escola particular. Isso refuta uma das hipóteses desta pesquisa. O MDS da amostra de idade equiparada de escola pública teve apenas dois desvios, ao passo em que o de escola particular teve três.

SD1 foi desviado muito levemente para Auto-transcendência, região adjacente à sua hipotética, Abertura a Mudanças. O mesmo MDS poderia ser interpretado diferentemente, considerando que o desvio ocorreu em BE1, não em SD1. Foi preferida a interpretação de que SD1 desviou, simplesmente porque SD2 constituiu o segundo desvio. Não parece haver muito que interpretar em relação ao desvio de SD1, a não ser pelo fato de o outro item do mesmo tipo de valor básico ter desviado também. E, de qualquer forma, o desvio de SD1 foi realmente bastante curto.

O desvio SD2, contrariamente, é extremo – além de ser longo, é um desvio para a região oposta, Conservação. Esse desvio permaneceu nos resultados, após a exclusão dos casos de seis e sete anos, diferentemente dos desvios de AC2, CO1 e TR1 (Roazzi, et al., 2011; Bilsky, Borg, Janik & Groenen, 2013), que ocorreram com a amostra completa de escola pública, mas deixaram de existir na amostra de idade equiparada. Para as crianças de escola pública, a idade não parece ser um elemento decisivo para o desvio de SD2. E, como

na amostra de escola particular este desvio não ocorreu, tal fenômeno provavelmente não se deve ao instrumento.

Este conjunto de pistas dá margem à interpretação de que o desvio de SD2 ocorreu por questões culturais relacionadas à escola pública e variáveis que tendem a acompanhá-la, como renda e escolaridade dos pais. As crianças provavelmente relacionaram o item, cuja legenda é “ter imaginação” e a figura mostra o protagonista pintando, a atividades escolares, por (supostamente) dificilmente pintarem em casa e praticamente só fazê-lo na escola.

O MDS com a amostra de escola particular foi mais semelhante ao modelo, em comparação com a amostra de escola pública incluindo as crianças de seis e sete anos (três desvios, contra cinco), mas ao se equiparar as idades, o resultado se inverte (três a dois) e a hipótese é refutada, mesmo sendo a média de idade da amostra de escola pública ($M=9,65$; $DP=1,29$) menor que a de escola particular ($M=10,43$; $DP=1,31$), após a exclusão dos casos de seis e sete anos.

A variável ‘tipo de escola’ foi certamente relevante na interpretação dos resultados, especialmente no entendimento dos desvios que ocorreram em cada tipo. Antes dessa comparação, o instrumento estava sob suspeita de ser a causa de alguns desvios. Após a comparação, não mais. Agora as causas mais prováveis dos desvios parecem ser culturais.

7.1.3 Escolas Particular e Pública

Na análise global, que incluiu as crianças tanto de escola pública, como de particular, de oito a 12 anos, houve só dois desvios. Nenhum desses desvios foi novo no sentido de não terem ocorrido nas amostras isoladas por tipo de escola. O desvio de TR1 para Auto-transcendência havia acontecido na amostra de escola pública de seis a 12 anos. Já o de UN1 para Abertura a mudanças ocorrera na amostra de escola particular.

Seria possível interpretar tais desvios em termos da amostra global, mas é mais provável que tenham acontecido por elementos culturais relacionados ao tipo de escola, uma informação que está disponível devido a análises prévias, com as amostras separadas. Portanto, esses desvios provavelmente não ocorreram por razões específicas à junção das amostras, razões que transcendem o tipo de escola. Eles foram aparentemente herdados das especificidades das amostras, UN1 tendo sido causado pela amostra particular e TR1, pela pública.

Como no desvio de UN1 que ocorrera na amostra de crianças de escola particular, na amostra conjunta SD1 e SD2 ficaram entre UN1 e a sua região hipotética, Auto-transcendência. Isso sugere que os desvios tiveram a mesma causa. E, como foi discutido na seção anterior, provavelmente está relacionado à incorporação de autodeterminação (SD1 e SD2) a Auto-transcendência, constituindo o fenômeno de Complexidade Social (Torres e Alfinito, 2008). Parece que há nas crianças de escola particular uma noção implícita de que as pessoas tendem a promoverem mais o bem, quando pensam por si mesmas, quando têm mais autonomia.

Os valores envolvidos nesta mistura pertencem todos ao conjunto de valores de promoção de ganho (opostos à prevenção de perda), da teoria de Schwartz (Bilsky, Borg, Janik & Groenen, 2013). Os de promoção de ganho são os dos VOM Auto-transcendência e Abertura a mudanças, enquanto que os de prevenção de perda correspondem aos VOM Auto-promoção e Conservação. Em termos da teoria funcionalista dos valores humanos (Gouveia et al., 2010), a mistura ocorre entre valores humanitários/idealistas (opostos aos materialistas/pragmáticos). E segundo resultados do *World Value Survey*, Auto-transcendência e autodeterminação são valores positivamente correlacionados aos países mais desenvolvidos, sendo valores envolvidos diretamente com autonomia e modernização

(Inglehart & Welzel, 2009). Há uma dimensão trans-teórica que parece ser especialmente relevante para os resultados. Esta é explicitada pela figura 10.



Figura 10: síntese do conteúdo dos valores em relação às variáveis externas.

Essa dimensão aparece claramente num padrão envolvendo itens de variáveis externas: tipo de escola, idade e sexo. São mais idealistas as crianças de escola particular, as mais velhas e – sutilmente – as meninas. Vale notar que as crianças mais velhas de escola pública estão abaixo até mesmo das mais novas de escola particular, na dimensão de modernização, um fato que acentua a diferença prevista entre os tipos de escola, no que se refere à estrutura de valores. Quanto às diferenças entre os sexos, a posição dos itens na projeção é congruente com algumas correlações bivariadas significativas. Os meninos correlacionaram-se positivamente com poder (.15 a nível de .01) e realização (.17 a nível de .01) e negativamente com benevolência (-.15 a nível de .01) e autodireção (-.10 a nível de .05). A feminilidade parece estar atrelada à modernidade, ao menos em crianças.

Quanto ao desvio de TR1, este parece ter sido causado pela amostra de escola pública. Este desvio é particularmente estranho, porque este item aparece próximo e entre os itens de autodeterminação, os quais são conceitualmente bem diferentes. TR1 aparece, de fato,

praticamente na região oposta à sua hipotética. No entanto, pode-se compreender este desvio como sendo menor do que parece, como tendo surgido por artefatos da análise. Uma explicação concebível é de que TR1 desviou por questões simples de se confundir religiosidade a Auto-transcendência, uma tendência das crianças de escola pública, especialmente as mais novas. Porém, este desvio acabou sendo emaranhado com outro desvio, a inversão entre UN1 e os itens de autodeterminação (SD1 e SD2), causado pela amostra de escola particular e provavelmente por conta do fenômeno de Complexidade Social. Isso aparentemente acabou fazendo o desvio de TR1 ficar parecendo mais estranho do que sua razão de fato é.

Em termos gerais, apesar de gerar artefatos de análise por conta da combinação das amostras de escola particular e pública, esta projeção teve menos desvios. Isso sugere que o aumento da amostra poderia diminuir os desvios ainda mais e contribuir para o aparecimento da estrutura hipotética. Ou seja, o número de indivíduos modesto e sua falta de representatividade podem estar entre as causas de alguns dos desvios.

7.2 Transmissão Materna de Valores

7.2.1 Valores das Mães

O MDS referente aos valores das mães, mediante suas respostas ao QPV, encaixou-se no modelo de Schwartz (1992), sem desvios. A adequação ao modelo contou com algumas simplificações, no entanto. Primeiro, os valores básicos foram condensados nas médias de seus respectivos itens. O pequeno número de mães que retornaram os protocolos à pesquisa limitou o número de participantes na análise. Um MDS com todos os 40 itens do QPV, com pouco mais de 40 participantes não seria muito viável. Por isso os valores básicos foram condensados em apenas dez variáveis.

Além dessa condensação, a hipótese estrutural foi a de que os pontos representando os valores básicos encaixar-se-iam no modelo dos VOM, com apenas quatro grandes regiões. Esta é a hipótese estrutural utilizada na investigação dos valores de crianças. Adultos costumam ter uma estrutura mais complexa, que além de possuir a diferenciação dos quatro VOM, divide-se nos dez valores básicos segundo a estrutura circular prevista por Schwartz.

Adotou-se para as adultas – as mães – a hipótese normalmente usada para crianças, por conta do número de participantes e porque o QPV já é no Brasil um instrumento confiável. O propósito principal em se usar o QPV neste estudo foi buscar relações entre os valores das mães e os das crianças. Considerando este propósito foi julgada satisfatória a adequação dos dados ao modelo. Utilizando-se como variáveis as médias dos valores básicos, não houve desvios em relação à estrutura dos VOM.

7.2.2 A Avaliação das Crianças sobre os Valores das Mães

Por razões semelhantes às da análise acima, a análise da avaliação das crianças sobre os valores das mães foi simplificada. As simplificações foram parecidas. Foram usadas apenas dez variáveis, cada uma representando um valor básico e sendo composta pela média entre os itens que dizem respeito a cada valor. Assim, as 20 variáveis – dos vinte itens – tornaram-se dez variáveis, os valores básicos.

Embora esta seja uma avaliação dos valores das mães, indivíduos adultos, as crianças foram as respondentes. Por isso, não foi esperada uma estrutura muito complexa, que diferenciasse os dez valores básicos. Apenas os VOM formaram a hipótese estrutural. O que é digno de nota no caso desta análise é que os desvios podem corresponder a artefatos da hétero-avaliação. E esses artefatos podem vir a se tornar padrões, dependendo de estudos futuros. E além de se tratar de uma hétero-avaliação, esta foi uma avaliação feita por crianças, sobre suas mães.

No MDS resultante, três das dez variáveis apareceram em regiões inesperadas. Autodireção desviou para Auto-transcendência, região adjacente. Este resultado aparecera no MDS referente aos valores das crianças de escola particular. No Capítulo 1 esse desvio foi discutido e a explicação mais provável para a sua ocorrência pareceu ser a existência de um fenômeno cultural inerente às escolas particulares, relacionado ao conceito de Complexidade Social, da teoria de Axiomas Sociais (Torres e Alfinito, 2008).

Outro desvio para o VOM Auto-transcendência foi do valor de tradição. Este havia ocorrido na amostra de crianças de escola pública, de seis a 12 anos (Roazzi, et al., 2011). O mesmo desvio não ocorreu, no entanto, na mesma amostra de escola pública, porém com o corte das crianças de seis e sete anos. Isso indica que a mistura de tradição com os elementos de Auto-transcendência é uma tendência das crianças mais novas, ao avaliarem os próprios valores. Tal tendência parece persistir, permanecer por mais tempo, no caso da avaliação dos valores das mães.

O terceiro desvio foi o de segurança, para a região oposta, a de Abertura a Mudanças. Este desvio foi inédito, em relação às análises anteriores e merece destaque por ter sido um desvio para a região oposta à hipotética. Este desvio não ocorrera nas autoavaliações. Portanto, é provável que seja um artefato da hetero-avaliação, ou, mais especificamente, da avaliação que o participante faz da própria mãe. Intuitivamente, concebe-se que as crianças julguem que suas mães valorizem segurança mais do que as próprias crianças.

Essa ideia foi investigada, mediante a comparação de médias entre o valor de segurança dos dois membros da díade. As crianças realmente percebem as mães como mais cuidadosas do que elas próprias. Esta parece ser uma explicação plausível para o desvio de segurança. Fica aberta a questão de o quão este viés se deve à relação criança-mãe e o quão se deve puramente à hetero-avaliação.

7.2.3 Transmissão Direta de Valores de Mães a Crianças

Apenas dois valores foram transmitidos diretamente de mães a crianças – apenas dois tiveram correlação significativa positiva com sua contrapartida no outro membro da díade. Pode-se dizer que tanto a estimulação, como o autodirecionamento de mães e crianças “andam junto”. Especialmente no caso desses dois valores básicos a mãe educa por exemplo.

Ambos esses valores pertencem à região de Abertura a Mudanças. O *status* especial que eles têm por serem os únicos transmitidos diretamente merece ponderação. Autodireção já obteve destaque nas análises dos valores das crianças, por conta de seu desvio à região de Auto-transcendência. Foi arguido que a explicação mais provável para tal desvio é a de que há um fenômeno cultural atrelado à variável de escola particular.

A junção entre autodireção e os valores básicos de Auto-transcendência, benevolência e universalismo, pode ser relacionada ao construto de Complexidade Social (Torres & Alfinito, 2008). Este construto diz respeito à visão de que problemas sociais têm múltiplas, porém incertas, soluções, as quais dependem das circunstâncias (Bond, *et al.*, 2004). A transmissão direta de autodireção pode, portanto, ser uma forma indireta de educar as crianças em direção a Auto-transcendência. E a transmissão direta do valor de estimulação pode existir por conta de sua semelhança com autodireção.

Enigmática foi a oposição entre o valor de realização das mães e das crianças. Este valor pula uma geração, na árvore genealógica materna. É possível que uma valorização alta ou baixa deste valor tenha uma conotação negativa, na percepção da criança sobre a mãe. Por isso, talvez, as crianças tendam a ser sistematicamente diferentes das mães, quanto a esse valor.

Correlações entre valores de tipos diferentes também aconteceram. O hedonismo da mãe correlacionou-se positivamente com a importância dada a poder, pelo(a) filho(a). Esses valores são relativamente próximos, portanto essa relação não é estranha. Talvez as crianças

achem que para sustentar altos graus de hedonismo, é preciso ter bastante dinheiro e uma posição de liderança. Assim, mães hedonistas levam a filhos ambiciosos. Isso não implica, no entanto, que essas mesmas mães sejam ambiciosas ou ricas.

As outras correlações entre valores de tipos diferentes foram negativas. O valor de estimulação das crianças opôs-se ao de tradição das mães. Essa oposição não é estranha. Tais valores pertencem a VOMs opostos. E tradições, inclusive religiosas, incluem elementos que podam valores de estimulação. A prioridade dada a realização, pelas crianças, teve a oposição da importância atribuída a conformidade, pela mãe. O valor de realização inclui pôr-se em posição de destaque e este elemento foi provavelmente o que gerou o contraste com conformidade, que inclui valores de discrição e de não se destacar.

A última correlação a ser comentada foi a oposição entre a autodireção das crianças e a tradição das mães. Estes valores também são opostos em relação aos seus respectivos VOMs. Ambos os valores têm recebido destaque em algumas das análises neste estudo. É curioso como, apesar de se oporem, ambos surgem em Auto-transcendência, nos casos em que não surgem em seus VOM hipotéticos. Esses dois valores parecem competir por uma relação positiva com Auto-transcendência, competir como alternativas de caminhos à bondade.

Com a exceção da correlação negativa entre a realização de mãe e filho(a), todas as correlações significativas existente, considerando-se tanto as que ocorreram entre valores de mesmo tipo, como as que ocorreram entre valores diferentes, encaixaram-se no modelo circular de Schwartz. As transmissões não ocorrem apenas diretamente entre os valores pareados, mas também de forma indireta no que se refere à estrutura, com correlações positivas entre valores semelhantes e negativas entre valores relativamente opostos.

7.2.4 Transmissão Indireta de Valores de Mães a Crianças

A hipótese de que a transmissão indireta de valores seria mais intensa do que a direta não foi refutada. Houve evidências de que a transmissão indireta, a semelhança entre o que as crianças acham dos valores das mães e os valores das próprias crianças, foi de fato mais intensa. Sete dos dez valores básicos tiveram correlação positivas com sua contrapartida – correlações entre valores de mesmo tipo. No caso da transmissão direta, houve apenas dois valores com esse tipo de correlação. Além de ter tido menos correlações positivas entre valores de mesmo tipo, a transmissão direta teve uma oposição entre o valor de realização da mãe e o da criança.

Dos sete valores que contaram com a correlação pareada, na transmissão indireta, o que teve a correlação mais alta foi tradição. Os três valores que não tiveram correlações significativas com sua contrapartida foram segurança, poder e realização. Vale salientar que esses três valores básicos são adjacentes e formam um *continuum* na estrutura circular de valores – uma fatia da pizza. Segurança pertence ao VOM de Conservação. Já poder e realização constituem o VOM de Auto-promoção. Outro detalhe a ser notado é que realização teve uma correlação negativa com sua contrapartida, na transmissão direta. Este é provavelmente o valor mais contrastante entre mãe e criança.

Outra hipótese testada foi a de que haveria mais transmissões de valores sociais, do que de valores pessoais. Esta hipótese foi refutada. Os valores pessoais foram transmitidos em um caso a mais, considerando-se as transmissões pareadas, tanto diretas como indiretas. A ideia de que os valores sociais seriam mais transmitidos porque as transmissões implicariam um aspecto social parece estar simplesmente incorreta, ao menos no caso da transmissão materna.

Quanto às correlações significativas entre valores de tipos diferentes, na análise de transmissão indireta, houve várias. A estimulação das crianças opôs-se ao universalismo e à

tradição percebidos na mãe. A oposição a universalismo indica que apesar de estarem em VOMs adjacentes, as crianças focam elementos opostos entre esses valores. Talvez o valor de estimulação seja percebido com impulsividade e que essa característica pode apresentar riscos à natureza e ao convívio em sociedade. A oposição entre estimulação e tradição é mais clara e ocorrera também na análise de transmissão direta. Os valores pertencem a VOMs opostos e tradição tem elementos claros, inclusive religiosos, que vão de encontro a estimulação.

As mães que parecem mais cuidadosas – que apreciam mais o valor de segurança, aos olhos dos(a) filhos(a) – têm crianças menos tradicionalistas. Esses valores pertencem ao mesmo VOM, Conservação. Portanto, a oposição entre segurança e tradição é particularmente estranha. No entanto, esses dois valores estiveram envolvidos em outros desvios. Essa conjunção de resultados inesperados pode vir a fornecer pistas sobre porque eles ocorreram.

A segurança percebida nas mães teve outras correlações significativas negativas. Hedonismo e estimulação foram as outras oposições. Neste caso é concebível que as crianças mais hedonistas e aventureiras percebam mais suas mães como agentes de segurança porque o comportamento dessas crianças requereria mais intervenções das mães. Os meninos mais bagunceiros teriam suas mães interferindo mais em seu comportamento errático e por isso as perceberiam como maiores valorizadoras de segurança.

Crianças que valorizam menos benevolência percebem suas mães como pessoas que dão grande importância a poder. Esta oposição existe também entre os respectivos VOMs desses valores. Portanto, é de certa forma esperada. Apesar de poder não ter tido correlações pareadas nas transmissões direta ou indireta, teve ao menos esta correlação negativa com um valor oposto. O poder percebido nas mães é transmitido à criança em forma de menor benevolência.

As mães percebidas como mais competitivas, que valorizam mais realização, têm crianças menos hedonistas e que valorizam mais segurança. Essas correlações parecem

aproximar realização do VOM de Conservação, adjacente ao seu, Autopromoção. As crianças que acham que a mãe atribui mais valor a estimulação são mais hedonistas. Essa relação de proximidade entre esses valores condiz com seu pertencimento ao mesmo VOM, Abertura a Mudanças. Entretanto, a estimulação percebida nas mães opõe-se à autodireção dos(a) filhos(a). Considerando-se outros desvios de autodireção, parece que esse valor foi deslocado para a região de Autotranscendência e que estimulação e hedonismo são percebidos pelas crianças como estando mais próximos de Autopromoção.

A autodireção percebida na mãe está relacionada positivamente com a benevolência da criança e negativamente com o valor atribuído pela criança a poder. Essas correlações condizem com o desvio de autodireção para Autotranscendência e sua consequente oposição ao valor de poder. O conjunto de desvios presentes neste estudo fornece múltiplas pistas de que tais desvios podem de fato constituir um padrão correspondente a um fenômeno cultural, a uma elevação da complexidade concedida pelas pessoas à Autotranscendência – uma complexidade que requer autodireção.

7.2.5 A Acuidade da Avaliação das Crianças sobre os Valores das Mães

Além de analisar as transmissões direta e indireta, este estudo contém uma análise de correlação entre percepção das crianças sobre os valores das mães e os valores autorrelatados das mães. Nesta análise houve poucas correlações significativas. Apenas um valor teve correlação significativa positiva com sua contrapartida. O valor de tradição autoavaliado da mãe relacionou-se positivamente com o mesmo valor nela percebido pela criança. Tradição foi o único valor básico na mãe percebido com acuidade, pela criança.

Retoma-se o destaque que este valor recebeu em resultados anteriores neste mesmo estudo. Tradição e autodireção parecem competir por uma relação com Auto-transcendência. É provável que as crianças percebam a tradição das mães como uma espécie de via para sua

bondade materna. Além disso, o conteúdo ritualístico das tradições, inclusive religiosas, pode contribuir para tornar este valor mais facilmente percebido em outrem. Resta ainda a questão de se isto é um fruto da hétero-avaliação – se este valor é mais facilmente percebido em outras pessoas em geral – ou se algo específico da percepção de crianças sobre os valores de suas mães. Talvez esta questão possa ser respondida por estudos futuros.

No metafórico duelo entre tradição e autodireção, no que tange à transmissão de valores como um todo, parece haver uma espécie de empate. Autodireção foi transmitido diretamente e indiretamente, mas não foi percebido com acuidade. O valor de tradição, por outro lado, não foi transmitido diretamente, mas foi percebido com acuidade e transmitido indiretamente. Cada um dos valores conta com dois dos três critérios de transmissão. Ambos merecem uma atenção especial e continuada.

Apesar de tradição ter sido o único valor que obteve correlação positiva consigo mesmo, nas duas avaliações distintas, a auto e a hétero-avaliação sobre a mãe; houve outras correlações significativas – entre valores diferentes. O universalismo autorrelatado foi surpreendentemente atrelado ao valor de poder, pela hétero-avaliação. Mães que se julgam universalistas, que procuram contato com novas pessoas e valorizam a preservação da natureza, são percebidas por seus filhos como ambiciosas em relação a dinheiro e posições de liderança. Tal relação foi inesperada, pois esses são valores pertencentes a VOMs opostos. Talvez isso implique em uma versão de universalismo de que necessite de uma quantidade relativamente alta de dinheiro. Em alguns casos, opções verdes podem custar mais, ao menos em curto prazo. Mas esta é uma explicação particularmente frágil, na ausência da concepção de outra.

O mesmo valor autorrelatado pelas mães, universalismo, opôs-se à estimulação avaliada pelas crianças. As mães que se acham mais universalistas são percebidas como mais pacatas, por seus filhos. Estes dois valores pertencem a VOMs adjacentes, mas como em

outros resultados, estimulação parece ter tido para amostra uma conotação que o aproxima mais da região adjacente de Auto-promoção, do que da outra região adjacente, Auto-transcendência, onde fica universalismo. Assim, essa oposição não é tão inesperada. Porém, é ainda estranho, em termos estruturais, que universalismo tenha se afastado de estimulação, mas se aproximado de poder. Essa estranheza se deve à hipótese de que estimulação deveria estar mais perto de universalismo – e poder relativamente mais longe.

O valor de estimulação foi uma via indireta para outra percepção das crianças. Estas perceberam mediante uma baixa estimulação a benevolência autorrelatada das mães. Considerando a tendência da amostra a relacionar estimulação a Auto-promoção, esta relação não é estranha. As mães benevolentes são notadas como pacatas, por seus(a) filhos(a). E as mães mais cuidadosas são percebidas da mesma forma, como pessoas que dão baixa prioridade a estimulação. Esta oposição é inclusive mais intuitiva, já que estimulação e segurança pertencem a VOMs opostos.

Embora apenas tradição tenha sido percebido com acuidade pelas crianças, houve mais pistas sobre a percepção das crianças. Outros valores tiveram correlações com valores de tipos diferentes. Essas relações indicam uma percepção estrutural, menos precisa, mas que ainda assim pode ser importante. Tais relações estruturais, assim como a acuidade da percepção sobre tradição, podem vir a constituir padrões da relação mãe-criança e/ou da hétero-avaliação de valores.

Idade e sexo também afetam a percepção das crianças sobre os valores das mães. Quanto mais novas as crianças, mais notam as mães como tradicionalistas e universalistas. Essas impressões vão diminuindo na medida em que a criança cresce. Quanto ao fato de os meninos tenderem a perceber as mães como mais conformistas, talvez eles costumem necessitar de mais intervenções das mães, em relação a regras, e isso faça com que eles tenham a impressão de que elas valorizam mais as regras.

A seguir está disponível uma figura que sintetiza os resultados referentes às vias de transmissão de valores. Os números representam a quantidade de correlações significativas positivas entre valores de mesmo tipo de mãe e criança.

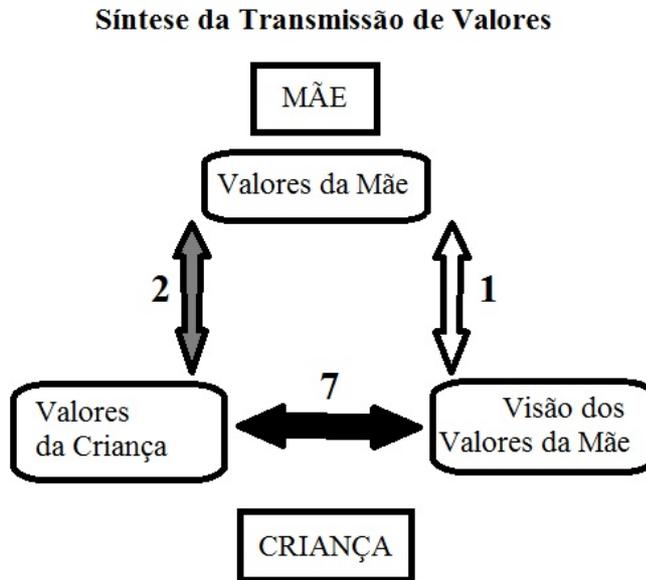


Figura 11: síntese da transmissão materna de valores.

7.3 Valores e Personalidade

7.3.1 Personalidade de Mães e Crianças

A personalidade das mães foi analisada por correlações bivariadas. O traço de estabilidade pareceu agir como uma âncora para a estrutura. Estabilidade aproximou-se de empatia e afastou-se de abertura. Pessoas estáveis tendem a ser mais empáticas e menos abertas. Estes achados não formam uma estrutura muito compreensiva, mas podem vir a ser somados a outros achados, para a formação de uma estrutura que inclua todos os cinco traços de personalidade tratados no instrumento.

A personalidade das crianças, avaliada pelas mães, contou com mais correlações significativas. Os dois traços que não haviam tido correlações significativas na análise da personalidade das mães, extroversão e conscienciosidade, tiveram na personalidade das

crianças. Esses dois traços se opuseram um ao outro. Segundo as mães, as crianças mais extrovertidas são menos responsáveis e organizadas. O traço de extroversão opôs-se também a estabilidade, o que indica que as mães percebem de modo geral as crianças extrovertidas como ansiosas e instáveis. Extroversão relacionou-se a um terceiro traço, abertura, só que esta relação foi positiva. As crianças mais abertas a experiências são mais extrovertidas.

Como na personalidade das mães o traço de empatia aproximou-se do de estabilidade. Outra semelhança entre a personalidade das mães e das crianças foi a oposição entre estabilidade e abertura. O conjunto de correlações presentes na personalidade das mães e das crianças sugere uma estrutura unidimensional, com uma oposição entre dois conjuntos de traços. Numa extremidade ficam os traços de extroversão e abertura. Na outra ficam empatia, conscienciosidade e estabilidade.

As personalidades de mães e crianças foram então analisadas em termos de correlações bivariadas. A extroversão de mães e filhos é semelhante, na visão das mães. Essa semelhança implica num dado curioso, porque extroversão foi um traço isolado na personalidade da mãe, sem correlações significativas; enquanto que na criança, houve três traços significativamente relacionados a extroversão. Ou seja, o grau de extroversão é relativamente semelhante entre mãe e filho(a), mas a estrutura da extroversão, em relação a outros traços, parece ser significativamente diferente.

Mães e filhos assemelharam-se também a respeito do traço de conscienciosidade. E como ocorreu com o caso de extroversão, a conscienciosidade das crianças parece ser mais estrutura, por sua relação com outros traços, do que no caso da conscienciosidade da mãe. Todas essas relações parecem se encaixar. Não houve relação negativa numa análise onde houvera relação positiva em outra análise – e vice-versa. Isso reforça o argumento para uma estrutura de personalidade, mesmo que simples, na pequena amostra de mães, deste estudo.

Ainda na análise das relações entre a personalidade das mães e a que elas percebem nas crianças, houve mais uma correlações significativa. Esta ocorreu entre traços diferentes. A extroversão da mãe relacionou-se positivamente com a abertura da criança. Mães extrovertidas têm filhos(a) mais abertos a experiências, segundo elas mesmas.

Além da análise de correlações bivariadas, comparou-se as médias do grau dos traços de personalidade de mães e crianças. Segundo as mães elas são mais conscienciosas que as crianças. Porém, julgam as crianças como mais extrovertidas e estáveis. Essa relativa aproximação entre extroversão e estabilidade, na comparação das médias, parece ir de encontro aos resultados encontrados nas análises de correlação. Entretanto, isso não neutraliza a significância dos achados daquelas análises, pois as correlações são traçadas por regras fundamentalmente diferentes das regras das comparações das médias. As correlações não se referem aos valores brutos dos itens, mas a como eles sobem ou descem, juntos ou em oposição.

7.3.2 Valores e Personalidade Acessados por Autoavaliação

Esta seção trata das relações entre medidas autorrelatadas de valores e personalidade. Ao se cruzar os dados do QPV e do *TIPI*, ambos respondidos pelas mães, sobre elas mesmas, encontrou-se algumas relações, todas estas positivas. O traço de extroversão aproximou-se dos valores de estimulação e hedonismo.

Estes dois valores básicos do VOM Abertura a Mudanças tinham recebido destaque em outras análises, por juntos tenderem ao VOM de Autopromoção, ao passo em que autodireção, o terceiro valor do VOM Abertura a Mudanças, foi desviado para o VOM Auto-transcendência. Faz sentido, estruturalmente, que um traço de personalidade tenha se correlacionado positivamente esse par de valores, estimulação e hedonismo. E há um sentido

semântico na correlação entre extroversão e esses dois valores. As mães extrovertidas apreciam mais as emoções e os prazeres.

O traço de empatia teve correlação positiva significativa com tradição. Vale salientar que empatia é uma tradução da palavra *'agreeableness'*, em inglês. Outra tradução plausível é amabilidade. Mas ambas parecem um tanto insatisfatória, já que o termo em inglês refere-se a uma qualidade que implica uma tendência a concordar. Esta característica poderia ser considerada mais próxima da palavra conformidade, em português. Mas assim seria perdida a conotação de valência emocional, que o termo em inglês parece trazer também. Empatia parece remeter a dois aspectos de tradição. Um é o mais comum, atrelado teoricamente ao seu VOM, Conservação, e a um valor básico próximo, conformidade. Este traço implica em elementos como concordar, manter, obedecer, etc. O outro aspecto de tradição seria sua relação com Autotranscendência, com emoções de valência positiva e associadas ao altruísmo. Este aspecto seria provavelmente encabeçado por construções religiosas.

O valor de tradição relacionou-se a outro traço de personalidade, estabilidade. Esta relação pode se dever a como a fé é comumente concebida como um poderoso meio de enfrentamento (*coping*) a situações ansiolíticas e desestabilizadoras. Ademais, esses dois traços associados a tradição mostraram-se estruturalmente relacionados em si, em análises anteriores, neste estudo.

O traço de abertura aproximou-se de dois valores básicos pertencentes ao VOM Abertura a Mudanças, autodireção e hedonismo. Há semelhanças semânticas nesses construtos. Existe, entretanto, uma pequena antítese, considerando-se a estrutura de valores. Em análises anteriores a autodireção estava se afastando de hedonismo. Mesmo assim, como na teoria esses dois valores pertencem ao mesmo VOM, a associação de ambos ao traço de personalidade 'abertura' pode ser considerada como um achado esperado. Apenas o traço de conscienciosidade não teve correlação significativa com valor algum.

Foram analisadas também as relações entre os valores das crianças e a personalidade da mãe. Apenas uma correlação significativa ocorreu. As crianças mais hedonistas têm mães mais conscienciosas. Tal relação não se encaixa intuitiva com as outras, pois estas opõem hedonismo a conscienciosidade. É provável, portanto, que esta relação seja um fruto da relação entre mãe e criança. Talvez seja um caso semelhante entre a oposição entre o valor de realização da mãe da criança. Se hedonismo e conscienciosidade são tendem a se opor, então pode-se dizer que hedonismo da criança seja uma espécie de falta de conscienciosidade e que este traço, então, de certa forma pula uma geração.

O hedonismo da criança correlacionou-se positivamente com a conscienciosidade da mãe. Ou seja, as mães que se acham responsáveis geralmente têm filhos que se acham hedônicos.

7.3.3 Valores e Personalidade Incluindo Heteroavaliações

Após a análise entre as respostas ao QPV e ao *TUPI* sobre as próprias mães, foram analisadas as relações entre suas respostas ao QPV e as respostas ao *TUPI* que forneceram sobre os(a) seus(a) filhos(a). Esta uma relação traçada entre os valores das mães e a personalidade das crianças, ambos vistos do ponto de vista da mãe. Houve várias correlações significativas.

As mães mais conformistas tendem a ter filhos cuja personalidade elas percebem como menos aberta. É intuitivo que a conformidade da cuidadora leve a um relativo fechamento da personalidade da criança. A conformidade da mãe relacionou-se também à conscienciosidade da criança. Mães mais conformistas têm filhos que elas mesmas percebem como mais responsáveis e organizados. Este traço de personalidade não tivera correlações significativas na análise anterior. Portanto, esta relação, fornecida mediante heteroavaliação, é de grande valia para uma compreensão global de valores e personalidade.

E o traço de conscienciosidade relacionou-se ainda a mais valores. Houve uma aproximação a tradição, um valor semelhante a conformidade. Aparentemente, a liturgia atrelada a tradição atraiu os aspectos ordenados do traço de conscienciosidade. Assim, as mães mais tradicionalistas tendem a ter filhos mais conscienciosos. No entanto, ocorreu uma oposição entre este traço e outro valor, autodireção. Como autodireção opõe-se a tradição, este resultado faz sentido. Mães mais criativas e inovadoras geralmente têm filhos menos organizados. Todas estas correlações entre os traço de conscienciosidade e esses valores básicos, tenham sido elas positivas ou negativas, apontam para uma relação forte entre conscienciosidade e o VOM de Conservação.

A abertura das crianças, enquanto traço de personalidade avaliado pelas mães, teve uma relação opositiva com o valor ‘segurança’ das mães. As mães mais cautelosas tendem a gerar crianças menos abertas, ao menos no seu próprio ponto de vista. Todos esses achados sobre as relações entre personalidade e valores são consistentes entre si – não contradizem os rudimentos da estrutura que parecem constituir.

A análise seguinte diz respeito ao ponto de vista da criança sobre os valores da mãe. Estes valores foram cruzados com os traços de personalidade autorrelatados da mãe. É uma verificação de o quão bem a percepção das crianças sobre os valores das mães serve como preditora da personalidade da mãe.

A tradição da mãe, julgada pela criança, relaciona-se ao traço de empatia da mãe. As crianças percebem a empatia da mãe mediante valores de tradição. Este resultado alude à estrutura dos valores das mães avaliados pelas crianças. Nessa estrutura, tradição foi desviada para Autotranscendência, um VOM que parece constituir um dos elementos do traço de empatia. O outro elemento já comentado deste traço de personalidade é o relacionado ao VOM de Conservação. Portanto, tal relação entre tradição e empatia faz muito sentido.

Vale resgatar neste ponto a relação entre a idade da criança e sua percepção do tradicionalismo da mãe. Crianças mais novas tendem a perceber a mãe como mais tradicionalista. É concebível que seja uma tendência de crianças mais novas perceberem mediante o valor de tradição a empatia das mães. Assim, o crescimento das crianças as levaria a depender menos desta associação para reconhecer a empatia de suas mães. E esta ideia alude ao desvio de tradição para Autotranscendência que ocorrera no MDS de crianças de escola pública incluindo indivíduos de seis e sete anos. Talvez a associação de tradição a Autotranscendência seja uma tendência infantil.

Retornando a relações entre os valores percebidos nas mães e seus traços de personalidade, houve uma oposição entre o valor de conformidade e o traço de estabilidade. A instabilidade e irritabilidade das mães são notadas pelas crianças mediante um alto grau do valor de conformidade. Este contraste vai de encontro aos outros resultados. No entanto, vale salientar que na comparação das médias as mães julgaram-se consideravelmente menos estáveis que as crianças. A possibilidade é um tanto remota – mas talvez esta diferença na média possa ter a ver com a oposição inesperada entre esses dois valores. De modo geral, a análise de correlação não deveria ser muito afetada por essas diferenças entre as médias.

Outra explicação possível, mas não tão provável é que a ansiedade das mães seja percebida pelas crianças como tendo suas principais fontes em tentativas de ser como os outros e seguir regras. A percepção de tal perfil de mãe não seria estranha, porém os achados de análises anteriores não apontam para isto. Deste modo, esta relação opositiva entre conformidade e estabilidade fica por enquanto sem uma explicação muito plausível.

A próxima análise de correlações acerca de valores e personalidade cruzou-se o que a criança acha dos valores da mãe e o que a mãe acha da personalidade da criança. As crianças que percebem a mães como hedonistas são consideradas por estas como críticas e conflituosas. Isto parece dar a hedonismo uma conotação negativa. É como se dizer que

alguém é hedonistas fosse uma crítica. Não se sabe se esta negatividade é atribuída especificamente à percepção da criança sobre a mãe, ou a heteroavaliações em geral.

A outra relação encontrada foi que as crianças que percebem as mães como mais competitivas são julgadas como abertas a experiências, pela mãe. É provável que mães competitivas encorajem suas crianças a serem criativas e inovadoras, ou que as crianças sintam-se mais confortáveis para serem abertas; quando percebem que suas mães são competitivas. Estas relações parecem atribuir ao valor de realização uma capacidade de se desprender da igualdade, de não temer tentar ser melhor que os outros, o que implica divergir dos outros. Esta propensão a divergência, inerente ao valor de realização, parece ser o que o conecta ao traço de personalidade ‘abertura’.

A personalidade das crianças, avaliada pelas mães, foi analisada junto aos valores autorrelatados das crianças. Esta análise revela a acuidade da percepção da mãe sobre criança, mas de modo consideravelmente indireto, por misturar personalidade e valores. A benevolência das crianças é percebida pelas mães mediante o traço de empatia. Já fora discutido como empatia parece incluir elementos de Autotranscendência, o VOM ao qual pertence o valor básico de benevolência.

O traço de empatia, entretanto, opôs-se ao valor de segurança. Esta oposição foi menos intuitiva. Empatia relacionou-se majoritariamente com valores de Conservação. Ainda assim, por alguma razão, as crianças mais cuidadosas são percebidas pelas mães como sendo crianças críticas e conflituosas. É provável que a própria natureza da relação materna gere este achado curioso – o exercício do valor de segurança por parte da criança deve tender a gerar críticas dela, especialmente em relação à mãe.

A benevolência das crianças foi negativamente relacionada ao traço de abertura. Esta oposição condiz com a proximidade de empatia a benevolência. Combina também com a

semelhança entre realização e abertura, encontrada anteriormente; pois realização é um valor oposto a benevolência.

Em termos mais gerais este achado parece aproximar, mesmo que pouco, os traços de personalidade de abertura e extroversão – os quais se relacionam positivamente em alguns casos – ao VOM de Autopromoção. Esta ideia, por sua vez, afasta autodireção do VOM de Autotranscendência. As relações entre personalidade e valores parecem dar uma sutil vantagem a tradição, em sua competição contra autodireção, por uma aproximação a Autotranscendência. A síntese das relações entre valores e personalidade está na figura 11.

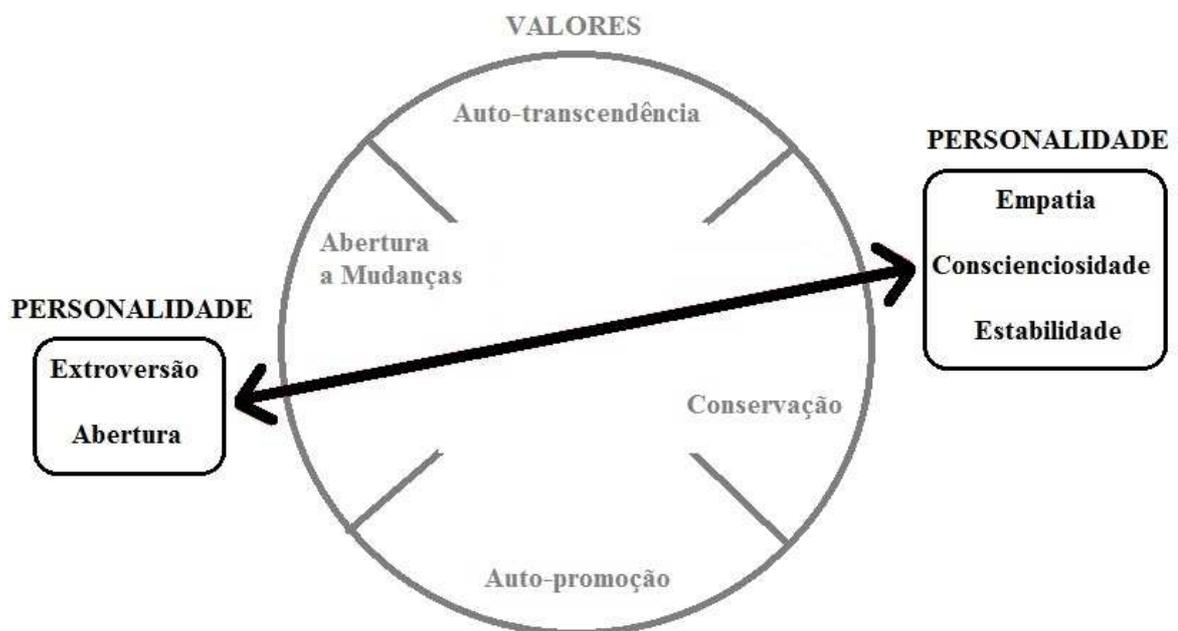


Figura 12: síntese das relações entre valores e personalidade.

7.4 Valores e Religião

7.4.1 Religião e Grau de Religiosidade

Houve duas variáveis externas com potencial de proporcionar mais achados relevantes. A religião e o grau de religiosidade das mães foram acessados. Para se acessar o grau de religiosidade, foi pedido que ordenassem quatro itens de acordo com a prioridade dada a eles, em seus processos de tomada de decisão. Os itens foram: leis, família, religião e

política. E além de se verificar a variação deste item de grau de religiosidade, verificou-se relações entre os outros três itens e as variáveis principais do estudo. Referir-se aqui ao conjunto destes quatro itens como ‘bússola moral’.

Quanto à filiação religiosa, quase todas as mães na amostra são católicas ou protestantes. Estas duas religiões puderam ser comparadas e relacionadas a outras variáveis. As protestantes apresentaram um maior grau de religiosidade. Provavelmente como uma contrapartida disto, valorizaram menos a importância da família. Para a religião protestante, o divino deve ser posto acima de todas as coisas, inclusive a família.

Apesar de bastante comum, o protestantismo ainda é uma minoria no Brasil e na América Latina, conhecida também como América Católica. Parece haver um padrão de que religiões tendem a ser praticadas com mais intensidade em lugares onde são minoria. No Brasil muitas pessoas deístas, porém não consideravelmente religiosas, identificam-se como católicas, ao passo em que os protestantes parecem ser quase todos praticantes devotos da religião. Este padrão pode explicar a maior religiosidade das mães protestantes.

7.4.2 Valores e Grau de Religiosidade

Os valores das mães, informados por elas mesmas, mediante o QPV, foram analisados numa busca por correlações com a bússola moral. O valor de tradição da mãe relacionou-se positivamente com o grau de religiosidade e opôs-se à importância dada por elas a leis. É provável que elas confiem numa espécie de lei divina que tenha precedência à lei dos homens.

A bússola moral não se relacionou significativamente aos valores das crianças, avaliados pelo *PBVS-C*. Porém, a percepção das crianças sobre as mães, mediante uma aplicação diferenciada do mesmo instrumento, relacionou-se com a importância atribuída à família. O valor relacionado à família foi segurança. As mães que priorizam a família como

guia para suas decisões são percebidas por suas crianças como pessoas cuidadosas. É provável, inclusive, que a prioridade concedida à família seja uma forma de protegê-la.

7.4.3 Religião e Valores

Analisando-se religião e valores, descobriu-se que as mães católicas da amostra são em geral mais competitivas. Sua medida do valor de realização, acessada mediante o autorrelato do QPV, é sistematicamente mais alta. Modéstia é uma característica profundamente valorizada pelo cristianismo. As católicas, por serem menos religiosas, devem ser menos modestas e, por conseguinte, mais competitivas.

A religião das mães afeta também os valores de suas crianças. Os filhos de mães católicas têm um menor grau do valor de tradição. Isto parece estar relacionado à correlação alta entre protestantismo e grau de religiosidade, já que na amostra, ser católico foi quase sinônimo de não ser protestante. Os católicos parecem ser em geral menos religiosos e talvez por isso os seus filhos sejam menos tradicionalistas, o que inclui serem menos religiosos, também.

A outra relação entre a religião da mãe e os valores das crianças foi entre o catolicismo e o valor de estimulação. As mães católicas, supostamente menos religiosas, parecem deixar seus filhos mais livres para buscar emoções e aventuras. Este dado condiz com a oposição entre tradição e estimulação. Se o catolicismo alinha-se com um, é esperado que se oponha ao outro.

Estimulação apresentou também uma correlação negativa com a religião protestante, porém foi negativa. Esta oposição ocorreu entre os valores que as crianças julgam ter as mães. As protestantes são percebidas por seus filhos como mais pacatas e menos aventureiras. Esta limitação do valor de estimulação provavelmente se deve à maior religiosidade das protestantes.

A religião das mães afetou também o modo como seus valores são percebidos por seus filhos. Alguns valores foram notados mediante sua associação – de proximidade ou oposição – a outros valores. Houve quatro destas relações no caso das mães católicas. O valor de hedonismo das mães católicas é encarado por suas crianças como falta do valor de segurança. Querer se divertir e aproveitar a vida parecem às crianças, como desejos descuidados. Já a estimulação das mães é vista como realização. As mães católicas que buscam emoções e aventuras são consideradas competitivas, por seus filhos.

A autodireção é notada como falta de hedonismo. As crianças provavelmente acham que “fazer descobertas” e “ter imaginação” são tarefas que deixam pouco tempo livre para atividades hedonistas. E outra tendência católica é a associação de autodireção a benevolência. As mães que valorizam mais autodireção são notadas como benevolentes, por seus(a) filhos(a). Este resultado alinha-se com outras associações entre autodireção e o VOM Auto-transcendência. Esta relação parece tender ser traçada por pessoas menos religiosas.

Apenas duas correlações desse tipo foram significativas para a amostra protestante. A segurança das mães foi percebida como falta de estimulação. As crianças veem mães cautelosas como sendo pacatas. Esta relação é bem estereotípica, considerando a oposição teórica entre esses valores. A outra relação foi mais interessante, pois traz uma oposição entre catolicismo e protestantismo. A autodireção das mães foi percebida como poder, pelas crianças. Para os protestantes – mais religiosos, no caso deste estudo – relacionam, em geral, descobertas e imaginação a ambição. Há uma relação teórica opositiva entre poder e benevolência. Indivíduos menos religiosos veem autodireção como um valor que favorece benevolência. Já as pessoas mais religiosas parecem ter uma noção oposta.

A figura seguinte é uma síntese do conjunto de relações encontrado entre valores, tipo de escola, idade da criança, personalidade e religião da mãe.

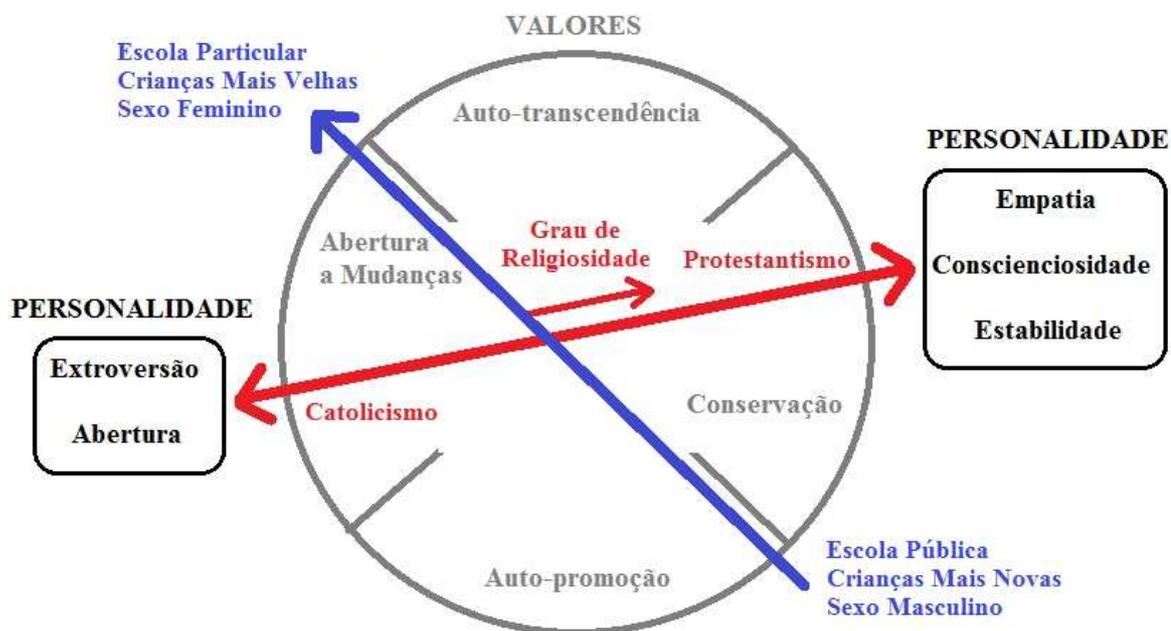


Figura 13: síntese das relações entre valores, personalidade e religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Síntese dos Achados

O objetivo geral, a investigação do desenvolvimento de valores em crianças, foi alcançado. Isso foi feito mediante a realização e integração dos quatro objetivos específicos. Esses foram investigar: (a) a estrutura dos valores das crianças, em relação ao tipo de escola; (b) a transmissão materna de valores; (c) a relação entre valores e personalidade; e (d) a relação entre religião e valores.

Os valores das crianças de escola particular encaixaram-se apenas parcialmente no modelo de Schwartz. A hipótese de que sua estrutura seria mais parecida com a hipotética, em comparação à estrutura encontrada na escola pública – de um estudo anterior – foi refutada. As crianças de escola particular tiveram mais desvios que as de escola pública.

Estes desvios foram escrutinados sob muitas luzes e pareceu haver sinais de que provinham de um fenômeno cultural ocorrente nas crianças de escola particular. Tal fenômeno constitui-se basicamente da associação de autodireção a Auto-transcendência. Em contraste, a amostra de escola pública com crianças mais novas havia relacionado tradição a Auto-transcendência. Este contraste foi manifestado em análises seguintes e estabeleceu uma espécie de tema para o estudo.

Apesar de a estrutura das crianças de escola particular não ter se mostrado mais canônica que as de escola pública, suas preferências por valores foram demonstradas como mais associadas ao conceito de modernização. Na análise multidimensional incluindo os valores dos dois tipos de escola e as variáveis externas de idade, sexo e o próprio tipo de escola; pôde-se notar que: o aumento da idade, ser menina e, principalmente, estudar em escola particular são características associadas a valores mais idealistas.

A transmissão materna de valores a crianças, o objeto principal desta tese, seguiu o padrão esperado. Antes de investigá-la diretamente, a própria estrutura dos valores das mães foi analisada. Embora tenha havido concessões, devido ao número pequeno da amostra das mães, os seus valores encaixaram-se no modelo, sem desvios. A hipótese estrutural dos valores das mães não foi refutada.

Também não foi refutada a hipótese de que a transmissão indireta seria mais intensa que a indireta. Houve muito mais correlações positivas entre valores do mesmo tipo, de mães crianças, entre a percepção das crianças sobre as mães e os seus próprios valores, do que os valores autorrelatados das mães e os seus próprios valores. A percepção da criança sobre os valores das mães é um preditor mais eficiente dos seus próprios valores, em comparação a como servem de preditor os valores da própria mãe.

Especificamente, os valores que foram transmitidos e por quais vias foram transmitidos mereceram atenção e explicações. Autodireção destacou-se como valor transmitido diretamente. Tradição destacou-se como valor percebido mais precisamente. Ambos foram transmitidos indiretamente. Ao serem posteriormente adicionadas outras variáveis, a competição entre esses valores tornou-se mais clara.

A personalidade das mães e sua percepção da personalidade de suas crianças foram analisadas de diversas formas. Os traços de personalidade pareceram formar uma estrutura simples, porém consideravelmente firme dentro dos dados da amostra. E essa estrutura pôde ser claramente atrelada ao modelo de valores. Os traços de extroversão e abertura relacionaram-se ao valor de ordem maior 'Abertura a Mudanças'. Esses construtos opuseram-se aos traços de empatia, conscienciosidade e estabilidade, os quais, por sua vez, atrelaram-se a Conservação. A oposição entre esses traços personalidade e valores de ordem maior inclui a oposição entre os valores básicos de autodireção e tradição, respectivamente.

E as variáveis de religião também encaixaram-se nesse modelo. As mães católicas mostraram-se menos religiosas e isto se relacionou aos construtos atrelados a autodireção. As mães protestantes são mais religiosas e recorrem mais a tradição. Além dessa antítese, o catolicismo parece associar a autodireção a Auto-transcendência; ao passo em que o protestantismo atrela o mesmo valor ao oposto, Auto-promoção.

Ao serem destilados os achados forneceram, de modo geral, dois perfis de pessoas, no tocante aos seus valores, personalidade e religião. No cerne do que divide os dois perfis parece estar a questão de como a pessoa percebe autodireção, o valor que motiva descobertas e criatividade. Os menos religiosos tendem a achar que este valor é um caminho à bondade, o que gera um perfil extrovertido e aberto. Os mais religiosos parecem associar esse valor a soberba, a uma forma de sair de um caminho virtuoso e se perder – um perfil empático, estável e conservador.

Direções Futuras

A jornada para solucionar os mistérios dos desvios de valores na estrutura ainda não terminou. O padrão divergente encontrado na amostra de escola particular deste estudo foi explicado por várias pistas dentro da própria pesquisa. Numa escala pequena, a explicação de complexidade social parece plausível. Mas numa escala maior, de várias pesquisas sobre o assunto, tais desvios continuam parecendo apenas desvios.

Uma forma relativamente barata de prosseguir com a investigação seria seguir uma parte dos participantes deste estudo. Uma pesquisa futura poderia acessar seus valores, mediante o QPV. Se os desvios se dissiparem, então provavelmente foram sempre apenas desvios causados por questões de desenvolvimento atrelado a cultura – as crianças da amostra teriam apenas demorado um pouco mais a manifestar a estrutura teórica. Tal estudo poderia incluir outros adolescentes na amostra, inclusive de escolas que não participaram da

amostragem aqui tratada. Dessa forma, poder-se-ia também tentar ampliar a amostra de mães e potencializar análises sobre a transmissão de valores.

Os achados desta pesquisa relacionaram a personalidade a uma dimensão da estrutura de valores, Abertura a Mudanças versus Conservação. Em muitos indivíduos esta dimensão não se manifesta em intensidade suficiente para ser claramente observada. Adicionar curtos instrumentos de medição de traços de personalidade a investigações sobre valores pode vir a ajudar na detecção de inclinações individuais a respeito de tal dimensão de valores. Perguntas sobre religião também podem auxiliar em determinar se alguém é mais aberto ou mais conservador. Utilizações individuais do QPV seriam particularmente beneficiadas pela adição de medidas de personalidade e religião.

REFERÊNCIAS

- Almeida, F. J. R. e Sobral, F. J. B. A. (2009). O Sistema de Valores Humanos de Administradores Brasileiros: Adaptação da Escala PVQ para o Estudo de Valores no Brasil. *Revista de Administração Mackenzie*, Vol. 10(3), 101-126.
- Bilsky, W., Borg, I., Janik, M. e Groenen, P. (2013). Children's value structures – Imposing theory-based regional restrictions onto an ordinal MDS solution. Em: Em: Roazzi, A. Souza, B. C. Bilsky, W. (Org.). *Facet theory: searching for structure in complex social, cultural and psychological phenomena*. 1ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013, v. 1, p. 25-40.
- Bilsky, W., Döring, A. K., van Beeck, F., Rose, I., Schmitz, J., Aryus, K., Drögekamp, L. & Sindermann, J. (2013). Investigating children's values and value preferences - testing and expanding the limits. *Swiss Journal of Psychology*, 72(3), 123-136.
- Bilsky, W., e Schwartz, S. H. (1994). Values and Personality. *European Journal of Personality*, vol. 8, 163-181.
- Boenke, K. e Welzel, C. (2006) Value Transmission and Value Change: An Exploratory Study Across Three Generations. *Zeitschrift für Soziologie der Erziehung und Socialisation*, 26(4), 341-360.
- Bond, M. H., Leung, K., Au, A., Tong, K. & Chemonges-Nielson, Z., (2004). Combining Social Axioms with Values in Predicting Social Behaviours. *European Journal of Personality*, Vol. 18, 177-191.
- Boyer, P. (2003). Religious Thought and Behavior as By-Products of Brain. *Trends in Cognitive Science*, Vol. 7(3), 119-124.
- Braine, M. e O'Brien, D. (1998). *Mental Logic*. New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bubeck, M. e Bilsky, W. (2004). Value structure at an early age. *Swiss Journal of Psychology*, 63(1), 31-41.

- Cattaneo, L. e Rizzolatti, G. (2009). The Mirror Neuron System. *Arch Neurol*, Vol. 66(5), 557-560.
- Dennet, D. C. (2006). *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon*. New York: Penguin Books.
- DeVan, B. B. (2012). A Marriage Made in Heaven. *The Intercollegiate Review*. 60-63.
- Döring, A. K. (2008). *Assesment of Children's Values: The development of a Picture-based instrument*. Tese de doutorado, Westfälische, Wilhelms-Universität, Münster, Alemanha.
- Döring, A. K., Blauensteiner, A., Aryus, K., Drögekamp, L., e Bilsky, W. (2010). Assessing Values at an Early Age: The Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C). *Journal of Personality Assessment*, 92(5), 439-448.
- Elbers, N. (no prelo). Charismatic Leadership, Emotional Intelligence and Values in Organizations. *Erasmus University Rotterdam*.
- Gouveia, V. V. e Ros, M. (2000). Hofstede and Schwartz's models for classifying individualism at the cultural level: their relation to macro-social and macro-economic variables. *Psichotema*, Vol. 12, Supl., 25-33.
- Gouveia, V. V., Martínez, E., Meira, M., e Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia*, Vol. 6(2), 133-142.
- Gouveia, V. V., Santos, W., Milfont, T. L., Fischer, R., Clemente, M., e Espinosa, P. (2010). Teoría Funcionalista de los valores humanos en España: Comprobación de las Hipótesis de Contenido y Estructura. *Revista Interamericana de Psicología*, vol. 44(2), 213-224.
- Inglehart, R. e Baker, W. E. (2000). Modernization, Cultural Change and the Persistence of Traditional Values. *American Sociological Review*, Vol. 65, 19-51.
- Inglehart, R. e Welzel, C. (2009). Development and Democracy: What We Know about Modernization Today. *Foreign Affairs March 2009*, 33-41.

- Kwast-Welfel, J., Boski, P., e Rovers, M. (2004). Intergenerational Value Similarity in Polish Immigrant Families in Canada in Comparison with Intergenerational Value Similarity in Polish and Canadian Non-Immigrant Families. *Seventeenth International Congress of the International Association for Cross-Cultural Psychology*, 194-209.
- Magalhães, M. L. e Borges-Andrade, J. E. (2001). Auto e Hétero-Avaliação no Diagnóstico de Necessidades de Treinamento. *Estudos de Psicologia*, Vol. 6(1), 33-50.
- Martínez, E. e García J. F. (2008). Internalization of Values and Self-Esteem Among Brazilian Teenagers From Authoritative, Indulgent, Authoritarian and Neglectful Homes. *Adolescence*, Vol 33(169), 13-29.
- Maslow, A. H. (1943). A Theory of Human Motivation. *Psychological Review*, Vol. 50, 370-396.
- Meligno, B. M. e Ravlin, E. C. (1998). Individual Values in Organizations: Concepts, Controversies and Research. *Journal of Management*, Vol. 24(3), 351-389.
- Morris, C. (1973). *Variety of human values*. Chicago, IL: University of Chicago Press. (Trabalho original publicado em 1956).
- O'Brien, D. P., Roazzi, A., Dias, M. G. B. B., e Soskova, J. (2007). Prevendo Inferências Lógico-Predicativas no Processamento de Texto. *Revista Interamericana de Psicologia*, Vol. 41, 119-128.
- Paivio, A. (2006). *Dual Coding Theory and Education*. Draft chapter for the conference Pathways to Literacy Achievement for High Poverty Children. University of Michigan School of Education.
- Paryente, B. e Orr, E. (2010). Identity Representations and Intergenerational Transmission of Values: The Case of a Religious Minority in Israel. *Papers on Social Representations*, Vol. 19, 23.1-23.36.

- Rizzolatti, G. e Craighero, L. (2005). Mirror Neuron: A Neurological Approach to Empathy. *Neurobiology of Human Values*, 107-123.
- Rizzolatti, G., Fogassi, L., e Gallese, V. (2001). Neurophysiological mechanisms underlying the understanding and imitation of action. *Nature Rev Neurosci*, Vol.2, 661–670.
- Roazzi, A., Döring, A., Gomes, Y. A., Souza, B. C., e Bilsky, W. (2011). The Emergence of a Value Structure at an Early Age: Cross-Cultural Evidence. Em Fischer, A. e Friedman, I. A. (Eds) *New Horizons for Facet Theory: Searching for Structures in Content Spaces and Measurement*. Israel: FTA Publications, 99-109.
- Rohan, M. (2000). A rose by any name? The values construct. *Personality and Social Psychology Review*, 4(3), 255-277.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rottmann, T. (2010). Adaptation of the Picture-Based Value Survey (PBVS-C) for Brazilian Children: An Exploratory Study of Picture Comprehension. *Unpublished Bachelor Thesis, University of Muenster, Germany*.
- Santrock, J. W. (no prelo). Psychology of Religion Module. *Psychology*, Vol. 7, 1-41.
- Schneider, J. O. (2001). *Transmissão de Valores de Pais para Filhos: Dimensões do Desejável ao Perceptível*. Tese de dissertação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Schönplflug, U. (2001). Intergenerational Transmission of Values: The Role of Transmission Belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol.32(2), 174-185.
- Schönplflug, U. (2012). The Role of Parental and Child Motivation in the Intergenerational Transmission of Values in East Germany and Shanghai/China. *Cross-Cultural Research* 1069397112465255.
- Schwartz, S. (no prelo). Basic Human Values: An Overview. *The Hebrew University of Jerusalem*.

- Schwartz, S.H. (1992). Universals in the content and structure of values: theoretical advances and empirical tests in 20 countries. Em M. Zanna (Ed.), *Advancements in Experimental Social Psychology*, Vol. 25, 1-65). Nova-Iorque: Imprensa Acadêmica.
- Schwartz, S.H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50(4), 19-45.
- Schwartz, S. H. (1999). A Theory of Cultural Values and Some Implications for Work. *Applied Psychology: Um International Review*, Vol. 48, 23-47.
- Schwartz, S. H. (2005). Validade e aplicabilidade da teoriade valores. Em Tamayo A. e Porto, J. B. (Eds.), *Valores e comportamento nas organizações* (122d. 56-95). Petrópolis: Vozes.
- Schwartz, S.H. (2007). Basic Human Values: Theory, Measurement and Applications. *Revue française de sociologie*, 42, 249-288.
- Schwartz, S.H. e Bardi, A. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Pscyhology*, 32, 268-290.
- Schwartz, S. H., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., e Owens, V. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human with a different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32, 519-542.
- Souza, B. C., Souza, F. M. C., Roazzi, A., Lula, A. M. (2013). The lack of treatment of uncertainty in facet theory: relevant problem? Em: Roazzi, A. Souza, B. C. Bilsky, W. (Org.). *Facet theory: searching for structure in complex social, cultural and psychological phenomena*. 1ed.Recife: Editora Universitária UFPE, 2013, v. 1, p. 61-73.
- Tamayo, A. e Porto, J. B. (2009). Validação do Questionário de Perfis de Valores (QPV) no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 25 n. 3, 360-376.
- Thagard, P. (2005). The Emotional Coherence of Religion. *Journal of Cognition and Culture*, 5.1(2), 58-74.

Torres, C. V. e Solange, S. (2008). Cultura e comportamento do consumidor: os valores culturais são preditores do consumo? Em Teixeira, M. A. M. (Eds) *Valores humanos & gestão: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Senac, 117-141.

Vigaray, M. D. J. e Hota, M. (2008). Schwartz Values, Consumer Values and Segmentation: The Spanish Fashion Apparel Case. *Lille Economie & Management*, Vol. 8179, 1-32.

ANEXO 1

Instruções para o *Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)*

Esta sessão contém as instruções em português para aplicação individual do *Picture-Based Value Survey for Children (PBVS-C)*. As figuras não podem ser oficialmente divulgadas por questões de direitos autorais.

Depois de o questionário sócio-demográfico ter sido respondido, os passos abaixo deve ser seguidos.

Passo 1

Eu estou aqui hoje pra fazer uma tarefa com você. Essa tarefa é sobre coisas que são importantes na sua vida. É sobre quais objetivos você têm pra a vida. E é sobre o que você quer ser e fazer quando crescer.

Se vocês tiverem qualquer pergunta, ou precisar de alguma coisa, basta dizer!

Passo 2

Isso é sobre o que é importante na sua vida. É sobre os objetivos que você tem. E é sobre o que vocês querem ser quando crescerem.

Imagine que essa pessoa é você! (mostra-se o protagonista)

Essa pessoa com o chapéu listrado e a roupa cinza.

Talvez não seja fácil imaginar isso. Talvez você não use uma roupa cinza dessas ou um chapéu listrado assim... Não se importe com isso. Só imagine que é você!

Consegue imaginar?

Agora: Pense em você. Imagine como você quer ser um dia, no futuro. Que objetivos você quer alcançar. (Mostrar os itens um por um e ler a legenda para as crianças.)

Passo 3

Agora, nós vamos passar as figuras daqui (da folha A3 que exhibe as figuras) pra aqui (a lona em A2 que contém o Q-sort).

Na parte de cima da página vai ficar o que você acha “muito importante”. Escolha duas figuras que são muito importantes pra você. Importantes pra o que você quer ser um dia, quando crescer. Agora, vamos colocar essas figuras no topo!

Eu acho que também tem coisas que não são importantes pra você. Escolha duas figuras que não têm importância pra você. Sem importância nenhuma pra o que você quer ser um dia. Coloque essas figuras lá embaixo!

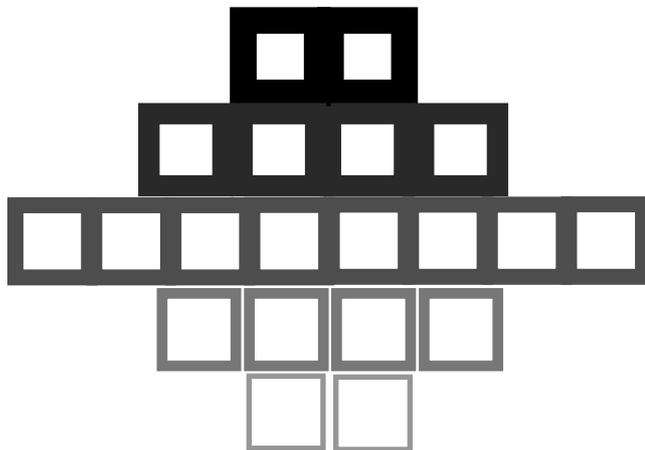
Agora, a gente vai fazer a segunda linha. Eu acho que tem coisas que são importantes pra você. Escolha quatro figuras que têm alguma importância pra vocês.

Agora, a gente tá no finalzinho. Isso é sobre o que não é importante pra você. Escolha mais quatro figuras pra essa linha! (penúltima)

Ainda tem oito figuras sobrando, agora. Vamos colocar essas na linha do meio!

Imagem do Q-sort

Muito importante



Sem importância

ANEXO 2

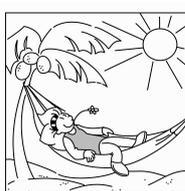
Figuras Legendadas do PBVS-C



ser rico(a) e poderoso(a)



ser o(a) melhor



aproveitar a vida



fazer coisas emocionantes



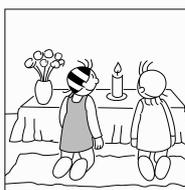
fazer descobertas



ser cuidadoso(a)



obedecer às regras



pensar em Deus



ajudar os outros



conhecer novas pessoas



ser o(a) líder



mostrar o que eu posso fazer



me divertir



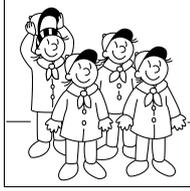
me aventurar



ter imaginação



ficar protegido



ser como os outros



aprender sobre o passado



fazer outras pessoas felizes



cuidar da natureza

As figuras são propriedade intelectual de Döring e Blauensteiner.

ANEXO 3**Questionário Sócio-Demográfico para as Crianças****Nome:****Sexo:****Idade:****Série:****Mora com:** Pai(), Mãe(), Irmão(), Irmã(), Avô(), Avó(), Tio(), Tia(), Primo()

Prima(), Padastro(), Madastra(), Outros _____

Ordem de Nascimento em Relação a Irmãos:**Resposta ao Q-Sort:**

5-

4-

3-

2-

1-

Resposta ao Q-Sort sobre a mãe:

5-

4-

3-

2-

1-

ANEXO 4

Itens do Questionário de Perfis de Valores (QPV)

Em ordem de aplicação:

1) Pensar em novas ideias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer coisas de maneira própria e original.	<i>Autodeterminação</i>
2) Ser rica é importante para ela. Ela quer ter muito dinheiro e possuir coisas caras.	<i>Poder</i>
3) Ela acredita que é importante que todas as pessoas do mundo sejam tratadas com igualdade. Ela acredita que todos deveriam ter oportunidades iguais na vida.	<i>Universalismo</i>
4) É muito importante para ela demonstrar suas habilidades. Ela quer que as pessoas admirem o que ela faz.	<i>Realização</i>
5) É importante para ela viver em um ambiente seguro. Ela evita qualquer coisa que possa colocar sua segurança em perigo.	<i>Segurança</i>
6) Ela acha que é importante fazer várias coisas diferentes na vida. Ela sempre procura novas coisas para experimentar.	<i>Estimulação</i>
7) Ela acredita que as pessoas deveriam fazer o que lhes é ordenado. Ela acredita que as pessoas deveriam sempre seguir as regras, mesmo quando ninguém está observando.	<i>Conformidade</i>
8) É importante para ela ouvir as pessoas que são diferentes dela. Mesmo quando não concorda com elas, ainda quer entendê-las.	<i>Universalismo</i>
9) Ela acha que é importante não querer mais do que se tem. Ela acredita que as pessoas deveriam estar satisfeitas com o que têm.	<i>Tradição</i>
10) Ela procura todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe dão prazer.	<i>Hedonismo</i>
11) É importante para ela tomar suas próprias decisões sobre o que faz. Ela gosta de ser livre para planejar e escolher suas atividades.	<i>Autodeterminação</i>
12) É muito importante para ela ajudar as pessoas ao seu redor. Ela quer cuidar do bem-estar delas.	<i>Benevolência</i>
13) Ser muito bem-sucedida é importante para ela. Ela gosta de impressionar as demais pessoas.	<i>Realização</i>
14) A segurança de seu país é muito importante para ela. Ela acha que o governo deve estar atento a ameaças de origem interna ou externa.	<i>Segurança</i>
15) Ela gosta de se arriscar. Ela está sempre procurando aventuras.	<i>Estimulação</i>

16) É importante para ela se comportar sempre corretamente. Ela quer evitar fazer qualquer coisa que as pessoas possam achar errado.	<i>Conformidade</i>
17) É importante para ela estar no comando e dizer aos demais o que fazer. Ela quer que as pessoas façam o que manda.	<i>Poder</i>
18) É importante para ela ser fiel a seus amigos. Ela quer se dedicar às pessoas próximas de si.	<i>Benevolência</i>
19) Ela acredita firmemente que as pessoas deveriam preservar a natureza. Cuidar do meio ambiente é importante para ela.	<i>Universalismo</i>
20) Ser religiosa é importante para ela. Ela se esforça para seguir suas crenças religiosas.	<i>Tradição</i>
21) É importante para ela que as coisas estejam organizadas e limpas. Ela realmente não gosta que as coisas estejam bagunçadas.	<i>Segurança</i>
22) Ela acha que é importante demonstrar interesse pelas coisas. Ela gosta de ser curiosa e tentar entender todos os tipos de coisas.	<i>Autodeterminação</i>
23) Ela acredita que todas as pessoas do mundo deveriam viver em harmonia. Promover a paz entre todos os grupos no mundo é importante para ela.	<i>Universalismo</i>
24) Ela acha que é importante ser ambiciosa. Ela quer demonstrar o quanto é capaz.	<i>Realização</i>
25) Ela acha que é melhor fazer as coisas de maneira tradicional. É importante para ela manter os costumes que aprendeu.	<i>Tradição</i>
26) Aproveitar os prazeres da vida é importante para ela. Ela gosta de se mimar.	<i>Hedonismo</i>
27) É importante para ela entender às necessidades dos outros. Ela tenta apoiar aqueles que conhece.	<i>Benevolência</i>
28) Ela acredita que deve sempre respeitar seus pais e os mais velhos. É importante para ela ser obediente.	<i>Conformidade</i>
29) Ela quer que todos sejam tratados de maneira justa, mesmo aqueles que não conhece. É importante para ela proteger os mais fracos na sociedade.	<i>Universalismo</i>
30) Ela gosta de surpresas. É importante para ela ter uma vida emocionante.	<i>Estimulação</i>
31) Ela se esforça para não ficar doente. Estar saudável é muito importante para ela.	<i>Segurança</i>
32) Progredir na vida é importante para ela. Ela se empenha em fazer melhor que os outros.	<i>Realização</i>
33) Perdoar as pessoas que a magoaram é importante para ela. Ela tenta ver o que há de bom nelas e não ter rancor.	<i>Benevolência</i>
34) É importante para ela ser independente. Ela gosta de contar com si própria.	<i>Autodeterminação</i>

35) Contar com um governo estável é importante para ela. Ela se preocupa com a preservação da ordem social.	<i>Segurança</i>
36) É importante para ela ser sempre educada com os outros. Ela tenta nunca incomodar ou irritar os outros.	<i>Conformidade</i>
37) Ela realmente quer aproveitar a vida. Se divertir é muito importante para ela.	<i>Hedonismo</i>
38) É importante para ela ser humilde e modesta. Ela tenta não chamar atenção para si.	<i>Tradição</i>
39) Ela sempre quer ser aquela a tomar decisões. Ela gosta de liderar.	<i>Poder</i>
40) É importante para ela se adaptar à natureza e se encaixar nela. Ela acredita que as pessoas não deveriam modificar a natureza.	<i>Universalismo</i>

Em distribuição por tipo de valor básico:

1) Pensar em novas ideias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer coisas de maneira própria e original.	<i>Autodeterminação</i>
11) É importante para ela tomar suas próprias decisões sobre o que faz. Ela gosta de ser livre para planejar e escolher suas atividades.	<i>Autodeterminação</i>
22) Ela acha que é importante demonstrar interesse pelas coisas. Ela gosta de ser curiosa e tentar entender todos os tipos de coisas.	<i>Autodeterminação</i>
34) É importante para ela ser independente. Ela gosta de contar com si própria.	<i>Autodeterminação</i>
12) É muito importante para ela ajudar as pessoas ao seu redor. Ela quer cuidar do bem-estar delas.	<i>Benevolência</i>
18) É importante para ela ser fiel a seus amigos. Ela quer se dedicar às pessoas próximas de si.	<i>Benevolência</i>
27) É importante para ela entender às necessidades dos outros. Ela tenta apoiar aqueles que conhece.	<i>Benevolência</i>
33) Perdoar as pessoas que a magoaram é importante para ela. Ela tenta ver o que há de bom nelas e não ter rancor.	<i>Benevolência</i>
7) Ela acredita que as pessoas deveriam fazer o que lhes é ordenado. Ela acredita que as pessoas deveriam sempre seguir as regras, mesmo quando ninguém está observando.	<i>Conformidade</i>
16) É importante para ela se comportar sempre corretamente. Ela quer evitar fazer qualquer coisa que as pessoas possam achar errado.	<i>Conformidade</i>

28) Ela acredita que deve sempre respeitar seus pais e os mais velhos. É importante para ela ser obediente.	<i>Conformidade</i>
36) É importante para ela ser sempre educada com os outros. Ela tenta nunca incomodar ou irritar os outros.	<i>Conformidade</i>
6) Ela acha que é importante fazer várias coisas diferentes na vida. Ela sempre procura novas coisas para experimentar.	<i>Estimulação</i>
15) Ela gosta de se arriscar. Ela está sempre procurando aventuras.	<i>Estimulação</i>
30) Ela gosta de surpresas. É importante para ela ter uma vida emocionante.	<i>Estimulação</i>
10) Ela procura todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe dão prazer.	<i>Hedonismo</i>
26) Aproveitar os prazeres da vida é importante para ela. Ela gosta de se mimar.	<i>Hedonismo</i>
37) Ela realmente quer aproveitar a vida. Se divertir é muito importante para ela.	<i>Hedonismo</i>
2) Ser rica é importante para ela. Ela quer ter muito dinheiro e possuir coisas caras.	<i>Poder</i>
17) É importante para ela estar no comando e dizer aos demais o que fazer. Ela quer que as pessoas façam o que manda.	<i>Poder</i>
39) Ela sempre quer ser aquela a tomar decisões. Ela gosta de liderar.	<i>Poder</i>
4) É muito importante para ela demonstrar suas habilidades. Ela quer que as pessoas admirem o que ela faz.	<i>Realização</i>
13) Ser muito bem-sucedida é importante para ela. Ela gosta de impressionar as demais pessoas.	<i>Realização</i>
24) Ela acha que é importante ser ambiciosa. Ela quer demonstrar o quanto é capaz.	<i>Realização</i>
32) Progredir na vida é importante para ela. Ela se empenha em fazer melhor que os outros.	<i>Realização</i>
5) É importante para ela viver em um ambiente seguro. Ela evita qualquer coisa que possa colocar sua segurança em perigo.	<i>Segurança</i>
14) A segurança de seu país é muito importante para ela. Ela acha que o governo deve estar atento a ameaças de origem interna ou externa.	<i>Segurança</i>
21) É importante para ela que as coisas estejam organizadas e limpas. Ela realmente não gosta que as coisas estejam bagunçadas.	<i>Segurança</i>
31) Ela se esforça para não ficar doente. Estar saudável é muito importante para ela.	<i>Segurança</i>
35) Contar com um governo estável é importante para ela. Ela se preocupa com a preservação da ordem social.	<i>Segurança</i>

9) Ela acha que é importante não querer mais do que se tem. Ela acredita que as pessoas deveriam estar satisfeitas com o que têm.	<i>Tradição</i>
20) Ser religiosa é importante para ela. Ela se esforça para seguir suas crenças religiosas.	<i>Tradição</i>
25) Ela acha que é melhor fazer as coisas de maneira tradicional. É importante para ela manter os costumes que aprendeu.	<i>Tradição</i>
38) É importante para ela ser humilde e modesta. Ela tenta não chamar atenção para si.	<i>Tradição</i>
3) Ela acredita que é importante que todas as pessoas do mundo sejam tratadas com igualdade. Ela acredita que todos deveriam ter oportunidades iguais na vida.	<i>Universalismo</i>
8) É importante para ela ouvir as pessoas que são diferentes dela. Mesmo quando não concorda com elas, ainda quer entendê-las.	<i>Universalismo</i>
19) Ela acredita firmemente que as pessoas deveriam preservar a natureza. Cuidar do meio ambiente é importante para ela.	<i>Universalismo</i>
23) Ela acredita que todas as pessoas do mundo deveriam viver em harmonia. Promover a paz entre todos os grupos no mundo é importante para ela.	<i>Universalismo</i>
29) Ela quer que todos sejam tratados de maneira justa, mesmo aqueles que não conhece. É importante para ela proteger os mais fracos na sociedade.	<i>Universalismo</i>
40) É importante para ela se adaptar à natureza e se encaixar nela. Ela acredita que as pessoas não deveriam modificar a natureza.	<i>Universalismo</i>

VALUE TYPE		TIPO DE VALOR		No. Itens
Conformity	Um	Conformidade	7, 16, 28, 36	4
Tradition	Tra	Tradição	9, 20, 25, 38	4
Benevolence	Um	Benevolência	12, 18, 27, 33	4
Universalism	Uni	Universalismo	3, 8, 19, 23, 29, 40	6
Self-Direction	SD	Autodeterminação	1, 11, 22, 34	4
Stimulation	Sti	Estimulação	6, 15, 30	3
Hedonism	Hed	Hedonismo	10, 26, 37	3
Achievement	Ach	Realização	4, 13, 24, 32	4
Power	Pow	Poder	2, 17, 39	3
Security	Sec	Segurança	5, 14, 21, 31, 35	5

ANEXO 5

Ten Item Personality Inventory (TIPI)

Eu me vejo como:	
1) Extrovertida, empolgada.	1 2 3 4 5 6 7
2) Crítica, conflituosa.	1 2 3 4 5 6 7
3) Responsável, disciplinada.	1 2 3 4 5 6 7
4) Ansiosa, irritada facilmente.	1 2 3 4 5 6 7
5) Aberta a novas experiências, complexa.	1 2 3 4 5 6 7
6) Reservada, quieta.	1 2 3 4 5 6 7
7) Simpática, agradável.	1 2 3 4 5 6 7
8) Desorganizada, descuidada.	1 2 3 4 5 6 7
9) Calma, emocionalmente estável.	1 2 3 4 5 6 7
10) Convencional, rotineira.	1 2 3 4 5 6 7

ANEXO 6**Questionário Sócio-Demográfico para os Adultos****Nome:****Sexo:****Idade:****Escolaridade:****Renda Mensal:****Mora com:** Filho(), Filha(), Pai(), Mãe(), Irmão(), Irmã(), Sobrinho(),

Sobrinha(), Outros _____

Por favor, informe a ordem de importância que você atribui aos elementos abaixo,**usando os números de 1 a 4:**

Leis (), Família (), Religião (), Política ()

Qual é a sua Religião?

ANEXO 7**Protocolo completo enviado às mães.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA****PESQUISA SOBRE MÃES E FILHOS**

A Sra. está sendo convidada a participar de uma pesquisa sobre mães e filhos. Sua participação será de grande valor para o conhecimento científico sobre como os filhos aprendem com as suas mães. A Sra. não precisa pagar nada para participar. Na verdade, a Sra. estará fazendo um grande favor aos pesquisadores. Após responder a este questionário, por favor, o entregue a seu(a) filho(a), ou diretamente ao colégio/escola onde ele(a) estuda. Muito obrigado!

Nome:

Idade:

Escolaridade: Ensino Fundamental(), Ensino Médio(), Ensino Superior(), Pós-Graduação()

Qual é a ordem de influência que os elementos abaixo têm nas suas decisões? Por favor, responda colocando os elementos em ordem, de **1** a **4** (*sem usar o mesmo número duas vezes*). O número **4** é o que influencia mais e o **1**, o que influencia menos.

Leis (),

Família (),

Religião (),

Política ()

Qual é a sua Religião?

As três perguntas a seguir são referentes ao seu filho(a) que lhe entregou este questionário:

Nome Completo:

Ano escolar:

Escola/Colégio:

Pesquisador Doutorando: Yves de Albuquerque Gomes

Telefones: (81) 9107-0684, (81) 3326-1817 (*ambos aceitam ligações a cobrar*)

E-mail: yvesgomes@hotmail.com

PESQUISA SOBRE MÃES E FILHOS

A seguir há três conjuntos de perguntas. Por favor, responda a todas as perguntas. As suas respostas serão tratadas confidencialmente e usadas apenas para fins de pesquisas. Sua cooperação para esta pesquisa vai ajudar a compreender a relação entre mães e filhos(a), especialmente no que diz respeito a como os filhos aprendem das mães. Muito obrigado.

INSTRUÇÕES (A)

Descrevemos resumidamente abaixo algumas pessoas. Por favor, leia cada descrição e avalie o quanto cada uma dessas pessoas é semelhante a você. Por favor, assinale com um “X” a opção que indica o quanto a pessoa descrita se parece com você: **1** = nem um pouco parecida; **2** = um pouco parecida; **3** = mais ou menos parecida; **4** = bem parecida; e **5** = extremamente parecida.

1) Pensar em novas idéias e ser criativa é importante para ela. Ela gosta de fazer coisas de maneira própria e original.	1 2 3 4 5
2) Ser rica é importante para ela. Ela quer ter muito dinheiro e possuir coisas caras.	1 2 3 4 5
3) Ela acredita que é importante que todas as pessoas do mundo sejam tratadas com igualdade. Ela acredita que todos deveriam ter oportunidades iguais na vida.	1 2 3 4 5
4) É muito importante para ela demonstrar suas habilidades. Ela quer que as pessoas admirem o que ela faz.	1 2 3 4 5
5) É importante para ela viver em um ambiente seguro. Ela evita qualquer coisa que possa colocar sua segurança em perigo.	1 2 3 4 5
6) Ela acha que é importante fazer várias coisas diferentes na vida. Ela sempre procura novas coisas para experimentar.	1 2 3 4 5
7) Ela acredita que as pessoas deveriam fazer o que lhes é ordenado. Ela acredita que as pessoas deveriam sempre seguir as regras, mesmo quando ninguém está observando.	1 2 3 4 5
8) É importante para ela ouvir as pessoas que são diferentes dela. Mesmo quando não concorda com elas, ainda quer entendê-las.	1 2 3 4 5
9) Ela acha que é importante não querer mais do que se tem. Ela acredita que as pessoas deveriam estar satisfeitas com o que têm.	1 2 3 4 5
10) Ela procura todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe dão prazer.	1 2 3 4 5
11) É importante para ela tomar suas próprias decisões sobre o que faz. Ela gosta de ser livre para planejar e escolher suas atividades.	1 2 3 4 5
12) É muito importante para ela ajudar as pessoas ao seu redor. Ela quer cuidar do bem-estar delas.	1 2 3 4 5
13) Ser muito bem-sucedida é importante para ela. Ela gosta de impressionar as demais pessoas.	1 2 3 4 5
14) A segurança de seu país é muito importante para ela. Ela acha que o governo deve estar atento a ameaças de origem interna ou externa.	1 2 3 4 5
15) Ela gosta de se arriscar. Ela está sempre procurando aventuras.	1 2 3 4 5
16) É importante para ela se comportar sempre corretamente. Ela quer evitar fazer qualquer coisa que as pessoas possam achar errado.	1 2 3 4 5
17) É importante para ela estar no comando e dizer aos demais o que fazer. Ela quer que as pessoas façam o que manda.	1 2 3 4 5
18) É importante para ela ser fiel a seus amigos. Ela quer se dedicar às pessoas próximas de si.	1 2 3 4 5
19) Ela acredita firmemente que as pessoas deveriam preservar a natureza. Cuidar do meio ambiente é importante para ela.	1 2 3 4 5
20) Ser religiosa é importante para ela. Ela se esforça para seguir suas crenças religiosas.	1 2 3 4 5
21) É importante para ela que as coisas estejam organizadas e limpas. Ela realmente não gosta que as coisas estejam bagunçadas.	1 2 3 4 5
22) Ela acha que é importante demonstrar interesse pelas coisas. Ela gosta de ser curiosa e tentar entender todos os tipos de coisas.	1 2 3 4 5

23) Ela acredita que todas as pessoas do mundo deveriam viver em harmonia. Promover a paz entre todos os grupos no mundo é importante para ela.	1 2 3 4 5
24) Ela acha que é importante ser ambiciosa. Ela quer demonstrar o quanto é capaz.	1 2 3 4 5
25) Ela acha que é melhor fazer as coisas de maneira tradicional. É importante para ela manter os costumes que aprendeu.	1 2 3 4 5
26) Aproveitar os prazeres da vida é importante para ela. Ela gosta de se mimar.	1 2 3 4 5
27) É importante para ela entender às necessidades dos outros. Ela tenta apoiar aqueles que conhece.	1 2 3 4 5
28) Ela acredita que deve sempre respeitar seus pais e os mais velhos. É importante para ela ser obediente.	1 2 3 4 5
29) Ela quer que todos sejam tratados de maneira justa, mesmo aqueles que não conhece. É importante para ela proteger os mais fracos na sociedade.	1 2 3 4 5
30) Ela gosta de surpresas. É importante para ela ter uma vida emocionante.	1 2 3 4 5
31) Ela se esforça para não ficar doente. Estar saudável é muito importante para ela.	1 2 3 4 5
32) Progredir na vida é importante para ela. Ela se empenha em fazer melhor que os outros.	1 2 3 4 5
33) Perdoar as pessoas que a magoaram é importante para ela. Ela tenta ver o que há de bom nelas e não ter rancor.	1 2 3 4 5
34) É importante para ela ser independente. Ela gosta de contar com si própria.	1 2 3 4 5
35) Contar com um governo estável é importante para ela. Ela se preocupa com a preservação da ordem social.	1 2 3 4 5
36) É importante para ela ser sempre educada com os outros. Ela tenta nunca incomodar ou irritar os outros.	1 2 3 4 5
37) Ela realmente quer aproveitar a vida. Se divertir é muito importante para ela.	1 2 3 4 5
38) É importante para ela ser humilde e modesta. Ela tenta não chamar atenção para si.	1 2 3 4 5
39) Ela sempre quer ser aquela a tomar decisões. Ela gosta de liderar.	1 2 3 4 5
40) É importante para ela se adaptar à natureza e se encaixar nela. Ela acredita que as pessoas não deveriam modificar a natureza.	1 2 3 4 5

INSTRUÇÕES (B)

Abaixo há alguns traços de personalidade que podem ou não se aplicar você. Por favor, marque com um “X” o número que indica em que grau você concorda ou discorda com as qualidades listadas. As qualidades são listadas em pares. Por favor, avalie os pares, mesmo se uma das características combina com você mais do que a outra. Os números indicam: 1 = discordo fortemente; 2 = discordo moderadamente; 3 = discordo um pouco; 4 = não concordo, nem discordo; 5 = concordo um pouco; 6 = concordo moderadamente; e 7 = concordo fortemente.

Eu me vejo como:	
1) Extrovertida, empolgada.	1 2 3 4 5 6 7
2) Crítica, conflituosa.	1 2 3 4 5 6 7
3) Responsável, disciplinada.	1 2 3 4 5 6 7
4) Ansiosa, irritada facilmente.	1 2 3 4 5 6 7
5) Aberta a novas experiências, complexa.	1 2 3 4 5 6 7
6) Reservada, quieta.	1 2 3 4 5 6 7
7) Simpática, agradável.	1 2 3 4 5 6 7
8) Desorganizada, descuidada.	1 2 3 4 5 6 7
9) Calma, emocionalmente estável.	1 2 3 4 5 6 7
10) Convencional, rotineira.	1 2 3 4 5 6 7

INSTRUÇÕES (C)

Seu filho ou filha participou desta pesquisa, como uma atividade escolar. A tarefa realizada por ele foi diferente desta realizada por você – envolveu ordenar algumas figurinhas. Depois, foi pedido a ele(a) que lhe entregasse este questionário. Diferentemente das perguntas anteriores, que eram sobre você, as perguntas feitas a você a seguir são sobre ele(a). É importante para esta pesquisa saber como as mães veem seus filhos.

Há alguns traços de personalidade que podem ou não se aplicar **ao(a) seu(a) filho(a) que lhe entregou este questionário**. Por favor, marque com um “X” o número que indica em que grau você concorda ou discorda com as qualidades listadas **em relação a ele(a)**. As qualidades são listadas em pares. Por favor, avalie os pares, mesmo se uma das características combina com **ele(a)** mais do que a outra. Os números indicam: 1 = discordo fortemente; 2 = discordo moderadamente; 3 = discordo um pouco; 4 = não concordo, nem discordo; 5 = concordo um pouco; 6 = concordo moderadamente; e 7 = concordo fortemente.

Eu <u>meu filho(a)</u> vejo como:	
1) Extrovertido(a), empolgado(a).	1 2 3 4 5 6 7
2) Crítico(a), conflituoso(a).	1 2 3 4 5 6 7
3) Responsável, disciplinado(a).	1 2 3 4 5 6 7
4) Ansioso(a), irritado(a) facilmente.	1 2 3 4 5 6 7
5) Aberto(a) a novas experiências, complexo(a).	1 2 3 4 5 6 7
6) Reservado(a), quieto(a).	1 2 3 4 5 6 7
7) Simpático(a), agradável.	1 2 3 4 5 6 7
8) Desorganizado(a), descuidado(a).	1 2 3 4 5 6 7
9) Calmo(a), emocionalmente estável.	1 2 3 4 5 6 7
10) Convencional, rotineiro(a).	1 2 3 4 5 6 7

APÊNDICE 1

Termo de consentimento livre e esclarecido para o responsável legal.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O RESPONSÁVEL LEGAL

(Resolução 466/12)

Solicitamos a sua autorização para convidar seu (a) filho (a) {ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa “Transmissão Materna de Valores a Crianças”, que está sob responsabilidade do pesquisador Yves de Albuquerque Gomes, com endereço na Rua dos Navegantes, 1717, ap. 101, Boa Viagem, Recife-PE, CEP: 51020-010; e telefones (81)9107-0684 e (81)3326-1817 (dispostos a receber também ligações a cobrar); e e-mail: yvesgomes@hotmail.com. Essa pesquisa está sob orientação do Dr. Antonio Roazzi, com telefone (81)3325-7742 e e-mail: roazzi@gmail.com.

Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que a Senhora não entenda. Caso haja alguma dúvida, por favor, entre em contato com o pesquisador, para esclarecer qualquer coisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar que o menor faça parte do estudo, rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, nem o Sr. (a) nem o(a) voluntário (a) que está sob sua responsabilidade serão penalizados (as). O Sr. Tem o direito de retirar o consentimento da participação do menor a qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O objetivo é investigar como acontece a transmissão de valores morais de mães para filhos(a), um fenômeno importante para o desenvolvimento civil de qualquer sociedade e que tem de ser bem compreendido. Para que essa pesquisa possa ocorrer, é necessário que haja a participação de crianças (de 8 a 12 anos) e de suas mães. Esta parte da pesquisa diz respeito à participação das crianças. A coleta de dados será feita individualmente (uma criança por vez), mediante um instrumento que contém figuras. Essas figuras são representações de valores e será solicitado ao participante, que coloque as figuras em ordem, para simbolizar as prioridades que o participante dá aos valores. Isso conclui a participação da criança, na pesquisa.

O instrumento utilizado, a ser respondido pela criança, já foi usado em diversas pesquisas, de forma bastante tranquila. Portanto, não é provável que cause problema algum. No entanto, a criança será orientada a, caso sentir qualquer constrangimento ou desconforto, ao responder ao instrumento, dizer ao pesquisador (que estará aplicando o instrumento), para que se encontre alguma solução para o problema.

A participação da criança nesta pesquisa trará uma grande contribuição ao conhecimento científico sobre valores. E conforme esse conhecimento cresce, a sociedade em geral, inclusive a criança, é beneficiada. E além desse benefício indireto, a participação nesta pesquisa pode conduzir a criança a refletir sobre os próprios valores e os valores de sua mãe, bem como a transmissão desses valores, o que tem grande importância na relação entre mãe e filho(a). A entrevista com a criança ocorrerá na própria escola.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Os resultados da aplicação do instrumento serão anotados em papel e armazenados em pastas. E também serão transferidos para mídia eletrônica, onde ficarão armazenados em disco rígido e *pendrives*, sob responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de no mínimo 5 anos.

A Senhora não pagará nada para ele/ela participar desta pesquisa. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida das Engenharias s/n – 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81)2146-8588 – e-mail: cepccs@ufpe.com).**

(assinatura do pesquisador)

**CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA
A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIA/O**

Eu, _____, de CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua

participação no estudo “Transmissão Materna de Valores a Crianças”, como voluntário (a). Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o menor em questão.

Local e Data: _____

Assinatura do responsável: _____

APÊNDICE 2

Termo de consentimento livre e esclarecido.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/12)

Convidamos a Senhora a participar como voluntária da pesquisa “Transmissão Materna de Valores a Crianças”, que está sob responsabilidade do pesquisador Yves de Albuquerque Gomes, com endereço na Rua dos Navegantes, 1717, ap. 101, Boa Viagem, Recife-PE, CEP: 51020-010; e telefones (81)9107-0684 e (81)3326-1817 (dispostos a receber também ligações a cobrar); e e-mail: yvesgomes@hotmail.com. Essa pesquisa está sob orientação do Dr. Antonio Roazzi, com telefone (81)3325-7742 e e-mail: roazzi@gmail.com.

Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que a Senhora não entenda. Caso haja alguma dúvida, por favor, entre em contato com o pesquisador, para esclarecer qualquer coisa. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, a Senhora não será penalizada de forma alguma. Também garantimos que a Senhora tem o direito de retirar o consentimento de sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O objetivo é investigar como acontece a transmissão de valores morais de mães para filhos(a), um fenômeno importante para o desenvolvimento civil de qualquer sociedade e que tem de ser bem compreendido. Para que essa pesquisa possa ocorrer, é necessário que haja a participação de crianças e de suas mães. Esta parte da pesquisa diz respeito à participação das mães. A coleta de dados será feita por dois questionários enviados a Senhora, por correspondência do colégio onde seu (a) filho (a) estuda. Será solicitado que após responder aos questionários, os envie ao colégio, onde serão coletados pelo pesquisador. Isso conclui a sua participação na pesquisa.

O instrumento utilizado, a ser respondido pela Senhora, já foi usado em diversas pesquisas, de forma bastante tranquila. Portanto, não é provável que cause problema algum. No entanto, se a senhora sentir qualquer constrangimento ou desconforto, ao respondê-lo,

fique à vontade para constatar o pesquisador, para que se encontre alguma solução para o problema.

Sua participação nesta pesquisa trará uma grande contribuição ao conhecimento científico sobre valores. E conforme esse conhecimento cresce, a sociedade em geral, inclusive a Senhora, é beneficiada. E além desse benefício indireto, a participação nesta pesquisa pode conduzir a Senhora a refletir sobre os próprios valores e os valores de seu (a) filho (a), bem como a transmissão desses valores, o que tem grande importância na relação entre mãe e filho (a).

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Os questionários coletados nesta pesquisa ficarão armazenados em pastas e também serão transferidos para mídia eletrônica, onde ficarão armazenados em disco rígido e *pendrives*, sob responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período de no mínimo 5 anos.

A Senhora não pagará nada para participar desta pesquisa. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida das Engenharias s/n – 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81)2146-8588 – e-mail: cepccs@ufpe.com)**.

(assinatura do pesquisador)

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO
DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIA**

Eu, _____, de CPF _____, abaixo assinado, após leitura (ou escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “Transmissão Materna de Valores a Crianças”, como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e Data: _____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento esclarecido sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (2 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____